Revista da Semana

ANNO XXIX -- N. 3 7 de Janeiro de 1928

Pense no seu Futuro !

Só Ficam Velhos e Encanecem os Descuidados

Combata a velhice prematura que lhe é imposta pelos cabellos brancos.
Para isso, porém, é preciso pensar muito na escolha de um producto que lhe possa assegurar o resultado tão almejado, sem comprometter o futuro.

Podemos garantir-lhe que a Loção Brilhante, o grande especifico capillar, restituirá sem prejuizo algum a côr natural primitiva aos cabellos, tornando-os cheios de vigor e belleza e dando-lhes juventude real.

A LOÇÃO BRILHANTE age tonificando o bulbo capillar. Não é tintura. E' um especifico approvado pelo Departamento de Hygiene do Brasil e recommendado pelos principaes Institutos Sanitarios do Estrangeiro.
Formula do grande botanico Dr. Ground, cujo segredo custou 200 contos de réis.

Nada lhe pode ser mais convincente do que experimentar o poder maravilhoso da Loção Brilhante.
Não se esqueça. Compre um frasco hoje mesmo. Desejamos convencer-lhe até á evidencia sobre o valor benefico da Loção Brilhante.

Loção Brilhante

A LOÇÃO BRILHANTE está á venda em todas as Drogarias Pharmacias, Barbeiros e Casas de Perfumarias. Si não encontrar LOÇÃO BRILHANTE no seu fornecedor corte o "coupon" abaixo e mande-o para nós, que immediatamente lhe remetteremos pelo Correio um frasco desse afamado especifico capillar

COUPON Srs. ALVIM & FREITAS
C. Postal 1379 — S. Paulo

Junto remetto-lhes um Vale Postal da quantia de 10$000, afim de que me seja enviado pelo Correio um frasco de LOÇÃO BRILHANTE.

NOME..........
RUA..........
CIDADE..........
ESTADO..........

ESTA REVISTA CONTEM 44 PAGINAS

ANNO XXIX | Rio de Janeiro, 7 de Janeiro de 1928 | NUMERO 3

NÃO entrarás n'aquelle quarto — dizia-lhe sempre o marido ao sahir; e, já na porta, ao dar-lhe o beijo de despedida, insistia cauteloso e categorico: naquelle quarto, lembra-te sempre, não deves entrar!...

— Mas que cousa existe lá? — inquiria a mulher curiosamente...

— Não te adianta saber... tem presente, entretanto, que a nossa felicidade depende do cumprimento deste aviso: não entres naquelle quarto!... E sahia.

A curiosidade substituia então a presença do marido. Sem a ascendencia dominadora do esposo a vencer-lhe os impulsos, o espirito daquella creatura entregava-se ás mais variadas conjecturas: que seria? que teria aquelle quarto mysterioso? que facto extranho ali se verificaria? Era de endoidecer. Seu marido só penetrava nelle emquanto ella dormia e, certa vez em que ella simulára somno profundo, espreitára que um cerimonial mystico precedia á entrada: o marido levantára os braços como uma dupla saudação á romana, curvára-se após e, ao erguer-se, penetrára *ao grave* no aposento, de olhos muito abertos e parados como um fetiche... Tudo isso se fixava em seu pensamento, mas logo as imagens mais absurdas substituiam-se sem logica nem sequencia, interpenetrando-se as mais heterogeneas como um jogo de transformismo virtual!

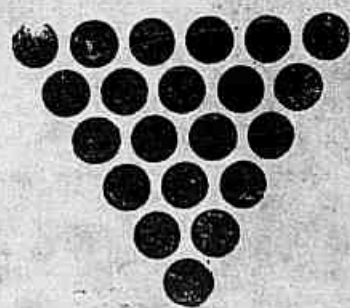
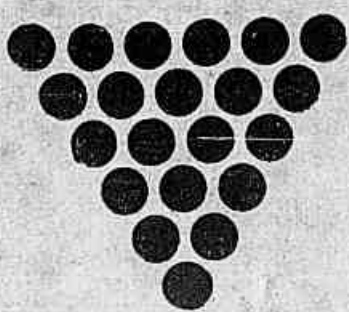
Tranquilizava-se, ás vezes, e apparentemente calma tomava a resolução final: penetraria no quarto desvendando aquelle segredo, acabando assim com aquella obsessão permanente, custasse o que custasse. Encaminhava-se para a porta, mas vagarosamente, por calculo, com a presciencia da fragilidade da sua decisão, ganhando com a lentidão do passo o tempo de arrepender-se. A coragem transigia com o receio e... ella retrocedia... retrocedia para a curiosidade.

Durava muitos dias essa situação sem resultado algum: resolução de entrar e... irresolução para entrar naquelle quarto. Mudou de tactica afinal: isto de se abrir de vez uma porta de encontro ás determinações de um marido é cousa muito reprovavel: não, isso nunca faria! Mas... que custava lançar uma vista d'olhos sobre o mysterio?... E começou por onde começam as curiosidades femininas: pelo buraco da fechadura!

Um dia... cautelosa, tirou a chave e espreitou. Recuou espantada mas com o espanto da decepção. Todas as visões que mobilisára, todos os horrores que futurára, todas as cousas monstruosas que suppuzéra resumiam-se na cousa mais simples que se possa imaginar dentro da moldura de um corte em espelho de trinco. No meio do quarto, pintado a negro, mal illuminado pela luz tresmalhada das venezianas cerradas, ella vio apenas uma garrafinha fechada, e dentro della qualquer cousa que a attrahia como uma joia. Eis ahi o assombro, commentava. Que tola que fui! Tanta angustia, tanta lucta por tão pouco. E, refazendo-se do susto, desdenhando da *blague*, sorrio satisfeita e abrio de vez a porta: a garrafinha appareceu então com toda a sua simplicidade de botijão de museo tamponado com algodão. A mulher tomou-a rapidamente e com espanto real vio-lhe o conteúdo curioso: uma miniatura de anjo, branco como garças, azas angustiadas pelas paredes de vidro, supplicava-lhe ajoelhado que o soltasse destampando a garrafinha. Por fóra um rotulo com caracteres estranhos. A principio nada comprehendeo do singular caso. Lá de dentro, porém, o minusculo prisioneiro renovava suas supplicas: «Solta-me querida! Dar-te-hei thesouros e venturas! Solta-me, tira-me deste carcere onde a maldade de teu marido me enclausurou! Livra-me que tambem te livrarei das tuas mágoas e dôres. Serás feliz, felicissima... a mais feliz de todas as mulheres»... E a voz em chôro perturbava-lhe o raciocinio pela doçura do timbre e a segurança com que infundia piedade. Quiz indagar, quiz saber quem era aquelle entezinho humilde e bom; mas as supplicas redobravam e por fim, vencida pelo sentimentalismo, destampou o vidro: ouvio um chiado a principio e, tal como nas garrafas de *champagne*, um estouro cheio e forte... uma nuvem... e quando a nuvem se dissipou surgio-lhe pela frente, de capa e espada, de cornos e patas esporeadas, a figura esguia e vermelha de Satan. A mulher acantorára-se surprehendida; Lucifer sorridente saudou: ella correspondeu-lhe amavelmente. «Obrigado, disse elle; tiraste-me de bôa!» A curiosa comprehendeo então toda a cilada em que cahira; veio-lhe á mente, já agora justificado e razoavel, o aviso do marido. Libertára o diabo! Havia acreditado nas lamurias de todo satanaz que se faz anjo ao pedir... mas não se perturbou, veio em seu soccorro o poder de improvisação que é o apanagio das mulheres. Não ha difficuldade brusca que não tenha para ellas a sua solução instantanea e certa. Ella marchou firme para o demo e disse-lhe: "Nada tens que agradecer (não me parece extranhavel que uma mulher trate o diabo com intimidade), não foi a ti que eu libertei! Estás enganado, vae-te, não tentes tentar-me." «Como não hei de agradecer si me fizeste voltar á actividade escapando-me da botelha?" retorquio Pedro Botelho. «Não me agradeças, já disse. Como poderias tú, um diabo grande como seiscentos diabos, estar dentro de uma garrafa tão pequena?» — E assim teimando proseguiam, quando Satan resolveo vencel-a: «Sim, era eu mesmo e provo-t'o, se me deres tua alma». «Feito» — retorquio ella. A esta voz Lucifer penetra na garrafinha e a linda mulher, sagazmente, arrolha-a com rapidez...

. . . .

A historia é velha, mas sempre opportuna... Artificios de mulher! Quem ha capaz de livrar-se delles? Alguns escapam aos artificios exteriores, mas áquelles creados pela sua perspicacia e finura ninguem se subtráe. Ellas sabem pintar as cousas como se pintam a si mesmas... e assim até as cousas feias ficam lindas, tão lindas... que só um homem artificial dellas não gostará...

J. C. Dias Costa

O RETRATO

CONTO DE PIERRE NEZELOF

ANNA Maria Sermonne não se lembrava absolutamente de sua mãe, a quem perdera na edade de dois annos. Muitas vezes tinha feito longos e pacientes esforços para recordar um traço daquella physionomia, uma inflexão daquella voz, uma caricia daquella ternura... Com o coração batendo, tentara devassar o passado com a ansia dos garimpeiros querendo arrancar do flanco da montanha ingrata uma pepita de ouro... Nenhum vestigio, nenhuma reminiscencia lhe acudia.

Por mais longe que fossem as suas recordações, revia apenas o semblante melancolico de seu pai... Reconstituia então episodios numerosos da vigilancia paterna, inquieta e como receosa de não acertar... Desde que, porém, passasse a pensar em sua mãe, tudo se reduzia a uma sombra informe correndo-lhe na memoria... Ao demais, nada ao seu redor podia emprestar a tal sombra uma parcella, embora fugidia, de vida... Anna Maria não possuia objecto algum, photographia, desmaiada que fosse, madeixa de cabellos, trabalho manual, que lhe avivasse a imagem da mãe. Fugindo do lar enluctado como se nelle se houvesse declarado incendio, Sermonne desfizera-se da antiga casa e de tudo o que nella continha, á excepção apenas de uma pequenina secretaria Luiz XVI que ninguem mais abriu...

Anna Maria crescia e embellezava a olhos vistos. Muitas vezes pensava em sua mãe, da qual unicamente subsistia, para ella, a grande mágoa de que Sermonne se mostrava inconsolavel. E a moça dizia comsigo: "Seria ella bonita? Parecer-me-hei com ella?" E não ousava interrogar, a tal respeito, o pae, com receio dalguma palavra imprudente que o melindrasse... Um dia, porém, aventurou-se:

— Escuta, papae... Gostava tanto de ter um retrato de minha mãe... Não haverá por ahi algum?

Sermonne estremeceu, com o rosto subitamente transtornado:

— Talvez, minha filha... Vou procurar...

Não tornou, porém, a fallar nisso e Anna Maria não teve coragem de insistir. Foi passando o tempo. E Anna Maria tinha a impressão de que a ternura de seu pae se ia tornando cada vez mais vigilante e mais inquieta...

***

Quando Anna Maria chegou aos dezoito annos, na vespera justamente de completar essa edade, seu pae deu-lhe um cofrezinho e um pacote arranjado, conservado a capricho:

— São as joias de tua mãe e o vestido que ella poz no dia do nosso noivado. Gostaria de te ver amanhã com esse vestido e essas joias... Queres me dar esse prazer?

A moça levou aquelles objectos para o seu quarto, como quem carrega o thesouro mais precioso. Abriu o pacote. Era um vestido de estylo, em tafetá cor de rosa. Desdobrou-o, com certa emoção. Parecia feito para ella. E nunca Anna Maria havia de esquecer a scena do dia seguinte quando, adornada daquella toilette, entrou na sala de jantar onde seu pae a aguardava. Ao vel-a, Sermonne recuou, pallido de morte, com os dedos crispados, como diante duma apparição. Depois, fechou um momento os olhos. Ao reabril-os, parecia senhor de si, transfigurado por uma especie de miraculosa certeza. E durante o resto da noite não cessou de olhar a filha, extasiadamente...

***

No mesmo anno, prescreveu o medico a Anna Maria uma longa estação á beira-mar. Sermonne foi com ella para uma praia da Bretanha. Anna Maria fez relações, jogou o tennis, dansou, deu passeios de barco... Um dia, disse-lhe o pae, num tom de voz pesado, arrastado...

— Sabes, Anna Maria? Um desses rapazes que dansam comtigo, Jorge Ruveau, veiu me pedir a tua mão...

— Ora essa! E o senhor que lhe respondeu?

— Que estavas ainda muito nova para casar... declarou elle, embaraçado. — Fiz mal?

— Fez muito bem. Não suporto esse cavalheiro. Depois, não me quero separar do senhor. Que seria de nós, papae, um sem o outro?

Sermonne não disse mais nada, mas tomando a filha nos braços apertou-a ao peito, com uma vehemencia que bem demonstrava o effeito daquellas palavras no seu cor-

Ora, algumas semanas depois, chegava á praia e era apresentado a Anna Maria um joven e guapo engenheiro, Roberto Jacquelin. Logo da primeira vez que o viu, ella teve o presentimento de qualquer cousa de novo e maravilhoso... O rapaz era alto, forte, de feições e maneiras nobres; a sua voz, de tons penetrantes, produzia em Anna Maria um mysterioso effeito de encantamento; e assim, quando elle declarou que a amava e a queria para esposa, soube a moça o que era a volupia de entregar o coração sem lucta nem resistencia...

No dia seguinte, apresentava-se-lhe o rapaz com o semblante transtornado, crispado de angustia.

— Roberto! exclamou ella. — Que aconteceu? Fallou com meu pae?

— Fallei. Tratou-me com a maior dureza, a maior injustiça... Quasi me poz na rua. Mostrou-se inflexivel como uma muralha. E não me deu sequer a explicação da sua recusa.

— Está bem... disse Anna Maria. — Agora sou eu que fallo com elle.

Encontrou Sermonne enterrado numa poltrona, com o olhar perdido ao longe... no mar.

— Papae, disse ella, o sr Jacquelin veiu fallar com o senhor?

Sermonne estremeceu como uma pessoa apanhada em flagrante:

— Veiu... ainda agora...

Anna Maria comprehendeu que, se o não tivesse interrogado, nunca elle lhe contaria tal visita. Sentia-se, porém, cheia de coragem, de resolução, e proseguiu:

— O sr. Jacquelin veiu pedir a minha mão... Por que lh'a negou o senhor?

— Não me parece um homem muito saudavel... Além disso, as suas condições de fortuna...

— Mas isso são pretextos, papae! E o que eu desejava saber era a razão, a razão!

— Espera, meu amor... Eu te explico. A razão... — E ao cabo de uma curta pausa, numa voz afflicta, supplicante: — Mas então, já me queres deixar, Anna Maria?

— Roberto ama-me, meu pae, e eu o amo...

— Cala-te!

— Amo-o, sim, amo-o! E o senhor não quererá de certo ver-me infeliz, para sempre...

E destou a chorar diante do pae, que estendia para ella as mãos desesperadas.

Nos dias que se seguiram, Anna Maria manteve-se numa reserva silenciosa e hostil; e Ser-

Um Protesto!

Homens Sem Honra!

De volta da minha ultima viagem a Nova York e Buenos Aires, tive a surpreza de ver que augmentaram muito nos jornaes, durante a minha ausencia, as cópias e imitações mais vergonhosas dos meus annuncios.

No Rio de Janeiro, São Paulo e outros Estados do Brasil.

Em Pernambuco um pharmaceutico teve a audacia de copiar, palavra por palavra, o annuncio do meu remedio *"Ventre-Livre."*

Em S. Luiz do Maranhão, outro, tão cynico quanto o primeiro, tambem copiou palavra por palavra o annuncio do meu remedio *"Regulador* ***Gesteira."***

Aqui, em Belém (Estado do Pará), ainda um outro, com uma velha drogaria de terceira ordem, levou o cynismo ao ponto de passar a assignar-se Doutor e de copiar, de uma maneira verdadeiramente revoltante, os meus Livros, em que explico a acção dos meus tão conhecidos remedios.

Até isto!!

E assim muitos outros mais, todos elles tão indignos, tão vis, tão desprezíveis que tenho repugnancia de cital-os.

Só queimados vivos, estes patifes!!

Augmentando, cada vez mais, o numero destes deshonestos resolvi chamar a attenção dos doentes, para que se não deixem enganar.

Um homem que imita e copia annuncios ou Livros de remedios alheios dá uma prova publica de que é um homem sem honra e sem intelligencia!

Sim! sem honra e sem intelligencia!!

E um homem sem intelligencia para escrever um annuncio ou um Livro não poderá nunca ter capacidade para estudar e descobrir um bom remedio!

Publíco este protesto, para que ninguem seja enganado.

Ha, felizmente, em todas as partes do Brasil, pharmacias e drogarias de inteira confiança, onde se podem comprar *"Regulador* ***Gesteira,"*** *"Ventre-Livre"* e *"Uterina,"* sem que sejam trocados por beberagens que nada valem.

Estes meus remedios vendem-se hoje em muitos paizes importantes.

Tão grande é a procura no estrangeiro, e tão exagerados e exorbitantes são os impostos no Brasil que me vi obrigado a montar outro Laboratorio na America do Norte, para poder fabrical-os e vendel-os nas outras nações por preços mais baratos.

O endereço do meu deposito na America do Norte é o seguinte: *Maiden Lane,* 129—NOVA-YORK.

De lá é que eu remetto para todos os paizes estrangeiros.

Da America do Sul, basta falar em Buenos-Aires, a sua cidade maior e mais populosa, e onde ha um enorme rigor na approvação dos remedios.

Pois bem: em Buenos-Aires os meus remedios são vendidos de uma maneira tão extraordinaria e vão augmentando tanto de procura que resolvi estabelecer lá um grande deposito.

Os meus depositarios em Buenos-Aires são os grandes industriaes Srs. Badaraco & Bardin, proprietarios da *"Pharmacia Franco-Ingleza,"* a maior pharmacia do mundo; *leiam bem: a maior pharmacia do mundo!*

A grande *Pharmacia Franco-Ingleza* tão admirada em Buenos-Aires, só acceita a representação de remedios de primeira ordem e inteira confiança.

O endereço da *"Pharmacia Franco-Ingleza"* é o seguinte: Calle Sarmiento n. 581, Buenos-Aires.

Com os endereços que dei de Nova York e Buenos Aires, qualquer pessôa poderá verificar se digo ou não a verdade, escrevendo para obter informações.

A verdade, a grande verdade é esta: os meus remedios se vendem tanto e vão augmentando cada vez mais de procura, no Brasil e paizes estrangeiros, porque são realmente bons e preparados com todo cuidado, maximo rigor e consciencia.

Sim!—*"Regulador* ***Gesteira,"*** *"Ventre-Livre"* e *"Uterina"* são esplendidos remedios descobertos por mim, depois de muito trabalho e prolongados estudos!

Os homens sem honra nem intelligencia, que copiam e imitam os meus annuncios e Livros, perdem, portanto, o seu tempo e não hão de poder enganar a ninguem.

Patifes!!

UMA DECLARAÇAO:

O Dr. J. Gesteira julga tambem conveniente declarar que não tem filial no Rio de Janeiro, nem em cidade alguma do Brasil.

O seu Laboratorio, no Brasil, é em Belém, Estado do Pará.

Declara-o, para evitar que certos individuos sem escrupulos continuem a exploração torpe de seu nome, dizendo-se seus socios no sul do Brasil, como tem sido informado por dedicados amigos.

UM PEDIDO AOS GERENTES DE TODOS OS JORNAES BRASILEIROS:

Fazendo questão de publicar este meu protesto em todos os jornaes brasileiros, sem excepção de um só, desde os das grandes capitaes e importantes cidades aos dos logares mais longinquos e modestos, peço aos Gerentes de todos elles que me escrevam informando o preço da publicação na 1.a, 2.a e 3.a paginas.

Quero saber quantos jornaes ha no Brasil, sem o esquecimento de um só!

Belém, Estado do Pará, Avenida de Nazareth, n. 95.

Dr. J. Gesteira.

monne andava ao redor della como no quarto dum doente a quem não pudesse livrar da morte... Uma noite, finalmente, disse-lhe:

— Tens razão, minha filha... Obedece aos teus sentimentos. Casa com elle.

Desde então precipitaram-se os acontecimentos. Deslumbrada de jubilo, Anna Maria pensava no dia das bodas, nos amigos que assistiriam á cerimonia, nos preparativos da viagem nupcial — sem por sombras imaginar o que seria, no momento das despedidas, a figura do pae, atormentada e succumbida...

***

Quando ella voltou, dois mezes depois, encontrou um pobre velho...

— Papae! exclamou, antes de mais nada, Anna Maria — Se soubesse como sou feliz! E acariciando-o, seductora, acrescentou: — Mas diga-me porque recusou, a principio, a minha mão a Roberto? Nem elle nem eu podemos atinar...

Sem dizer palavra, Sermonne levantou-se e dirigiu-se á secretária Luiz XVI que Anna Maria nunca vira aberta. Abriu uma gaveta, tirou um quadrinho de esmalte e passou-o ás mãos da filha.

Anna Maria tomou o objecto, olhou-o e mal conteve um grito. Via a sua propria imagem como a um espelho — os mesmos olhos escuros, o mesmo nariz delicado, a mesma boca cheia de ternura, feita para a alegria de viver...

— Mamãe? E' mamãe? murmurou ella, attonita.

Sermonne baixou a cabeça e a filha poude distinguir estas palavras sumidas:

— Sim... Era ella... Ereis vós ambas... E ambas me deixaram...

E Anna Maria comprehendeu subitamente por que, no dia do casamento, o pae tinha o semblante tragico, desesperado daquelles que, nas estações de estradas de ferro e nos caes, vêem fugir-lhes alguma coisa, para sempre...

Oculos á moda

Algumas pessoas enganam-se crendo que não convem levar oculos com traje de etiqueta. Pelo contrario, a moda tem providenciado que V. S. conserve a vista sem nada sacrificar da elegancia do vestuario. Os oculos de aro branco sem cercadura, fabricados por Bausch & Lomb, prestam tanto para as funcções sociaes como para o uso diario. Levam-n'os as pessôas que desejam ver bem e estar á moda. Livre V. S. a sua vista do cansaço que produzem as fortes luzes do salão de dansa ou do theatro!

Com prazer mandaremos a V. S. um folheto descriptivo.

A' venda nas bôas lojas de optica.

AGENTE PARA O BRASIL

J. PINHO

RUA DA ASSEMBLÉA 32 — RIO DE JANEIRO

Caixa Postal 1126

BAUSCH & LOMB OPTICAL CO. — ROCHESTER, N. Y., E. U. A.

PENSAMENTOS

Os amigos verdadeiros são parentes escolhidos por nós.

ERNEST LEGOUVÉ.

A vida é uma tragedia para aquelle que sente e uma comedia para aquelle que pensa.

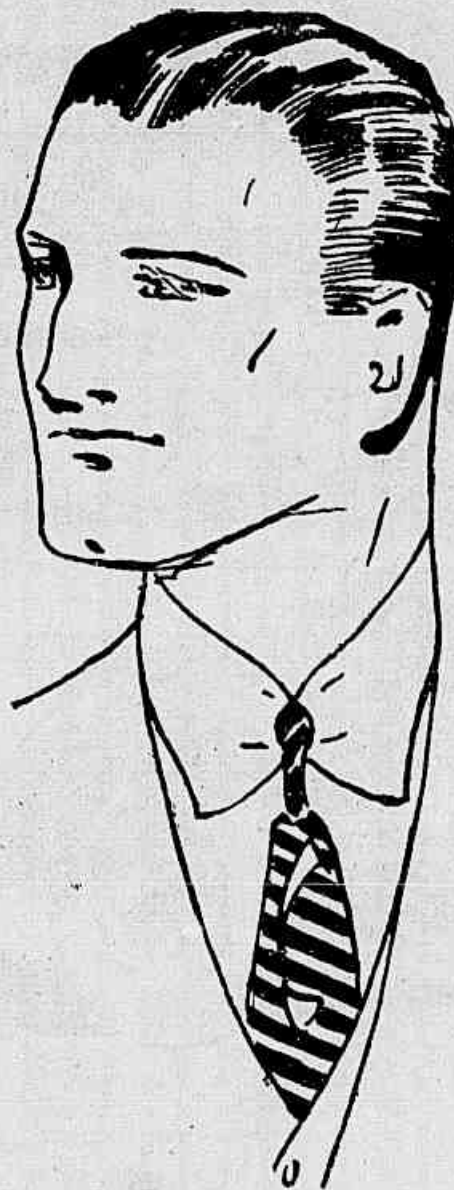
LA BRUYERE.

Tudo que se faz de grande no mundo é feito pelo dever; tudo que se faz de máo é feito pelo interesse.

LACORDAIRE.

Nova York, Dezembro

PEQUENOS DETALHES

Muito influe no conjunto a questão do collarinho. Já não falamos nos collarinhos duros ou de pontas reviradas, mas nos molles costumeiramente usados por todos os homens.

Muitas vezes, a altura de um collarinho basta para desfazer o effeito da elegancia de um homem muito bem vestido, simplesmente porque não soube calcular, deante do espelho, a proporção que deve haver entre o collarinho, a cabeça e os hombros. Quantas e quantas vezes vemos collarinhos que nos dão a impressão perfeita de que se trata de colleiras!

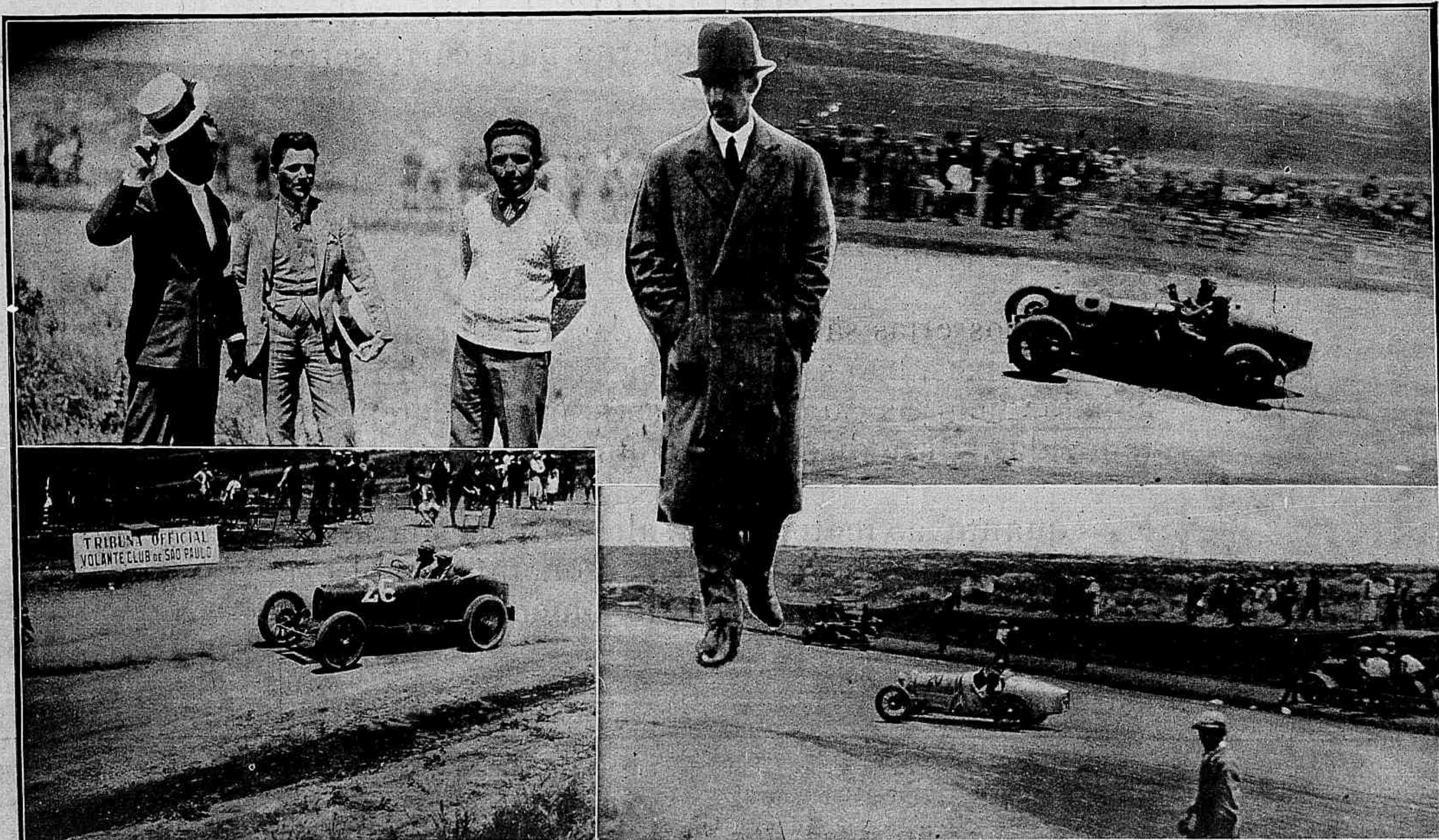
Outro pequeno facto, para o qual chamamos a attenção dos nossos leitores, é o seguinte: devemos sempre usar grampos especiaes para apanhar ambas as pontas do collarinho molle por debaixo do nó que se dá á gravata.

SIMPLICIDADE DE GOSTO E DE MANEIRAS

Laboram em grande engano as pessoas que pensam que a elegancia se consegue com vistosas, complicadas e custosas roupas e com gestos de theatro. Não pode haver mais redondo engano.

A elegancia consegue-se justamente com ingredientes oppostos. E' com o espirito de simplicidade, com a discreção de maneiras, com o gosto apurado pelas cores suaves, macias e nobres que se consegue justamente o maximo de elegancia.

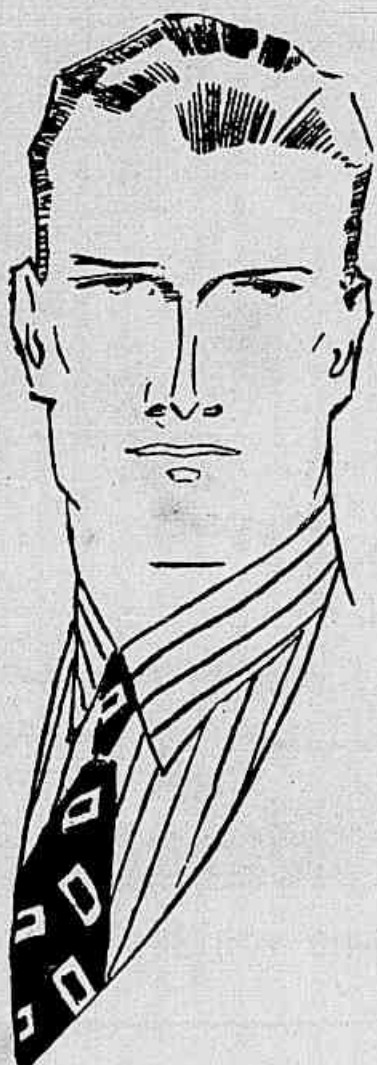
Quantas e quantas vezes vemos na rua

cavalheiros, sem uma côr a mais, com gravatas simples, combinando com camisas listadas, usando trajes muito bem cortados, e não podemos deixar de exprimir a nossa admiração pela elegancia

A GRANDE CORRIDA DE AUTOMOVEIS REALIZADA EM S. PAULO, SOB OS AUSPICIOS DO «VOLANTE CLUB» DAQUELLA CAPITAL. — Ao alto os tres directores do «Volante Club»: dr. Heitor Cunha, presidente; Astarojé Rocha, secretario, e Henrique de Almeida Filho, director sportivo. Ao centro: o sr. conde Eduardo Mattarazzo, patrono e principal animador do grande prova dos 379 kils. A seguir, varios aspectos da grande corrida na Villa Heliopolis, no segundo arco da estrada de Santos, que veio movimentar o mundo sportivo da Paulicéa. Essa foi a maior prova automobilistica da America do Sul.

e pela simplicidade da pessoa a que nos referimos. E, no emtanto, outros vemos usando caras camisas de seda, dispendiosas gravatas, enormes anneis e alfinetes, dando em resultado uma impressão de riqueza exuberante e nunca de verdadeira elegancia.

GRAVATAS

Quem diria que as gravatas simples, cobertas com quadradinhos singelos, usa-

das ha muito tempo, se transformariam nos padrões mais em conta por parte do publico elegante desta cidade, nestes ultimos tempos.

Em virtude da sua encantadora simplicidade, podendo ser combinadas facilmente com as camisas listadas, que hoje toda a gente adopta, essas gravatas rapidamente conseguiram a sympathia do publico, podendo dizer-se que hoje em dia são as que mais se usam por toda a parte.

Quando pensarmos em combinar essas gravatas com camisas listadas, devemos pôr sempre as cores de par a par, em magnifica combinação.

O QUE USAR COM UM TERNO AZUL ESCURO

Eis uma pergunta que me tem sido muitas e muitas vezes feita. Toda a gente de gosto conhece a importancia que um terno azul escuro desempenha no guarda-roupa de um homem.

Ha dias, porém, vi um novayorkino admiravelmente vestido, que pode servir no caso de paradigma. Terno azul es-

curo, combinado com uma camisa listada de branco e rosa, lenço de foulard marron com quadradinhos azues e chapéu de feltro cinzento claro.

O azul escuro tambem fica admiravelmente combinado da seguinte maneira: camisa violeta, lisa, com collarinho da mesma côr. Gravata azul escuro listada de preto e laranja fortes. Lenço de seda azul, com xadrezes vermelhos.

A combinação mais simples, mas uma das mais impressionantes, é a seguinte: camisa azul lisa ou listada de branco; gravata azul, com pintas brancas; lenço azul com pintas vermelhas. Fica muito bem com modelo jaquetão.

JOHN SULLIVAN

Escola Provisoria de Cavallaria — Turma dos sargentos de 1927, após a terminação do respectivo curso. Ao centro, sentado, o commandante da Escola, ten. cel. Almerio de Moura, ladeado pelos instructores, da esquerda para a direita: ten. Borba, ten. Edwy, commandante Colin, da M. M. F.; cap. Alkindar, ten. Keller e ten. Gilberto.

ANIMAES DE EXPORTAÇÃO

Foram remettidos o mez passado da Inglaterra para a Nova Zeelandia dois casaes de rouxinoes.

Poderão os mimosos cantores aclimatar-se nas florestas austraes? Ou tentarão voltar ás Ilhas Britannicas, effectuando um raid deveras perigoso por sobre o continente australiano, a Asia e a Europa?

A fauna e a flora australianas têm sido consideravelmente enriquecidas com a importação de especimes procedentes do hemespherio boreal. Ovas de salmão e de truta, expedidos da Europa, suportaram perfeitamente a travessia. A caça australiana é constituida em grande parte por especies européas — e é sabido como os indigenas e os colonos lamentam hoje a instalação nos campos da Australia de alguns casaes de coelhos. Reproduzindo-se com espantosa fecundidade, o coelho tornou-se, naquellas paragens, um flagello que destróe grande parte das colheitas.

PENSAMENTO

As naturezas fracas são injustas quando decidem ser energicas.

João Barroca, Oscar Guimarães, Manoel Vargas e Jorge da Boa Hora, que realizaram uma prova de resistencia, em bicycletta, fazendo o circuito Rio-Petropolis-Rio. São os "raidmen" filiados ao C. C. 15 de Novembro.

O QUE VAE PELO MUNDO

1 — A assembléa da Liga das Nações em Genebra, presidida pelo sr. Thang Lo, delegado da China. Da esquerda para a direita: srs. Stresseman (Allemanha), Scialoja (Italia), Briand (França), Thang Lo, presidente, (China), Eric Drumond e Chamberlain (Inglaterra). 2 — A notavel escriptora italiana Grazia Deledda, premio Nobel de litteratura de 1926. Photographia recentissima, tirada no seu gabinete de trabalho, no dia em que lhe chegou a noticia de lhe haver sido conferido o premio. 3 — As inundações na Europa. Um aspecto novo de Veneza: a historica praça de S. Marcos debaixo d'agua. 4 — Ruth Bayton, a bella negra que ora se exhibe com successo no theatro das Maravillas, em Madrid. 5 — Um concurso original: mlle. Germaine Laurain, premiada no concurso de chapéos de papel, em Paris. 6 — Um novo aspecto photographico das cascatas do Niagara, entre o Canadá e os Estados-Unidos, separados pela famosa ponte internacional. 7 — A irmã do ex-kaiser, princeza Frederica Victoria, que, aos 63 annos, contrahiu matrimonio com o russo Alexandre Loubkoff, de 26 annos, sahindo do cartorio de registro civil, após as formalidades do casamento.

Cronica de Paris

Penteado para a noite e flôr para o hombro, de diamantes.
Cinto de gamo cinzento cuja fivella é formada por duas cabeças de arara em bijouterie.
Bolsa de couro havana e couro beige.
Guarda-chuva cujo castão é de galuchat.

Casacos de *appartement*, que se podem usar sob um manteau para os grandes frios. O primeiro, sem mangas, é de tricot, com desenhos formando triangulos azul marinha, nattier e rosa. O segundo, com mangas, é de velludo verde garrafa bordado a prata e *fourrure* cinza.
Bolsa, luvas e sapato condizentes, de pelle azul marinha trabalhada e pelle de serpente.

Paris, *Novembro de 1927*

AS TOILETTES FEMININAS

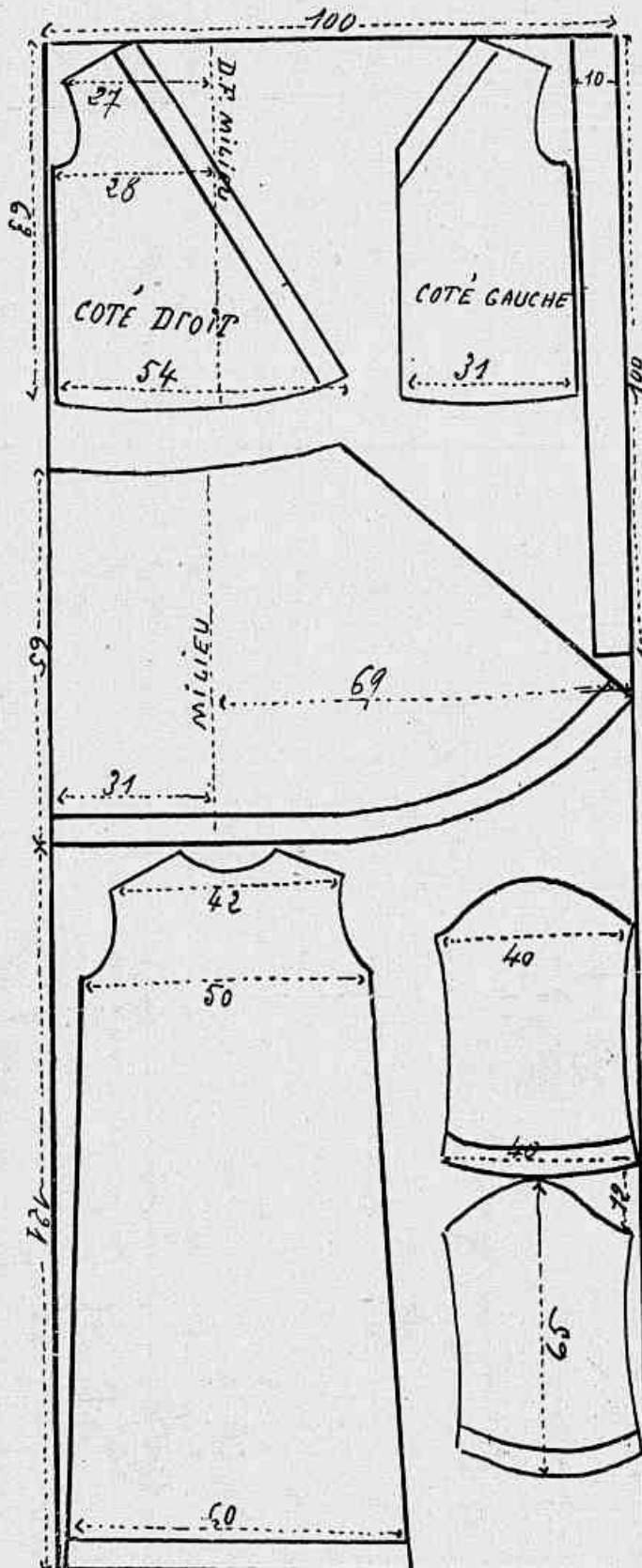
No começo de cada estação, todas as mulheres praticas buscam incansavelmente os modelos novos que, sem deixar de ser elegantes e attrahentes, são de facil execução. A moda varia sempre, mas sempre offerece uma série de encantadores vestidos, que pódem ser cortados por mãos medianamente habeis. Na actualidade, a moda não se acha tão avançada na sua evolução para o luxo que não conserve ainda modelos simples que, com a pura elegancia das suas linhas, seguem essa evolução, que no fundo obedece a causas mercantis, visto que a moda simples tinha tornado desnecessaria a modista, ou pelo menos a modista parisiense.

Um vestido para de tarde — por exemplo — pode fazêl-o uma amadora de costura, tendo o cuidado de que seja bastante decotado e com mangas, o corpo ablusado e saia larga por um lado, por meio de pregas e franzidos. Uns tres metros de crepon de China, setim ou crepe *marocain* ou uma lãsita, um galão do mesmo tecido para cercar o vestido e uma applicação de fantasia, para prender os franzidos das costas, bastam para a confecção de um vestido, cuja simplicidade é egual á sua elegancia. Convém ter em conta que os alardes da fantasia concretizam-se nas mangas, que são estreitas no punho, inchando depois de um modo subito até aos cotovellos, onde estreitam de novo para cingirem o braço até ao hombro. A manga larga, chegando até meia mão, como uma mitene, é tambem muito frequente, adornada com bordados que vão até ao cotovello.

Em materia de golas, o eclectismo é grande, sobretudo nas dos casacos. Tão depressa são grandes, até taparem por completo o rosto, como são estreitissimas golas-chales, *tour de cou* de pelles, que pareciam ter desapparecido da voga. Usam-se principalmente com os tailleurs e são muito confortaveis e muito uteis para evitar constipações e pneumonias quando se sáe de um logar quente.

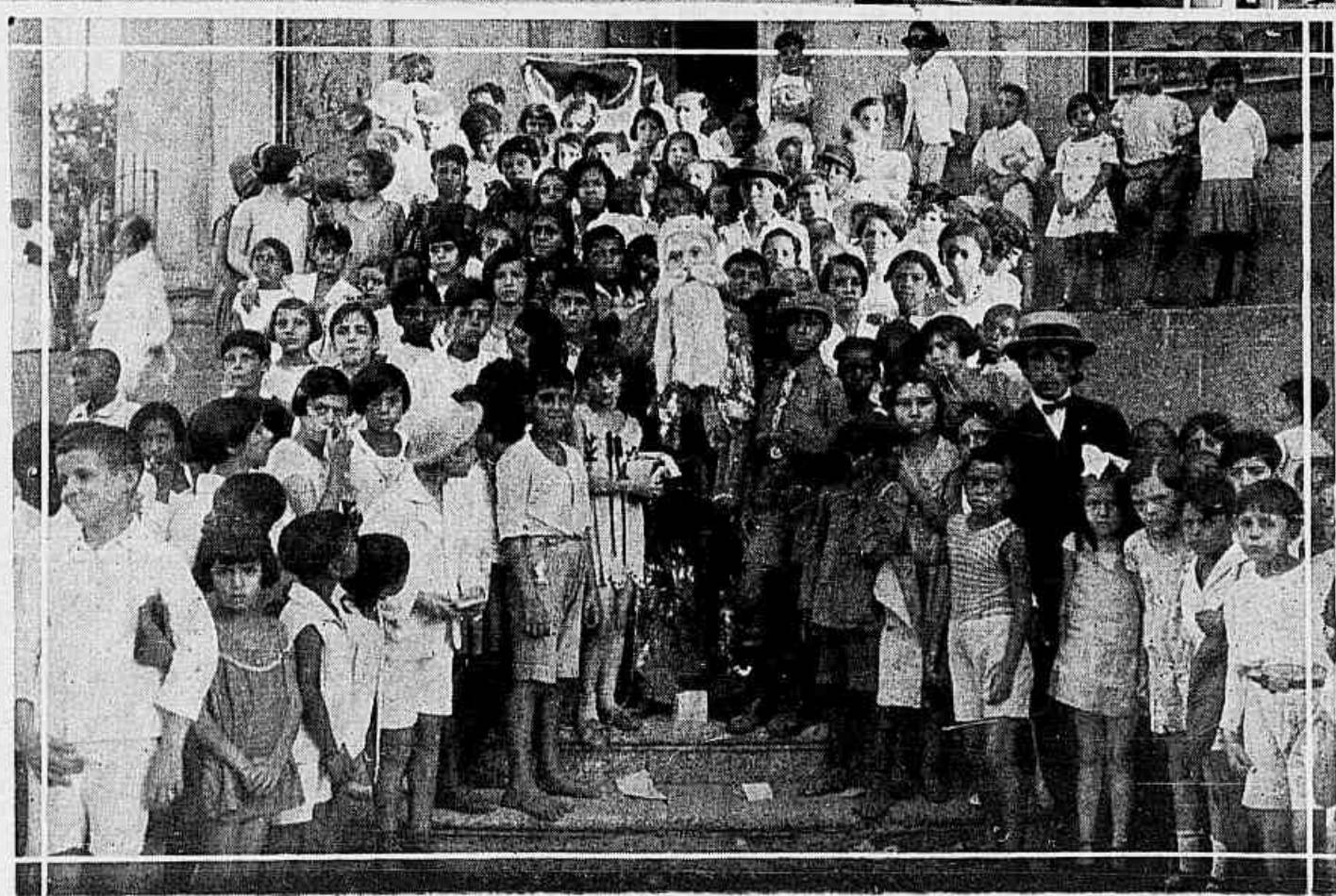
JACQUELINE.

(*Serviço do* Consorcio Internacional da Imprensa).

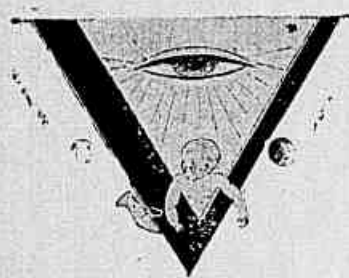
Vestido de crêpe *georgette* cinzento incrustado de renda de prata. Grande flôr ao hombro.

Lindo e simples modelo de vestido d'*apres-midi*, bastante decotado e com mangas. O corpete toma uma ligeira feição de blusa sobre a saia, que alarga do lado por um *enforme*.
Para um manequim 44 são precisos 2m. 50 por 1m. de largura. Pode ser de crêpe de China, crêpe setim, crêpe marocain estampado e até tecido de lã. Borda-se com um galão ou um viéz do mesmo tecido, mas de um tom opposto. Ao lado do cinto, prendendo os godets, póde-se collocar uma fivella ou um motivo de *bijouterie* de strass, o que completará a toilette.

O CULTO A' MEMORIA DE BILAC

Teve a mais alta significação patriotica a commemoração do 9.º anniversario da morte do grande poeta Olavo Bilac, o fundador da Liga da Defesa Nacional. Acompanhando o retrato do cantor da "Tarde", damos alguns aspectos da commemoração realizada pela Liga da Defesa Nacional. 1 — A visita ao tumulo do poeta, no cemiterio de S. João Baptista. 2 — A sessão solemne na Liga. Vê-se á tribuna o brilhante jornalista Diniz Junior, director de "A Noite", que fez um lindo elogio de Bilac. A seguir, vêem-se os srs. conde de Pereira Carneiro, general Tasso Fragoso, ministro Heitor de Souza, ministro Muniz Barreto, presidente da Liga; dr. Affonso Penna Junior, ex-ministro da Justiça, ministro Edmundo da Veiga e general Azeredo Coutinho. 3 — Aspecto tomado durante a sessão.

O Natal dos Anjos de Caridade

Os Anjos de Caridade da matriz da Gloria — a philantropica instituição que ora se vangloria de haver attingido ao primeiro milhar de anjos — deu este anno ao Natal das Creanças Pobres uma commemoração invulgar, não só pela extensão dos donativos e pelo numero de creanças que acudiram á festa, como pela variedade de divertimentos proporcionados. As gravuras que aqui se vêem fixam varias phases da distribuição de roupas, brinquedos e doces feita ás creanças pobres pelos Anjos de Caridade.

VENENO Nº 1

PELO DR. RENATO KEHL

VENENO numero um, ninguem ignora, é o alcool. Quem não o considera o peor inimigo da humanidade? Mesmo os que a elle estão escravisados (quando não embrutecidos de todo) apontam-n'o como o maior toxico.

E' terrivel, dizem elles, mas não se o pode dispensar. Homens e, mesmo, mulheres, com intelligencia e força de vontade para triumphar contra todos os obstaculos da vida, tornam-se inermes, acovardados, para vencer o desejo obsidente de tragal-o. Não podem, não conseguem abster-se — vamos a elle — e bebem o maior veneno — o veneno que os fará soffrer, que os estupidifica, que os rebaixa e mata, que anniquila a felicidade do lar e acaba degenerando e exterminando a familia.

— Vê lá um louco — é filho de um alcoolatra.

— Vê lá um mentecapto — é descendente de um ébrio.

— Vê lá aquella familia, maltrapilha e esqueletica, as crianças fazendo dó de magras, pallidas e feias — qual a causa? — O pae, coitado, deu para beber e abandonou o lar!

E assim vae o alcool dizimando, desmoralizando, abandalhando tudo.

O nosso paiz tem soffrido crises e vive quasi em crise — quem sabe lá se ella não é, em ultima analyse, consequencia do alcool que damnou o juizo de muitos de nossos homens de governo?

Ha um desastre na Central. Teria o cabineiro, o machinista, o signaleiro bebido?

Dispensam-se argumentos para demonstrar os males que causa o alcool, — cachaça, vinho fino, licor, cerveja ou champagne — tão evidentes são elles, dirão os leitores.

Nenhum toxico poderá arrebatar-lhe a primazia macabra, taes os estragos que causa. Actúa de modo subtil — engana a victima levando-a a pouco e pouco a transportes fugazes, para então lançal-a na desgraça.

Não se deve admittir normalidade psychica em individuo que se diz incapaz de vencer a tentação de um vicio. Não creio, repito, que se possa qualificar de equilibrado o individuo que se declara escravo do copo.

Sou tentado até a admittir o alcool como um recurso valioso de que se serve a natureza para exterminar os indignos de viver e, com elles, a sua progenie.

E' um fraco, um debil, um abulico — pois que o alcool o liquide!

Infelizmente, porém, esse processo de eliminação é deshumano, incomprehensivel a corações bem formados,

— visto arrastar á miseria muitas victimas innocentes, muitos lares dignos de melhor sorte.

Eis por que se combate este alfange terrivel que a morte poz entre os homens para a sua póda formidavel e tetrica.

Admittindo-se dois principios em todas as coisas, um bom e outro mau — pode-se dizer que o alcool encerra um insignificante principio util, para um maximo demoniaco. Assim Satan o fez para enganar; ninguem o teme, suppondo-o innocente. Não obstante, toda gente tem medo, mesmo, de tocar no veneno das serpentes, com a idéa de que basta o simples contacto delle para morrer. Entretanto não teme o veneno que extermina um individuo... até pelo cheiro, haja vista os que se intoxicam pela evaporação das adegas.

Alcool é tudo que leva alcool. Não se pense que só é alcool a cachaça, pinga, canninha ou mata-bicho dos caipiras e de muita gente bôa que não a dispensa a pretexto de «cortar» uma feijoada, de combater um resfriado ou sem pretexto algum.

O mais fino licor das casas ricas é alcool e quem toma um calice diario de licor está incluido na lista dos alcoolistas. Tanto mal faz um calice usado habitualmente, como sete calices tomados de uma vez, de sete em sete dias.

CADEIA

HOSPITAL

HOSPICIO

SERVIÇO DE HYGIENE MUNICIPAL ESTADO DE MINAS GERAES

O ALCOOL SEMPRE OFFERECE ESTES TRES CAMINHOS AO HOMEM. FAZENDO USO DE BEBIDAS ALCOOLICAS ESCOLHERAS UM DELLES.

Ha muita gente que por beber um copo de vinho ao almoço e outro ao jantar não se julga na classe dos amigos da «pinguinha». Poderá não ser um «pão d'agua», cachaceiro, ebrio, mas é um ethylista, um «alcool-suicida» moderado.

Erasmo Darwin disse que as familias dos que se dão ao uso de bebidas alcoolicas se extinguem na quarta geração, depois de haver descido toda a escala da degradação moral e physica. Os filhos de individuos que fazem ligeiro uso de alcool, seja sob a forma de vinho ao almoço ou ao jantar ou de cerveja, apresentam menor resistencia contra as doenças; são de desenvolvimento somato-psychico anormal e vitalidade mais ou menos diminuida. Kraepelin, estudando a acção da cerveja sobre a prole de 2 familias contando 216 nascimentos, verificou o seguinte: deram-se 33 abortos; 50 das 183 crianças que nasceram morreram na primeira infancia; das 98 cuja vida se poude acompanhar, 59 foram attingidas no desenvolvimento intellectual e 17 na constituição physica, restando apenas 23 que se mantiveram normaes.

Quer dizer que, de 216 crianças, salvaram-se apenas 23!

E ha individuos que se despedem da vida celibataria tomando uma bebedeira! E ha individuos que se embriagam pelo prazer fugaz de uma noitada de deboche! E ha individuos que fazem uso systematico, embora moderado, de bebidas espirituosas!

Vervaeck, director de um serviço de anthropologia, cita os seguintes numeros impressionantes de Boneville, que observou no seu serviço: 57 crianças idiotas, 25 retardadas mentaes, 361 epilepticas geradas de páes em estado de embriaguez.

Todo individuo de alguma consciencia horrorisa-se com a hypothese de casar-se e ter filhos anormaes e monstruosos. No emtanto, nem todos conseguem vencer a fascinação pelo toxico, tendo em vista a felicidade da prole. Elle faz esquecer os mais sagrados deveres de marido e de pae, de filho e de cidadão! Pois bem: o alcool, mesmo aos espiritos mais cultos e delicados, consegue extingir o amor ligado pelos laços de sangue. Um copo e uma garrafa fal-os olvidar a familia, contra a qual conspiram envenenando-se, roubando o pão e a paz, a saude e a vida.

O homem que bebe habitualmente deve lembrar-se de que, quando approxima o copo aos labios, levá, com braços invisiveis da desgraça, punhaes ao coração da esposa e dos filhos.

O maior mal do alcool é ser um veneno subtil, veneno que mata aos poucos. Fosse elle de acção fulminante e prestaria o inestimavel serviço de eliminar os debeis, os tarados e psychasthenicos incapazes de resistir á tentação do vicio.

O desatre social da hereditariedade alcoolica consiste no envenenamento directo das cellulas germinaes, embora os seus portadores se mantenham apparentemente sadios. Este envenenamento cria taras novas que, uma vez estabelecidas, se perpetuam durante varias gerações. Ha muitos individuos cujos paes são abstemios e que se apresentam carregados de taras e de soffrimentos por culpa de um avô ou bisavô que fôra alcoolista.

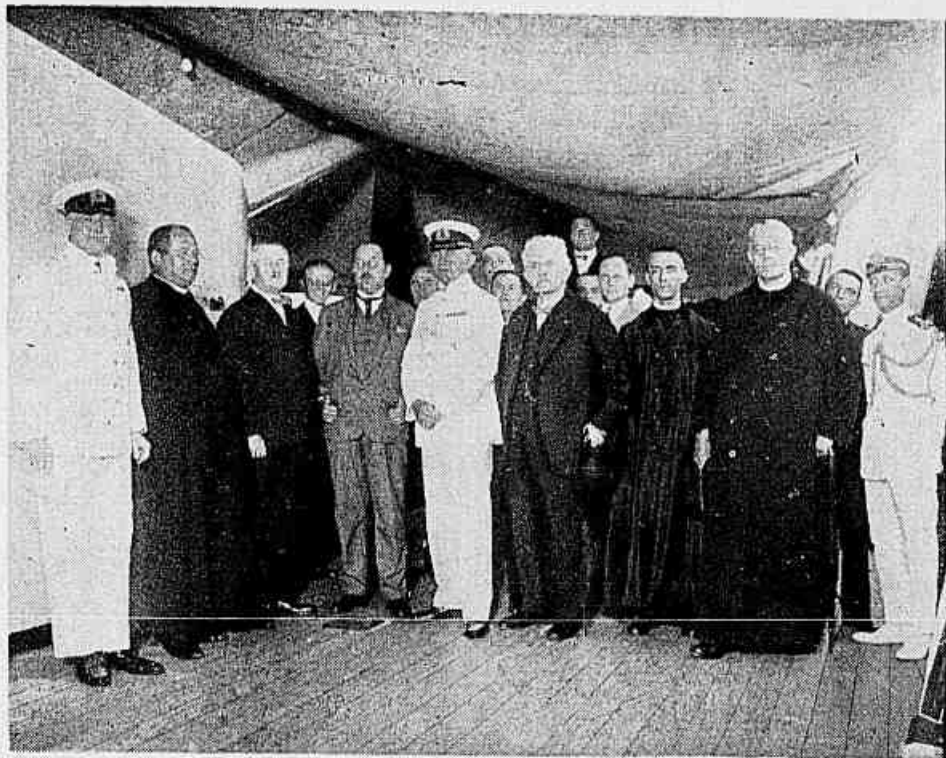
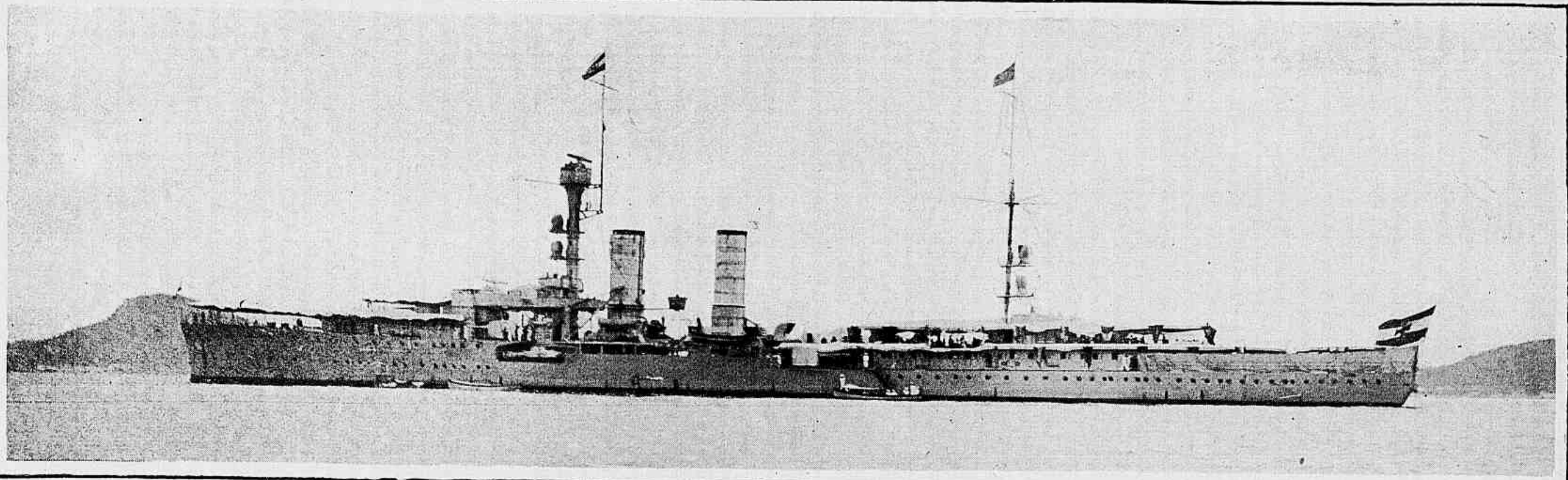
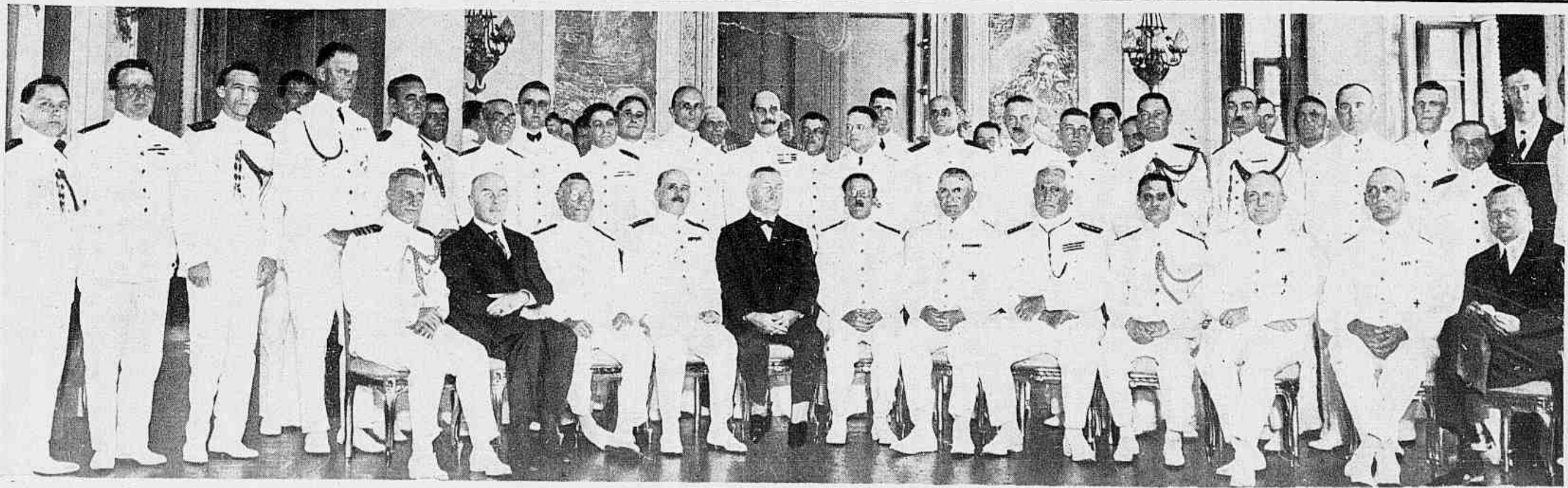
Em relação á prole, como disse na minha *Biblia da Saude*, existem exemplos innumeraveis e edificantes. O autor deste artigo conheceu um casal que teve duas duzias de filhos. O pae era um alcoolista inveterado e a mãe uma senhora hysterica, filha, por sua vez, de pae ébrio. Apenas oito filhos sobreviveram; dezeseis morreram prematuramente, na primeira infancia, ou nasceram mortos. Dos sobreviventes que se crearam, o mais velho, o menos sacrificado, ao attingir 30 e poucos annos apresentou-se com graves perturbações cardiacas e renaes; o segundo, já fallecido, tinha um braço curto e paralytico; o terceiro soffria de accessos nervosos e morreu tuberculoso; o quarto morreu em consequencia de um accidente; o quinto é uma moça com desordens psychicas, actualmente internada numa casa de alienados; o sexto é uma degenerada psychica, com tendencia para a alienação; o setimo falleceu após uma crise epileptica; finalmente, o oitavo é surdo-mudo. O filho mais velho casou-se, tendo tres filhos, um dos quaes disforme e dois de debil constituição. Dos vinte e quatro filhos, restam actualmente apenas quatro: um doente, um alienado, um em vias de alienação e outro surdo-mudo.

Apert confirma a influencia nociva deste flagello, dizendo: «o alcoolismo é hereditario, como o é a tendencia para o latrocinio ou para certas doenças; o estudo nos mostra que grande numero de alcoolatras são descendentes de ébrios».

Eis, como conclusão, o dilema: beber — matar.

E á vista disto, leitores amigos, dizei-me: tendes coragem de ser o assassino de vossos descendentes?

Dr. Renato Kehl

O "EMDEN" NA GUANABARA

1 — O "Emden", elegante cruzador allemão que, em viagem de instrucção, ancorou no nosso porto. 2 — O sr. ministro da Allemanha, commandante do "Emden", pessôas gradas e membros da colonia allemã, a bordo do cruzador germanico. 3 e 4 — Dois grupos tirados a bordo do "Emden" na tarde de domingo, durante a recepção dada á sociedade brasileira. 5 — No Club Naval. Grupo feito após o almoço offerecido pelo sr. ministro da Marinha, em nome da Armada Brasileira, á officialidade do "Emden". Ao centro, o sr. Hubert Knipping, ministro da Allemanha, tendo á direita os almirantes J. M. Penido, chefe do Estado Maior da Armada, e Isaias de Noronha, commandante da esquadra brasileira, e á esquerda os srs. almirante Pinto da Luz, ministro da Marinha, o commandante do "Emden" e o almirante Irvin, chefe da Missão Naval Americana.

Um Amigo de Flaubert

POR ESCRAGNOLLE DORIA

FLAUBERT, crucificado cinzelador da prosa, cujo calvario de producção artistica inspira respeito, assombro e dó, nutrio amores e amizades. Voando em diversas direcções na vida, levaram-lhe uns as salpicas do sangue do coração, outras um pouco da clar'dade da alma.

As mulheres, sobretudo uma, Luiza Colet, amargurararam a nativa doçura de Flaubert.

Atentaram-lhe a credulidade. Joeiradas as paixões ficavam-lhe sempre ganças de soffrimento. Dispersava-as o tempo, aos poucos. Tambem o vento, abanando o trigo, leva-lhe as alimpaduras.

Com os homens, não raro, Flaubert foi infeliz. Quantas vezes o nosso semelhante de nós differe! Flaubert teve amigos, alguns lhe deram desillusão a tragos. Um, Maxime du Camp, atraiçoou-o, offendeu-o gravemente, denunciou-lhe sem necessidade a epilepsia, tentando depois rehaver affecto. Quem se fia em céo estrellado e amigo reconciliado?

Flaubert, desde a infancia, revelou-se meditador e ingenuo. Divertia-se á custa d'elle um velho criado, pedindo-lhe: «vá vêr se estou na cozinha ou no fundo do jardim». E o pequenóte interrogava a cozinheira, perguntando pelo Pedro, triste com a zombaria de sua bôa fé.

Cresceu Flaubert n'um hospital de Ruão onde o pae clinicava. Na existencia d'elle, dolorida como a casa onde se criára, o celibato foi minorado pela amizade.

N'esta, confessa uma sobrinha de Flaubert, Carolina Commanville, «meu tio era de uma dedicação absoluta, fiel sem inveja, regozijando-se mais com o exito alheio do que com o proprio; mas nas relações amistosas de meu tio havia certas exigencias, por muitos a custo supportadas»...

O coração ao qual se ligára por amor commum da arte (e todos os seus affectos profundos tinham tal raiz) devia pertencer-lhe sem reservas.

O ról dos bons amigos de Flaubert apresenta nomes illustres, entre elles George Sand, Tourgueneff, Maupassant, afeiçoados áquelle de cuja penna, em correspondencia intima, á manga lassa, brotára um dia esta sentença: «o coração é uma riqueza que não se vende, não se compra, não se entrega».

Comparou tambem Flaubert, de outra feita, o viver humano á lebre sahida de bosque trevoso, lançada na planicie, para cahir em buraco fundo. Pobre lebre, no caminho quantas raposas, quantos lobos!

Entre os amigos de Flaubert se enfileirou Felix d'Arcet, membro de familia muito conhecida na sciencia e na sociedade franceza, familia de chimicos e hygienistas, primando pela intelligencia n'esse Pariz onde ella brilha secularmente.

Flaubert e Felix d'Arcet estimaram-se. O primeiro tacteava então na litteratura buscando rumo, já de amores com Luiza Colet.

Felix d'Arcet tambem se apaixonára, não por uma *bas bleu*, qual a Colet, que ao amante deu cabellos brancos.

A paixão de D'Arcet era fóra de carne. Tomou por amante a chimica industrial e no pendor não desluzia os seus, reforçando fama atavica. Não se encheu de amores por virgem pudica de cuja cortezia dependesse ou por cortezã impudica a cuja corporeidade se escravizasse.

Delirou, pelo bicarbonato de soda; tresvariou, pelo acido sulfurico; teve deliquios de amor, pelo hydrato de baryto.

Raros homens não desejam delinquir ás leis da pobreza. Felix d'Arcet ambicionou ao menos a *aurea mediocritas* tão do gosto romano.

Queria-a, e para obtel-a lembrou-se do Brasil, fiado no trabalhemos e reguemos, Deus fará com que alcancemos.

Diante dos seus desejos de emigrar levantava-se o exemplo de Lebreton, chefe da missão dos artistas francezes aportados ao Rio de Janeiro em 1816, esposo da filha de um dos D'Arcet, fallecido no Rio de Janeiro em 1819.

Veio D'Arcet para a nossa terra, onde não devia ser mais ditoso do que Lebreton, vinte e tantos annos depois d'este. A desgraça, qual o vento, sopra onde quér e onde menos a esperam.

Desembarcou D'Arcet no Rio de Janeiro do fim da primeira metade do seculo XIX. Reinava D. Pedro II, na majestade do throno e no principado dos vinte annos. Embóra no tisne da escravidão, que aliás manchou o mundo, o paiz progredia com pausa e segurança. Contava mais de sete milhões de almas, duzentas e cincoenta mil no Rio de Janeiro.

Era esta a capital das cadeirinhas, do caminho unico para Botafogo, do Campo de Sant'Anna aberto aos quatro ventos e a centenas de lavadeiras, dos annuncios curiosos em certas lojas: entrada franca, gosto pago, sahida livre.

Mostrava-se o Rio de Janeiro a ci-

A mascara mortuaria de Flaubert, moldagem do estatuario Bonnet — A aldeia de Croisset.

dade onde a rua Direita, de torta, não se podia rir dos transeuntes corcundas; a cidade das festas de igreja diarias, do entrudo, do enterro nos templos, dos armazens de café, do fogo de artificio, da festa do Divino, do irmão das almas, das solteiras bonitas, vestidas de preto como as viuvas. *Si elles pèchent ainsi contre les lois de l'hygiène, cet habillement leur sied á ravir*, disse um medico francez do tempo, o dr. Adolpho Rendu, que nos estudou de perto.

No Rio de Janeiro de 1846, D'Arcet relacionou-se e acreditou-se. Trocára o Pariz de Luiz Felippe pelo Rio de Janeiro de D. Pedro II, deixára o *boulevard* cheio de gente da móda: as senhoras de vestidos discretamente decotados, chapéos de formas razoaveis, chales de franjas leves fluctuando sobre as espaduas. Admiravam-as os homens, de sobrecasacas com mangas estreitas, amplas na gola e nas abas; calça folgada na cintura, estreita em baixo; cartola um pouco afinada, de abas largas sobre cabellos compridos, crespos ou encrespados.

Do caramanchel do Rio de Janeiro, D'Arcet lançaria vistas barra a fóra, no largo do mar, suspirando talvez pelo dia de tornar á Europa, rico ou pelo menos independente.

Mas cumpria antes cuidar da vida, como attesta um decreto, de 5 de Setembro de 1846, sanccionando e mandando executar uma resolução da Assembléa Geral. Autorisava o governo a emprestar, sem juros, aos subditos francezes D'Arcet e Dreyfus, metade da somma que lhes custasse a fundação de uma fabrica normal de productos chimicos. Não poderia emtanto elevar-se a somma emprestada a mais de 180:000$, ao cambio de 50 pence por 1$, mediante condições, entre as quaes a da instituição de uma escola de chimica pratica.

Tudo seria contrariado pela fortuna.

Trez mezes e dias após o decreto subscripto pelo ministro do Imperio, Joaquim Marcellino de Brito, morria D'Arcet, victima de imprevisto desastre.

Extensa biographia de Flaubert, da lavra de Réné Dumesnil (*Flaubert, son Hérédité, son Milieu, sa Méthode*) dando chronologia á vida do biographado assignalou: 1847. *Mars. Son ami D'Arcet meurt au Brésil.*

Lemos a nóta, desconfiamos d'ella, por não acceitar informações sem verificação propria. Nem sempre os estrangeiros dizem com acerto do Brasil.

Aos poucos, com probidade paciente, a honra dos investigadores, convencemo-nos de que Dumesnil claudicára. Verificamos ter morrido D'Arcet a 18 de Dezembro de 1846, não em Março de 1847.

Prova-o o *Jornal do Commercio* de 19 de Dezembro de 1846. «Penetrado de doloroso sentimento» annunciava a leitores «um successo lamentavel». Sejamos ainda assim um d'esses leitores.

A 17 de Dezembro de 1846, Felix d'Arcet (dá-lhe o *Jornal* o titulo de barão) passára a noite com alguns escriptores. Mal se retiraram, D'Arcet escreveu á mãe a á irmã, deitando-se por volta de onze da noite. Querendo lêr, puxou para perto da cama uma mesa sobre a qual collocou um lampeão de gaz. A' meia-noite o lampeão dava luz mortiça. Chamou D'Arcet o criado, rapazola de quatorze annos, incumbindo-o de deitar gaz ao lampeão.

O criado executou as ordens, uma corrente de ar passou por uma porta aberta, communicando a chamma do lampeão á lata do gaz. Explodio a lata, ardendo cortinado, lençóes e travesseiros, queimando D'Arcet da cabeça aos quadris.

Atirou-se n'uma banheira de agua fria, no aposento immediato; demorou-se alli um quarto de hora. Cobrindo com algodão as queimaduras, não consentio chamado de medico antes do romper do dia, pretextando ter lesões de pouca monta.

A's cinco e meia da manhã chegou o dr. Carvalho, da intimidade de D'Arcet, dizendo-lhe este: «Mandei buscal-o, meu amigo, mais para lhe dizer adeus do que para me pensar; sei minhas queimaduras de terceiro grão, é impossivel escapar».

O medico, no intimo, concordou com o amigo, mas desejando afastal-o de idéas funebres fez signal a alguem para que passasse a outro quarto.

Percebeu D'Arcet o signal, quiz oppôr-se á retirada da pessôa. «Restam-me poucos momentos de vida disse, e desejo que os passem a meu lado». Meia hora depois expirava, lucido até ao ultimo segundo de ser.

Perdendo aos poucos a vida, conscio do seu estado e fim, D'Arcet só tinha desvelos para o seu criado, gravemente ferido. Pedira para elle todos os cuidados, todos os soccorros.

«No sr. Barão D'Arcet, assignalava o *Jornal do Commercio* de 1846, perdeu a sciencia um chimico abalisado, digno herdeiro de um nome illustre. Morreu na flôr da idade, cheio de vida e de esperanças e com um porvir brilhante! A terra lhe seja leve.»

Peccavam os jornaes de outr'ora pelo laconismo. Quando registravam um facto havia tido echo na opinião ou na curiosidade publica. A extensa referencia do *Jornal* a D'Arcet prova a importancia do seu obito em 1846, embóra sem menção de sepultura.

Afinal lhe descobrimos o vestigio, no seguinte documento, que pinta uma época: «Aos 18 do mez de Dezembro de 1846 sepultou-se nos jazigos desta Ordem (a dos Minimos de S. Francisco de Paula em cuja igreja existiam catacumbas) o dr. Felix D'Arcet, o qual veio em coche, em caixão proprio, amortalhado em habito do nosso Santo, foi encommendado e recommendado pelo nosso reverendo Pro-Commissario e seis sacerdotes, veiu com licença do parocho da freguezia da Gloria, teve convidados e jaz na catacumba 126. (assignado) *Vianna*».

Poucos annos depois demoliram as catacumbas da igreja de S. Francisco de Paula e, pois, o tumulo de D'Arcet.

O seu verdadeiro epitaphio, porém, foi gravado na *Correspondencia* de Flaubert. Escrevendo este, de Ruão, ao seu amigo Ernesto Chevalier, a 23 de Fevereiro de 1847, consignava:

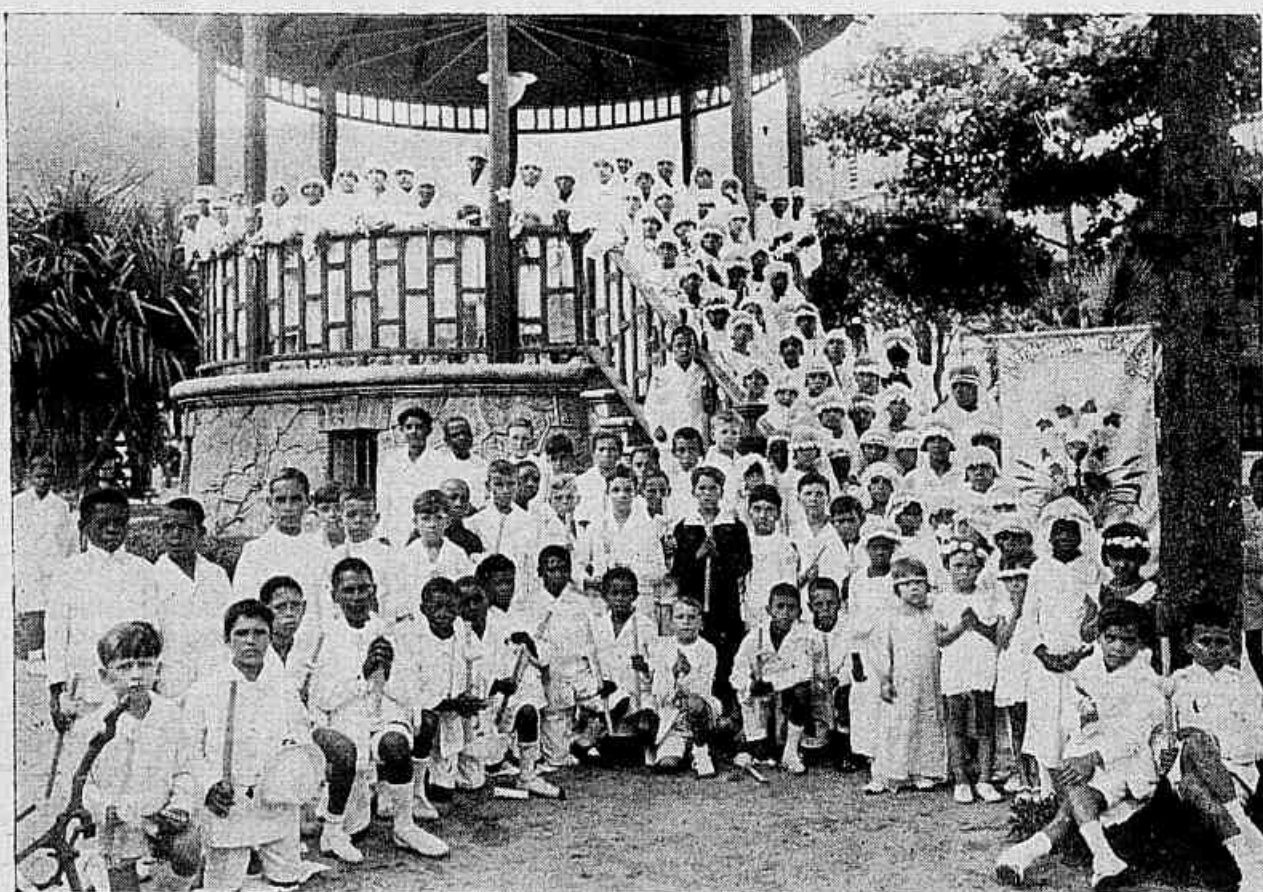
«Voilá ce pauvre bougre de D'Arcet qui a crevé au Brésil, comme um mousquet, au moment où il touchait á la fortune, où il l'avait enfin aprés vingt ans de chasse; il meurt tout d'un coup dans un lit par l'explosion d'una lampe á gaz. Le même paquebot qui a apporté la nouvelle de la mort apportait deux lettres joyeuses de lui á sa mére et á sa soeur. Comme tout se dégarnit, comme tout s'en va, quel dégel continu que la vie, joies, parents, amis, tout meurt par file: bonsoir, au revoir, oui, et on ne se revoit plus».

Sobre D'Arcet ficou este punhado de saudades da mão gloriosa de Flaubert, o suado esculptor dos marmores da prosa.

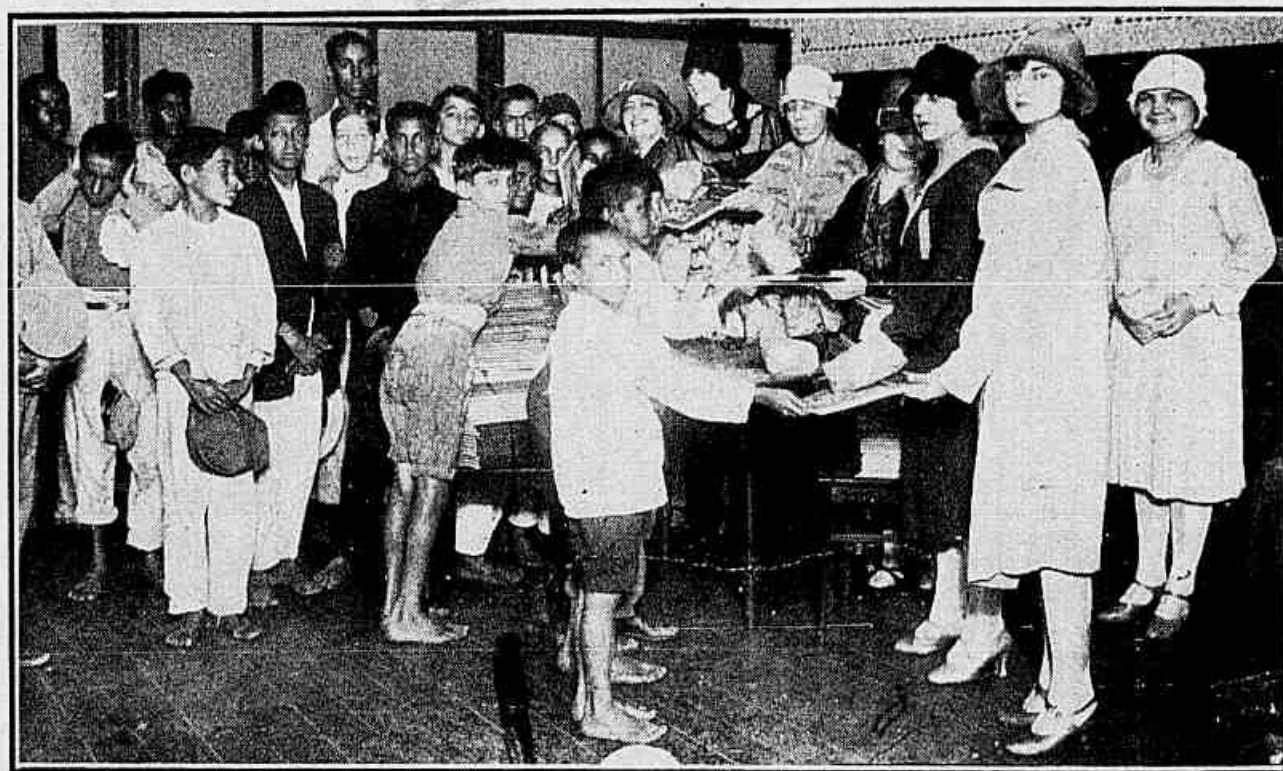
A Recepção Presidencial

Aspectos tirados no palacio do Cattete, após a recepção dada pelo sr. Presidente da Republica em razão da data da Confraternização Universal. 1 — Corpo Diplomatico. No 1.º plano, da esquerda para a direita, os srs. embaixadores do Mexico, Inglaterra, Portugal, Belgica, Argentina e Chile. 2 — Corpo Diplomatico. No 1.º plano, da esquerda para a direita, os srs. embaixadores da Italia e do Japão. 3 e 4 — Membros do Corpo Diplomatico á porta do palacio presidencial. 5 — Marinha. No 1.º plano, os almirantes Francisco deMattos, J. Perido e Souza e Silva. 6 — Exercito e Congresso. 7 — Congresso.

NOTICIAS E COMMENTARIOS

A colonia brasileira domiciliada no Porto, por iniciativa do nosso consul, dr. Adhemar Mello, offereceu em Novembro ultimo, no salão de festas do Palacio de Crystal, um almoço á imprensa. Na gravura vêem-se assignalados: 1 — O poeta Lopes Vieira (do «Primeiro de Janeiro»); 2 — O consul do Brasil; 3 — Bento Carqueja (director do «Commercio do Porto»); 4 — O vice-consul do Brasil; 5 — Loureiro Dias (de «O Seculo») 6 a 9 — drs. Souza Soares, Andrade Couto e Claudionor de Campos, barytono Sylvio Vieira, da colonia brasileira. 10 — dr. Licinio Prado. 11 — André Gaspar, presidente da Sociedade de Beneficencia Brasileira. 12 — Riguad Nogueira, presidente do Club Brasileiro. 13 — Marques da Cunha (do «Diario de Noticias»). 14 — Guedes do Amaral (do «Sport») 15 a 17 — Os representantes da «Montanha», do «Jornal de Noticias» e da «Illustração». Esta festa teve uma alta significação. O governo portuguez, por intermedio do eminente economista Bento Carqueja, communicou que celebrará, num monumento, as formidaveis benemerencias dos portuguezes residentes no Brasil, praticadas em terras brasileiras e em terras portuguezas. O consul do Brasil foi incumbido de transmittir uma saudação dos jornalistas portuguezes aos seus collegas brasileiros.

Grupo de creanças que, pelo Natal, receberam a primeira communhão na igreja de N. S. de Copacabana.

O NATAL DOS MENORES JORNALEIROS

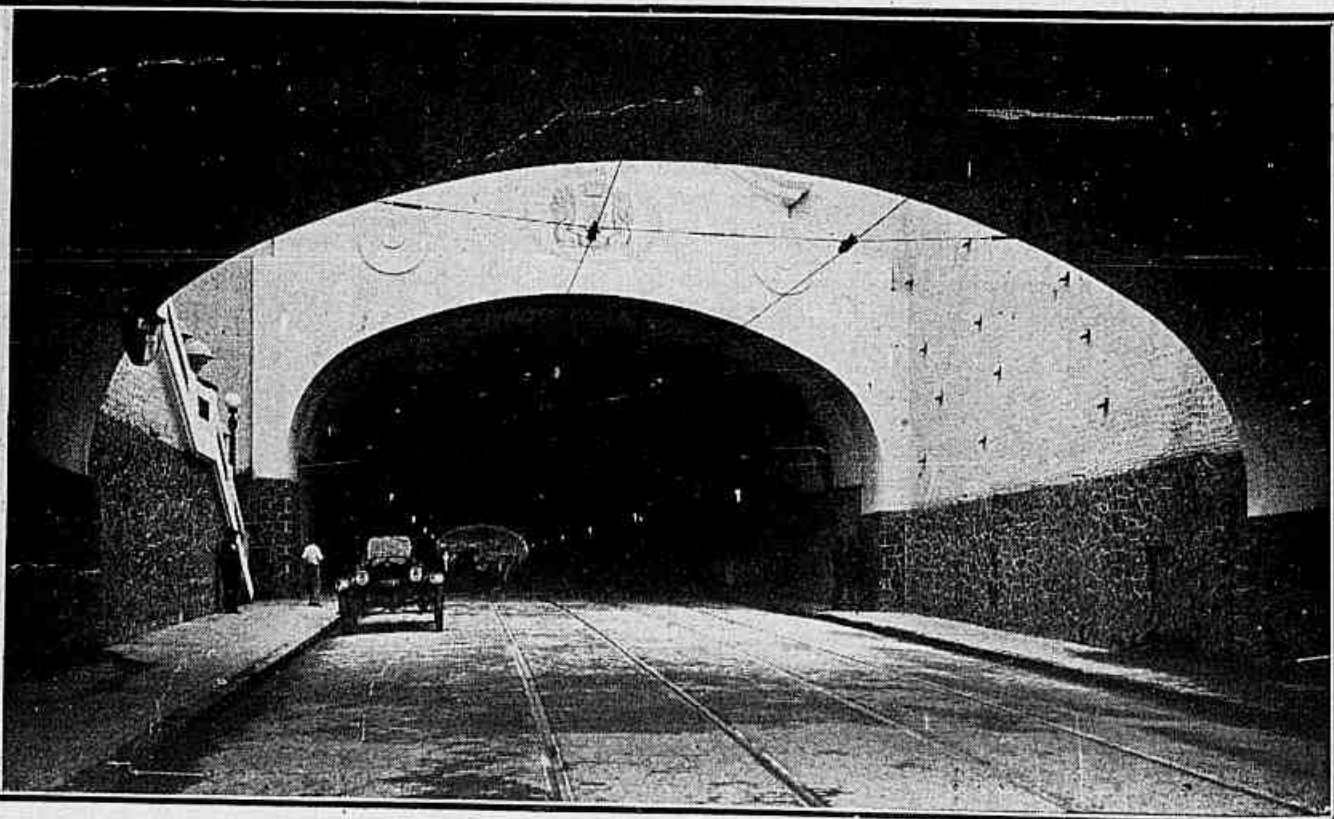
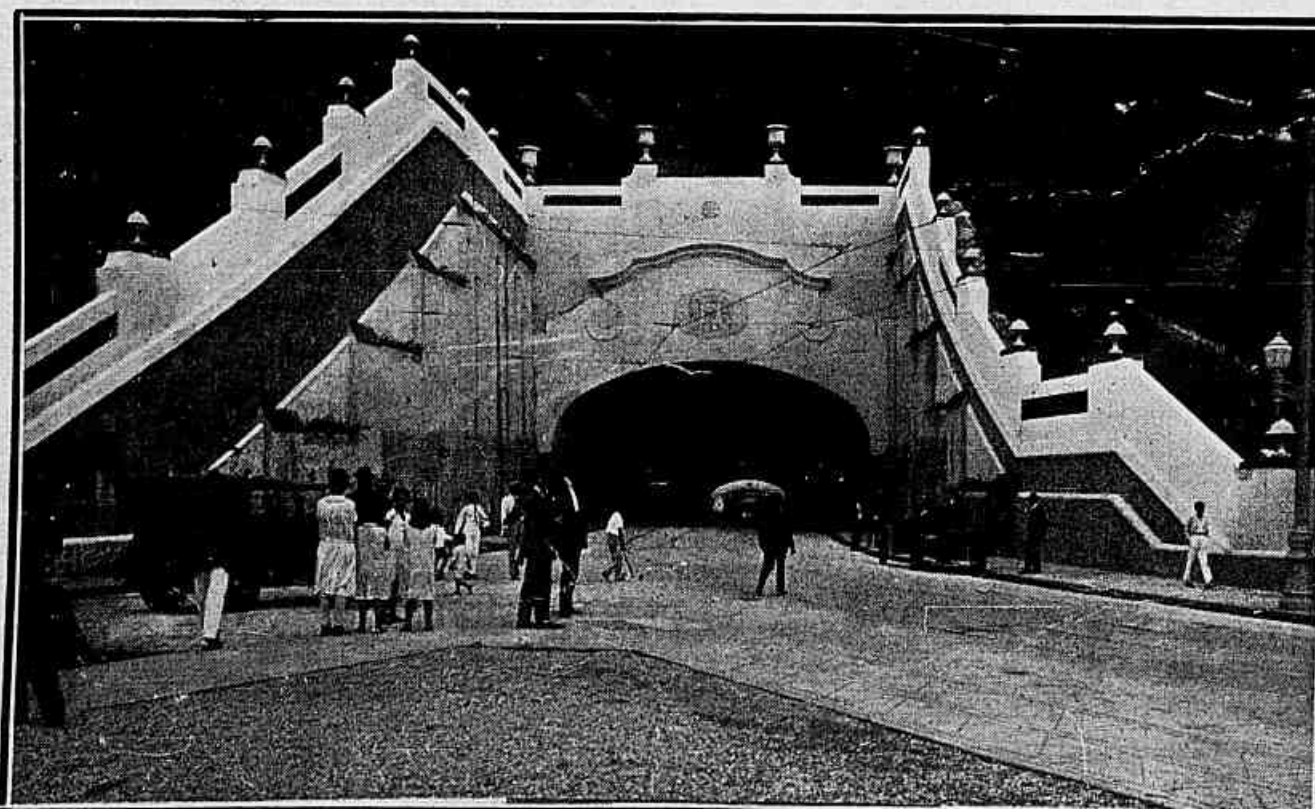
Aspectos tirados no Circulo de Imprensa, por occasião da bella festa proporcionada aos menores vendedores de jornaes. Ao alto: o presidente do Circulo, nosso collega de imprensa, dr. Porto da Silveira, em companhia das senhoras Antonio Azeredo, Irineu Marinho, Camargo de Azevedo, Xavier da Silveira, Iveta Ribeiro e senhorinha Mercêdes Dantas, que fizeram ás creanças farta distribuição de doces, bonbons e almanachs do "Tico-Tico".

Aspecto da distribuição.

AS FRUTAS NO NATAL

O habito de se commemorar a passagem do Natal com ceias em familia ainda conserva algo da sua primitiva feição. Os paes ainda levam as frutas e guloseimas para os filhos; mas — *o tempora!* — quanto lhes custa manter esse velho habito!

A simples inspecção das marcações de preços nas casas de frutas era de apavorar e causar syncopes! Mas a gente fica a scismar em que ha duas coragens que se defrontam: a do vendedor e a do comprador.

Aquelle excedeu a tudo o que se póde imaginar no terreno da audacia, este ultrapassou os limites da condescendencia, acoroçoando a mais sordida das ganancias e dando de si proprio um triste attestado. Porque — não se póde negar — haveria uma reacção muito justa e de effeito seguro, que deporia em favor do nosso publico, tão grosseiramente explorado: o abandono das casas de frutas.

Essa é a medida que se impõe, porque não se comprehende que os productos do paiz sejam, como vem sendo feito, vendidos a peso de ouro. Experimente o povo, que os gananciosos hão de ceder fatalmente.

Aspectos tirados dos dois extremos do chamado "tunnel velho" de Copacabana, entregue ao publico novamente no dia 31, após o grande alargamento que teve e que o interdictou por muito tempo. A' esquerda: entrada do tunnel do lado de Copacabana; á direita: aspecto tirado do lado de Real Grandeza, vendo-se a *barata* da "Revista da Semana" em ambas as photographias.

Os funeraes do Prof. Nascimento Gurgel

A cidade foi surprehendida, no inicio do anno, com a dolorosa noticia do subito fallecimento do eminente medico e professor Nascimento Gurgel, occorrido precisamente no dia em que regressára da brilhante excursão ao Prata, em que tomou parte como chefe da «Caravana Medica». 1 — O sr. embaixador da Argentina discursando no cemiterio, no momento em que ia baixar á sepultura a urna funeraria do prof. Nascimento Gurgel. 2 — O sahimento do corpo da Academia de Medicina. Vêem-se segurando nas alças do caixão, entre outros, os srs. comte. Franca Velloso, representante do sr. Presidente da Republica, embaixador da Argentina, ministro do Uruguay e ministro do Exterior. 3 — O sr. ministro do Uruguay lançando a pá de cal á sepultura.

GENERAL TEIXEIRA DE FREITAS

Foram conferidos ao illustre coronel Augusto Limpo Teixeira de Freitas os bordados do generalato. A promoção colheu o austero militar no honroso cargo de chefe da Casa Militar da Presidencia; essa circumstancia, entretanto, não foi a razão de ser do generalato, por isso que o coronel Teixeira de Freitas é um dos vultos mais prestigiosos do nosso Exercito, em cujo seio se impôz pela rectidão do caracter e pela cultura.

A promoção do novo general teve sympathica repercussão não só no Exercito como nos altos meios sociaes, de que o illustre militar é um dos mais assignalados ornamentos.

A *Rrvista da Szmana* congratula-se com o sr. general Teixeira de Freitas pela sua justa promoção.

A nova directoria da Academia Brasileira de Lettras. Photographia tirada após a ceremonia da posse, vendo-se ao centro o presidente, deputado Augusto de Lima, que tem á direita os srs. Fernando de Magalhães, secretario geral, e Constancio Alves, thesoureiro, e á esquerda os srs. Adelmar Tavares e Olegario Marianno, 1.º e 2.º secretarios.

OS PERCALÇOS DO OFFICIO

Quando se encontrava em serviço na noite de S. Sylvestre, em companhia do filho do nosso photographo J. A. Vieira, foi colhido por um automovel o seu auxiliar José Vieira. Valeu-lhe a sorte pois, tendo sido bastante maltratado pelo vehiculo, José Vieira escapou, por milagre, de ser pisado pelo carro, que lhe passou sobre o corpo, felizmente deitado em posição longitudinal.

Levado a cuidados medicos, está livre de qualquer perigo, podendo-se dizer que o lamentavel caso se cifrou em algumas contusões e na perda do serviço feito pelo joven auxiliar, devido a haver o automovel inutilizado o material photographico que o mesmo levava.

A RAINHA DE FRANÇA

A França democratica e republicana não póde deixar de reviver, com as suas Rainhas ephemeras, os tempos fulgurantes em que havia em Paris o esplendor de um throno. As rainhas actuaes de França succedem-se periodicamente, consoante a temporariedade que é um dos caracteres do regimen republicano. Está eleita a Rainha da Belleza, a nova soberana para 1928. E' ella mademoiselle Mary Simona, cujo retrato encima estas linhas. Como é lindo esse regimen monarchico em plena Republica! Sempre se dizia que *le roi est mort, vive le roi*; agora ellas continuam a viver e são succedidas summariamente. Entretanto nem todas poderão pensar em que quem foi rainha sempre tem a Majestade...

Pagina de Eva

Madame está se pintando

Na molleza clara do *déshabillé* Madame preguiçosamente se dirige para o laboratorio da sua formosura que é a sua penteadeira.

Madame não se acha prec'samente num humôr de rosas. Teve máos sonhos e, ao despertar, notou um vinco a sublinhar desastrosamente o arco perfeito da bocca purpurina.

Essa bocca, para dizer a verdade, pouco tinha de purpureo naquelle momento. A distensão dos bocejos repetidos fazia-lhe resaltar o descoramento.

E a pelle?... Tão secca, meu Deus, tão fatigada e amarellecida!... Madame suspirou profundamente.

Havia dias, na verdade, em que chegava a querer desistir de ser bonita... dá tanto trabalho!...

Parou, displicente, ante o espelho de prata onde inexoravelmente se reproduzia o vinco triste do canto do labio... Que queria dizer aquelle vinco?...

Uma ruga?... A hypothese tenebrosa escureceu ainda mais o humôr já sombrio de Madame. Talvez houvesse r'do demais na vespera... aquelle demonio do Maneco Pontes estivera tão engraçado!... A gente nunca deve rir assim, bem o sabia: marca, sulca, estraga.

Que massada, afinal, nem poder ter a liberdade de rir quando lhe appeteça! Qual! ser bonita por aquelle preço não vale a pena!...

O arsenal dos pós, cremes, aguas de belleza, vinagres e loções abre á sua sciencia a promessa rejuvenescedora de um sem numero de frascos, vidros e caixetas.

Madame, o que é bem raro, tem preguiça de preparar-se. São dez horas da manhã e o almoço só a espera á uma e meia. Tambem pelo que ella almoça!... Comer é cousa que não se póde jamais pensar em fazer quando se pretende ser bonita á moderna.

Madame remexe distrahidamente a bateria das pinças, polidores, tesourinhas, l'xas, depilatorios etc. Por onde começar?... O ondulador deve vir ás onze e meia. E a massagista?... Não, hoje não é dia da massag'sta... Quando fôr á cidade dará um pulo á manicure... tem as mãos em misero estado!

Não só as mãos, a alma tambem... Aquelle vinco ali, ao canto do labio, tão parecido com uma ruga... era como nuvem de carvão moido empretecendo-lhe tudo... E esta massada de toilette!

Fazer a cara, fazer os olhos, fazer o cabello, fazer as mãos... tanta cousa por fazer, Deus do céo!...

Madame torna a suspirar.

Mas desta vez tem um acto decisivo: deixa-se cahir na cadeira baixa da penteadeira e empunha o espelhinho de Veneza para o exame imprescindivel.

Toda mulher bonita deve olhar-se de manhã ao espelho como se olhasse a uma rival, uma inimiga. Madame desempenha-se conscienciosamente deste dever, m'rando-se com a impar-c'alidade que deve ter um juiz do Supremo Tribunal. Olha-se como olhou hontem no baile a Rosininha Serpa, aquella garota tão viçosa que nem siquer pintára os lab'os e, no emtanto, era a mais bonita da sala.

Oh! aquelle vinco, aquelle vinco!...

Madame, lá muito no fundo de si mesma, quasi no subconsciente, chama-o desoladamente de ruga... Da bocca para fóra, isso é que nunca!...

Será vinco, dobra, sulco, quebra, risco, marca, signal, préga, tudo que quizerem emfim, menos ruga.

Madame fica séria um momento, séria como a situação financeira do paiz. Depois, tomando finalmente o partido mais prudente a tomar, com um algodão imbebido na loção adstringente que lhe vae dar cabo dessa pallidez de terra cotta, enceta corajosamente o seu arduo trabalho de restauração.

Não ha vinco ou ruga, por mais obstinados, que lhe resista... hão de ver!...

E, em meio de todas estas desencontradas panacéas embellezantes, os dedos ageis de Madame vêm e vão, supprimindo, corrigindo, apagando, accentuando, sublinhando, cobrindo, esbatendo, disfarçando, trabalhando emfim com a ligeireza precisa e attenta de uns dedos de artista a retocarem uma obra de preço.

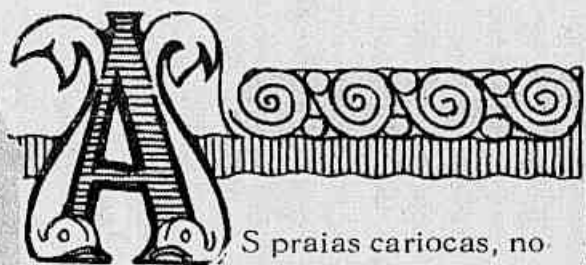
Os olhos de Madame continuam graves, inquisidores, endurecidos de attenção: são os seus olhos profissionaes. Não podem discrepar um segundo desse delicado serviço de policiamento.

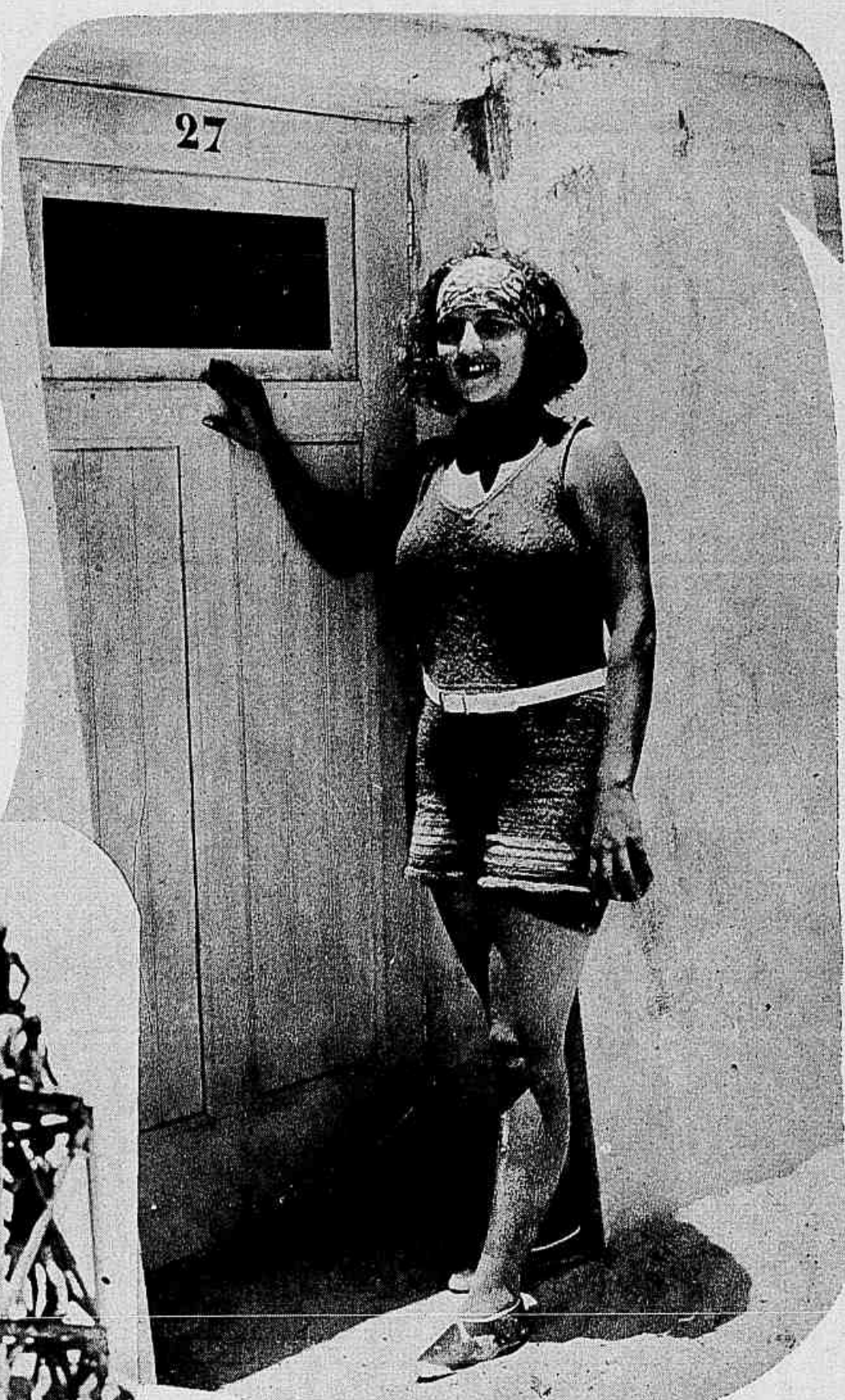
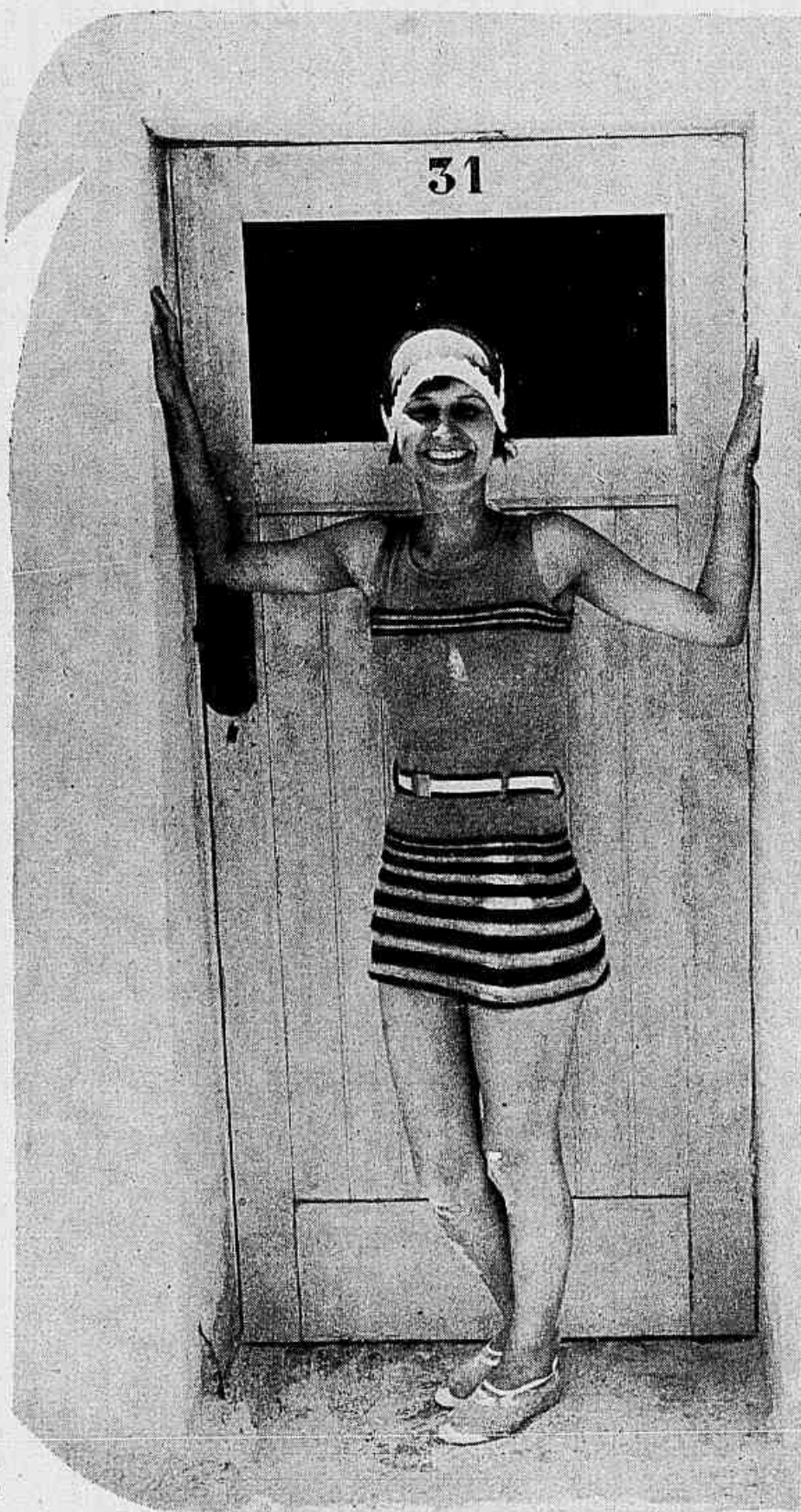
Os olhos de Madame são os guias de seus dedos intelligentes, fiscaes severos de sua faceirice... não os distraiamos por conseguinte!... que ninguem se approxime da officina-toucador, nesse momento sagrado, que ninguem a venha interromper no seu vaidoso labor de mulher bonita, que nada lhe perturbe o zelo inspirado que lhe põe nas mãos aquella leveza e aquella segurança de artista consummada.

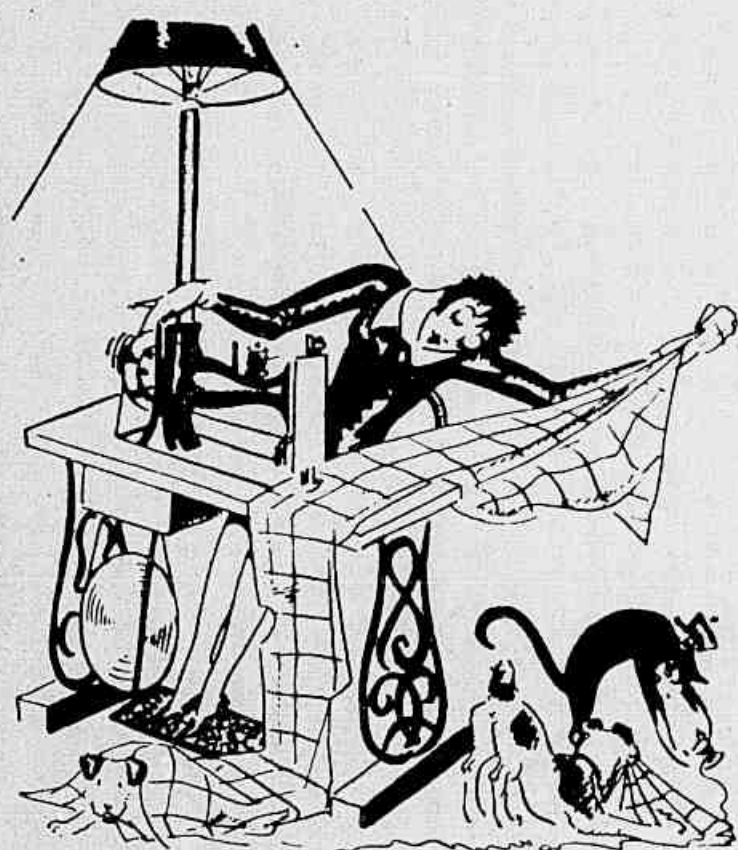
Madame cumpre á risca o seu dever de mundana moderna: está laborando a sua belleza daquelle dia... Madame está se pintando!

Maria Eugenia Celso.

O reveillon no Fluminense F. C.

Tres aspectos do lindo baile realizado no Fluminense F. C na noite de S. Silvestre. Essa festa revestiu-se do maximo brilho e de alta distincção, como se vê das photographias que aqui publicamos.

AS praias cariocas, no verão, offerecem o encanto de uma visão de sonho: são o bando das sereias brincando nas ondas ou deslisando sobre as fôfas e brancas areias como nymphas beijadas de sol... O banho de mar dá ensejo a que se estadeie a belleza feminina em todo o seu esplendor.

Ondas e mulheres! O verão carioca, mesmo com o calor infernal que o caracteriza, dá-nos, apezar de tudo, essa maravilhosa enscenação de paraiso...

BETTY ama as futilidades graciosas e os bibelots originaes. E' uma colleccionadora de *mascottes*, de brinquedos esquisitos, de coisas nfantis pela sua simplicidade, mas grandiosas pelo seu custo. O seu quarto lembra uma dessas vitrines variadas e encantadoras que fazem parar as crianças e gastar os papás. E Betty nunca está satisfeita: procura sempre novas coisas e quando, durante a semana, não conseguiu outra frivolidade para unir ás que já possue. considera-se a mais infeliz das moças americanas. Mas o capricho é exigente e custa muito dinheiro; e assim, pouco a pouco, ella tem notado que a sua mensalidade vai diminuindo cada vez mais. E pensou em extinguir algumas despesas para poder usufruir novos bibelots. Abandonou o chá das cinco: para que gastar numa bebida que faz emmagrecer, se os bolos a tornam mais gorda? Automoveis e cinemas? Postos de parte, como incommodos e careiros. Perfumes? Deus do ceu! Quantos milhares de dollars perdidos e quantas fantasias a obter com elles!

Sómente o creme, o *rouge*, o *rimmel* e o *baton* é que ainda não entraram na censura de miss Betty...

Entretanto, como um jornal de modas cahiu nas mãos finas e delicadas da economica rapariga, parece que vai nascer uma nova éra de ventura para as suas queridas frivolidades. O caso é simples: Betty ficou sabendo que ha lindas toilettes feitas em casa e recorda-se de que a sua criada de quarto é uma sympathica e despretenciosa costureirinha que póde economizar-lhe muito dinheiro fazendo-lhe os vestidos. E resolve, rapidamente, o assumpto: a toilette lilaz, para o baile de sexta-feira, será feita pela criadinha de quarto. E miss Betty não pagará o luxo nem os diversos *aviamentos* que todas as modistas costumam incluir na factura das freguezas...

Gladys annuiu: ha quantos meses não tinha a volupia de retalhar uns trapinhos de setim? Ha quanto tempo não dava uns largos *alinhavos* nos vestidos da patrôa?

E a verdade é que a maior parte das criadinhas aprecia cortar ou alinhavar as roupas daquella a quem prestam serviços... Por isso Gladys cortou com gôsto o formoso setim lilaz, promettendo a si propria arranjar, em breve, qualquer coisa parecida...

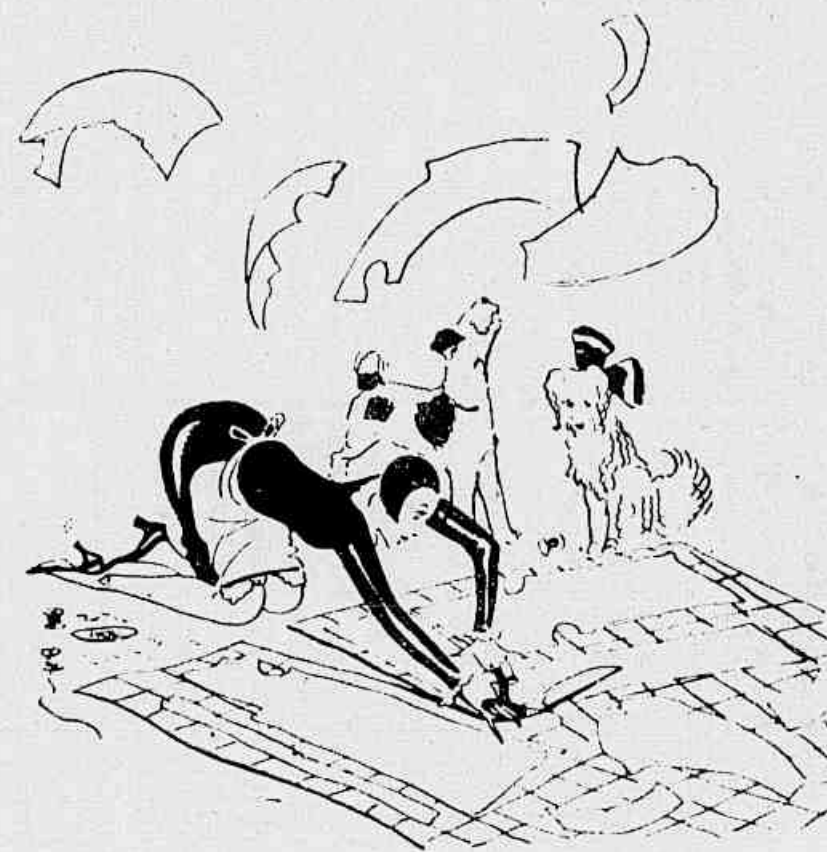
Depois, dispôz-se a cosel-o cuidadosamente e, para mais depressa o terminar, preparou-se para fazer serão. Mas o somno é que não concordou com ella e venceu-a em absoluto, quando com mais enthusiasmo pedalava na machinazita de costura. A visita importuna do senhor somno teve resultados infelizes, para a representação artistica da pobre costureirita. E' que os cães de miss Betty quizeram trabalhar, tambem, na toilette lilaz e, como não aprenderam a coser á

machina, começaram a fazel-o com os dentes: do que resultou exactamente o contrario...

O diabo está sempre atrás da porta — diz um dictado qualquer. E desta vez o caso foi tão verdadeiro que Gladys nem reparou sequer nos estragos causados pelos dentes amaveis dos illustres importunos. E o vestido ficou prompto, com grande allivio da criada e enorme prazer da patrôa...

Chegou a noite do baile. Como Betty está satisfeita, Santo Deus! Um formoso trajo por tão pequena importancia! Agora, sim, é que ella aprendeu a verdadeira economia! E quantos bibelots, quantas novas futilidades a obter com essa abençoada medida!

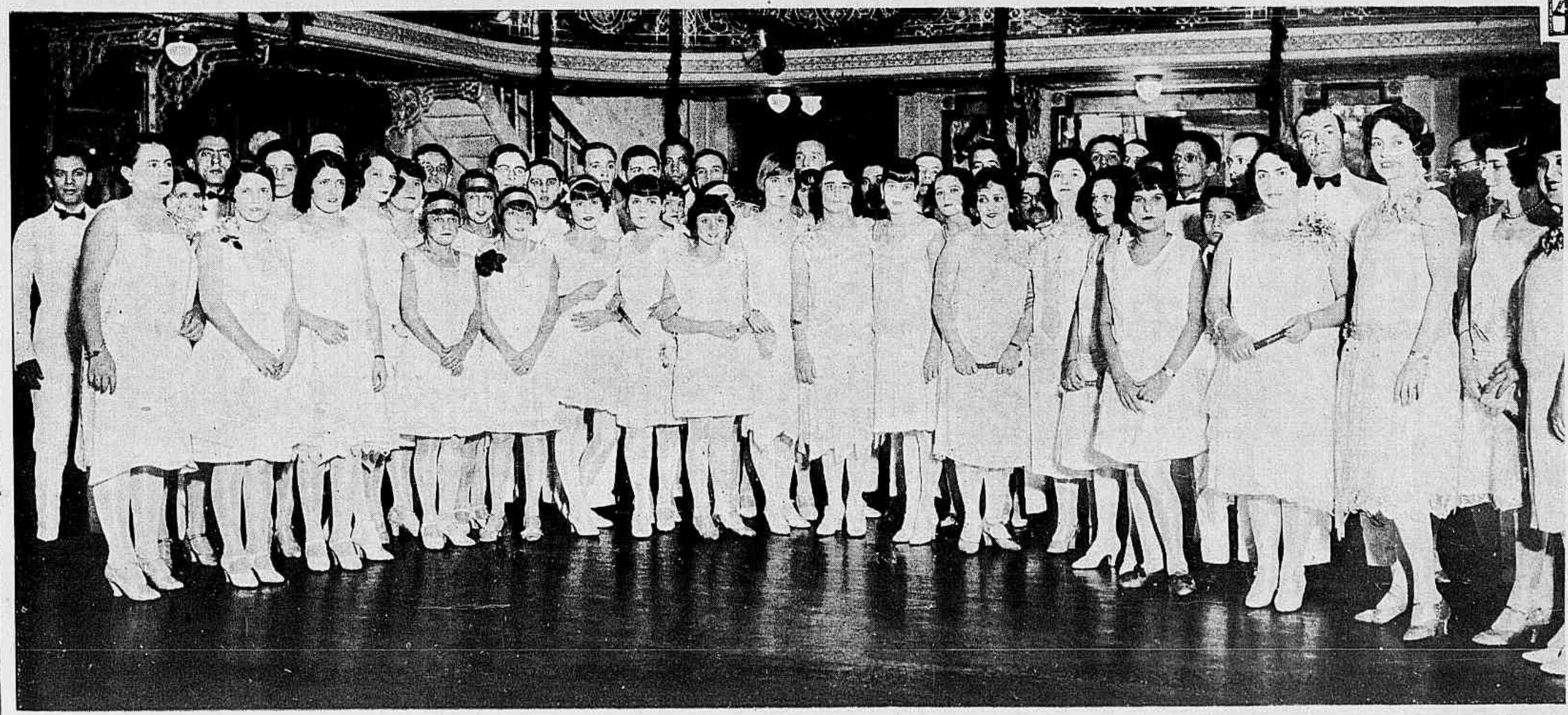
A satisfação dá-lhe uma nova frescura: dir-se-ia que o melhor creme para a cutis tem o nome de alegria... Penteia-se com esmero, veste uma ligeira camisinha de seda, calça umas meias lilazes e uns sapatos do mesmo tom, e prompto! Agora é o vestido, é a creação bella e economica que irá atiçar o despeito das suas amigas! E as mãos pallidas e finas tremem, um pouco, ao sentirem a macieza do setim.

Mas o que é isto, minha Nossa Senhora?

Que trajo é este que fórma um balão esquisito, cheio de rasgões e de costuras erradas? Nada, o melhor é desmaiar...

E Betty cae sem sentidos; cae no chão com o mesmo ruido que fariam todos os seus bibelots ao esfrangalharem-se no pavimento. E desde então não voltou a passar por determinada vitrine, com receio de fabricar novas desventuras...

A ULTIMA PAGINA DE 1927

Aspectos de alguns dos muitos bailes com que, nos grandes centros, foi commemorada a entrada do anno novo.

1 — No Centro Paulista. 2 e 3 — Nos aristocraticos salões do Club Militar. 4 — No Club Gymnastico Portuguez.

ANNIVERSARIOS

Hoje — a senhora Alvaro Werneck, o professor Felicio dos Santos; o poeta Belmiro Braga; o dr. Raul Xavier; os commandantes Marianno Guimarães e Juvenal Jardim; o tenente Oswaldo Pederneiras.

*

Amanhã — as senhorinhas Branca Cesar Rabello, Alice Bento Porto, Lêda Deschamps Cavalcanti, Stella Borges, Ilza Faria Junior; a formosa Dulce, filha do capitão João de Araujo Romero.

*

No dia 9 — as senhorinhas Mary Stockler, Beatriz Cavalcanti Bierrenbach, Hilda Cavalcanti, Stella Frederico Borges, Elza Faria Junior; o commandante João Carlos Cordeiro da Graça.

*

No dia 10 — as senhoras Alberico de Moraes e Judith Varella Paranhos; senhorinha Diva Leal Costa; os drs. Estellita Lins e Amilcar Botelho de Magalhães; o nosso collega de imprensa Paulo Cleto.

*

No dia 11 — as senhorinhas Alba Martins Costa, Ruth Cesar de Magalhães e Claudia Ribeiro Erse; o general Caetano de Albuquerque, ex-presidente de Matto Grosso.

*

No dia 12 — as senhorinhas Guiomar de Lima Costa, Samaritana de Maia Lobo, Edila Alonso de Niemeyer; os drs. José Rodrigues Barbosa e José Maria de Figueiredo Ramos.

*

No dia 13 — as sras. Cecilia Dias da Costa, Gastão Maranhão e Ildefonso Escobar; a senhorinha Hilda Iglesias; os drs. Murtinho Nobre, Luiz Octavio Barcellos, Henrique de Magalhães; o commandante Cardoso de Menezes.

NOIVADOS

— a senhorinha Zelia Moellmann e o jornalista Lincoln de Souza;

— a senhorinha Lavinia Xavier Pinheiro de Andrade e o sr. João Prudente de Carvalho;

— a senhorinha Noemia Xavier Pinheiro de Andrade e o sr. Romeu Campos Salles;

— a senhorinha Ruth Silva e o dr. Camillo Ribeiro Manlio;

— a senhorinha Inayá Elysiario Silva e o dr. Joel de Salles Coêlho.

CASAMENTOS

— a senhorinha Odette Vianna e o sr. Alcides Rosa;

— a senhorinha Clara de Azevedo Lima e o sr. Luiz Soares Rocha;

— a senhorinha Margarida Mendes e o sr. Archimedes Garcia Leitão;

— a senhorinha Dusta Figueiredo Pimentel e o sr. Caetano de Albuquerque;

— a senhorinha Zelia Duque e o dr. Agenor Pimentel;

— a senhorinha Valentina Borgerth e o professor Rodolpho Loechnefinck.

OS QUE VIAJAM

Chegaram ao Rio: — o dr. João Tolomei, que regressa da Argentina; o deputado Elias Martins, que volta de Therezina; os drs. Oswaldo Orico, Belisario Penna, Lindolpho Xavier, Ubaldo Ramalhete, Mauricio Muniz de Aragão e Decio Lyra, que regressam do Paraná, onde tomaram parte na primeira Conferencia de Educação Nacional, ali reunida; o dr. Ruy Pinheiro e familia, procedentes de Campos.

Deixaram o Rio: — o dr. Acylino Pessôa da Silveira; o dr. Gustavo Armbrust e senhora, que se destinam á Europa; o jornalista Bastos Filho para Victoria; o dr. Oscar Clarck e familia, para o Piauhy.

DIPLOMATAS

Pelo *Cap Polonio*, seguio para Buenos Aires o commandante Giulio De Angelis, addido naval á Embaixada da Italia junto ao nosso governo.

VERANISTAS

A noite de S. Silvestre foi farta de festas na formosa cidade de Petropolis. Todos os clubs elegantes abriram os seus salões para lindissimos *réveillons* offerecidos aos seus associados, assim tambem como ricos villinos de verão.

Foram os seguintes os *cercles* que festejaram com muita alegria e muito brilho a passagem do Anno: o Club Xadrez, o Tennis Club, o Sport Club Internacional e o Palacio Crystal, que offereceu á galante petizada um baile á fantasia que esteve verdadeiramente encantador.

*

A senhora Paulo Buarque organizou, com a collaboração de senhoras illustres que ora veraneiam em Petropolis, uma bella festa para commemorar a entrada do Anno Novo.

*

Para Petropolis: — o casal Aureliano Abreu de Oliveira, o dr. Arlindo Rangel, o consul dr. Sampaio Garrido e familia, o casal Paulo Monte de Almeida.

*

Para Therezopolis: — o sr. Renato Gonçalves e senhora.

NO CRUZADOR "EMDEN"

Foi das mais lindas a festa que o commandante e a officialidade do Cruzador *Emden* offereceram, domingo ultimo, á nossa sociedade a bordo d'aquelle bello navio.

Esteve presente, por seus mais brilhantes typos, o nosso grande mundo que alli passou uma deliciosa tarde cumulado de gentilezas pela distincta officialidade do *Emden*.

RÉVEILLONS

Realizaram maravilhosos *réveillons* em suas sédes os clubs: Bandeirantes do Brasil, Fluminense, Gavea Club, Gymnastico Portuguez, Orfeão Portuguez.

Todos elles tiveram a mais selecta concorrencia e a mais franca alegria, tendo-se as dansas prolongado até pela madrugada.

RECEPÇÕES DE ANNIVERSARIO

No dia 31 — a illustre senhora Dora Pacheco, esposa do dr. Felix Pacheco, ex-ministro das Relações Exteriores.

*

A viuva Achille Bove abriu o seu rico palacete, tambem sabbado ultimo, offerecendo ás suas finas relações uma animadissima noite dansante, para festejar o natal de seu filho o distincto estudante Oriclando Bove.

M. DE D.

———

CARNET

Meu amigo:

Escrevo-lhe sentada no meu «bureau», num profundo silencio e vendo subir em espiraes alvacentas o fumo duma deliciosa cigarette.

Não se admire desta confissão que não indica um vicio, mas um estimulante para os meus momentos de frio espiritual.

O cigarro crepita, aquece, encinza-se, mas o seu fumo corporifica-se e é o nosso companheiro de solidão e de tédio.

Vimo-lo subir no espaço e descrevernos arabescos funambulescos que só o estheta do fumo, o comprehendedor das cousas mudas sabe entender.

Ha em cada um de nós vibrações subtilissimas, volupias e estremecimentos de contactos immateriaes, indecisões de sentidos e divagações estonteantes, quando afastados das camadas terrenas viajamos pelas astraes e o surto da nossa imaginação concebe as mais loucas phantasias.

São momentos duma grande suavidade, em que esquecemos o abrupto da vida e a relatividade das cousas.

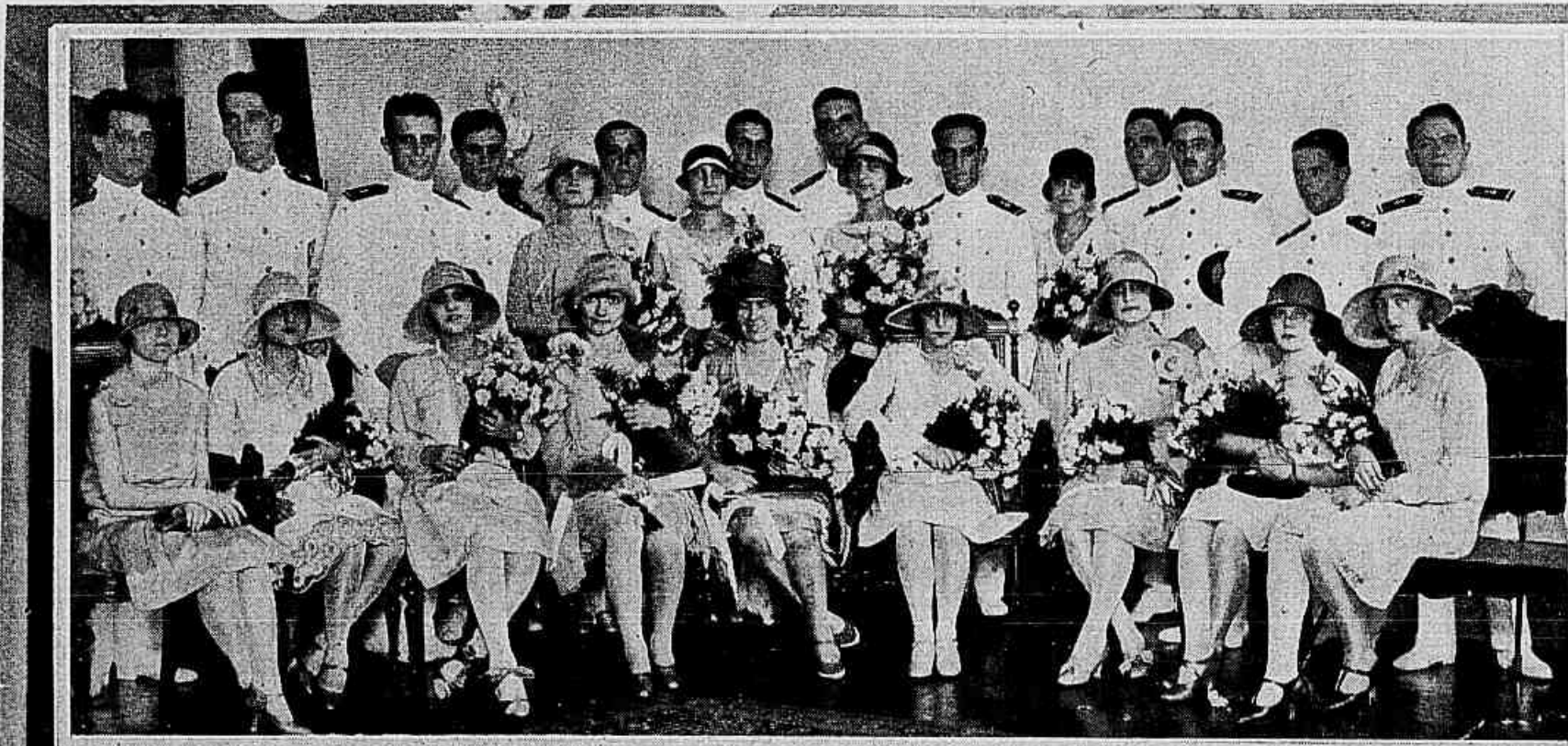
O fumo da minha cigarette acename com o infinito e com a grandeza das suas concepções, e eu, recolhida e estática, fico a tamborilar na opalina da mesa como se estivesse a radiographar para o espaço.

E' a beatitude das grandes concentrações...

Invade-me um forte desejo de saber aonde irá bater a ultima sombra d'este meu cigarro e penso em você.

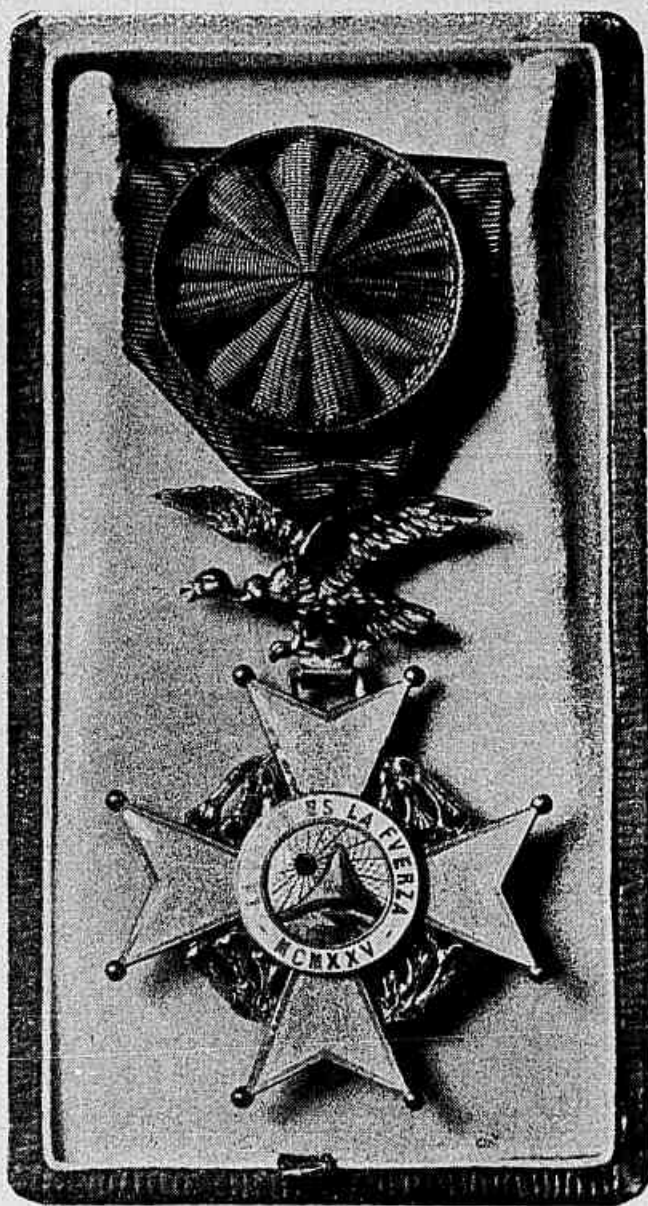
Quem sabe?...

O pensamento é uma potencia formidavel: talvez que elle lhe leve esta onda de fumaça e de perfume como a expressão mais subtil das saudades da

MARIA DE LOURDES

Os novos officiaes da Marinha. Ao alto, os guardas-marinhas da turma de 1927 e as suas madrinhas. (Photographia tirada na Escola Naval no dia da declaração dos novos officiaes). Em baixo: grupo tirado na Igreja da Candelaria após a ceremonia da benção das espadas. Ao centro do grupo o archi-abbade d. Pedro Eggerath, tendo á direita o almirante Francisco de Mattos, director da Escola Naval, e á esquerda o almirante Isaias de Noronha, commandante da esquadra. Em volta, os novos guardas-marinhas.

A BOLIVIA E A "REVISTA DA SEMANA"

S. Ex. o sr. dr. Hernando Siles

Eminente Presidente da Bolivia.

A COMMENDA DO CONDOR DE LOS ANDES

Trazida da Bolivia pelo novo ministro boliviano no Brasil, sr. Vaca Chavez.

Aureliano Machado

Nosso querido director, ora em viagem pela Europa, ao qual o governo boliviano conferiu o officialato da Ordem do Condor de Los Andes.

Confirmamos aqui a noticia que démos em nosso ultimo numero de haver sido condecorado com o officialato da Ordem do Condor de Los Andes o nosso querido director Aureliano Machado, que se encontra presentemente na Europa, em viagem de recreio.

O eminente estadista dr. Hernando Siles, presidente da Bolivia, houve por bem conceder essa condecoração — a unica existente na linda republica andina, e cuja creação data de 1925 — a Aureliano Machado, em razão das demonstrações inequivocas de amizade dadas sempre á Bolivia pela *Revista da Semana*.

Aureliano Machado faz um verdadeiro sacerdocio da propaganda da fraternidade sul-americana, e as honras que lhe teem sido tributadas dizem de um certo modo do echo que tem encontrado a sua feliz e patriotica orientação.

O gesto do governo boliviano é mais uma demonstração da gentileza do nobre povo irmão e amigo, cujos filhos vivem absolutamente irmanados com os brasileiros em toda a longa zona fronteiriça. E' de hontem ainda a infinita gentileza com que o sr. Presidente Siles correspondeu ao gesto de amizade do Brasil, por occasião do centenario da independencia da Bolivia, mandando ao Rio de Janeiro uma embaixada especial afim de retribuir a visita da nossa embaixada, naquella data historica.

Incessantes teem sido as demonstrações de affecto boliviano, e é immensamente desvanecida que a *Revista da Semana* registra a honra conferida ao seu querido director.

A Bolivia, que tão brilhantemente se tem feito representar junto ao nosso governo, conta agora entre nós, substituindo a notavel figura de intellectual do sr. Ricardo Freyre, a destacada figura do sr. Vaca Chavez, insinuante diplomata. E é a S. Ex. que pedimos scientifique o Exmo. Sr. presidente Hernando Siles do muito que nos penhorou a graça concedida pelo chefe da Nação amiga.

Trouxe-nos as insignias da Ordem do Condor de Los Andes o sr. dr. Luiz Soares, illustre consul geral da Bolivia no Brasil, cavalheiro que ha longos annos se tem imposto á sympathia da sociedade em geral e á nossa em particular. A S. Ex. rendemos os nossos agradecimentos, pois bem sabemos quão valiosa tem sido a sua acção para dar á alta administração boliviana a certeza do muito que prezamos a grande terra dos Andes.

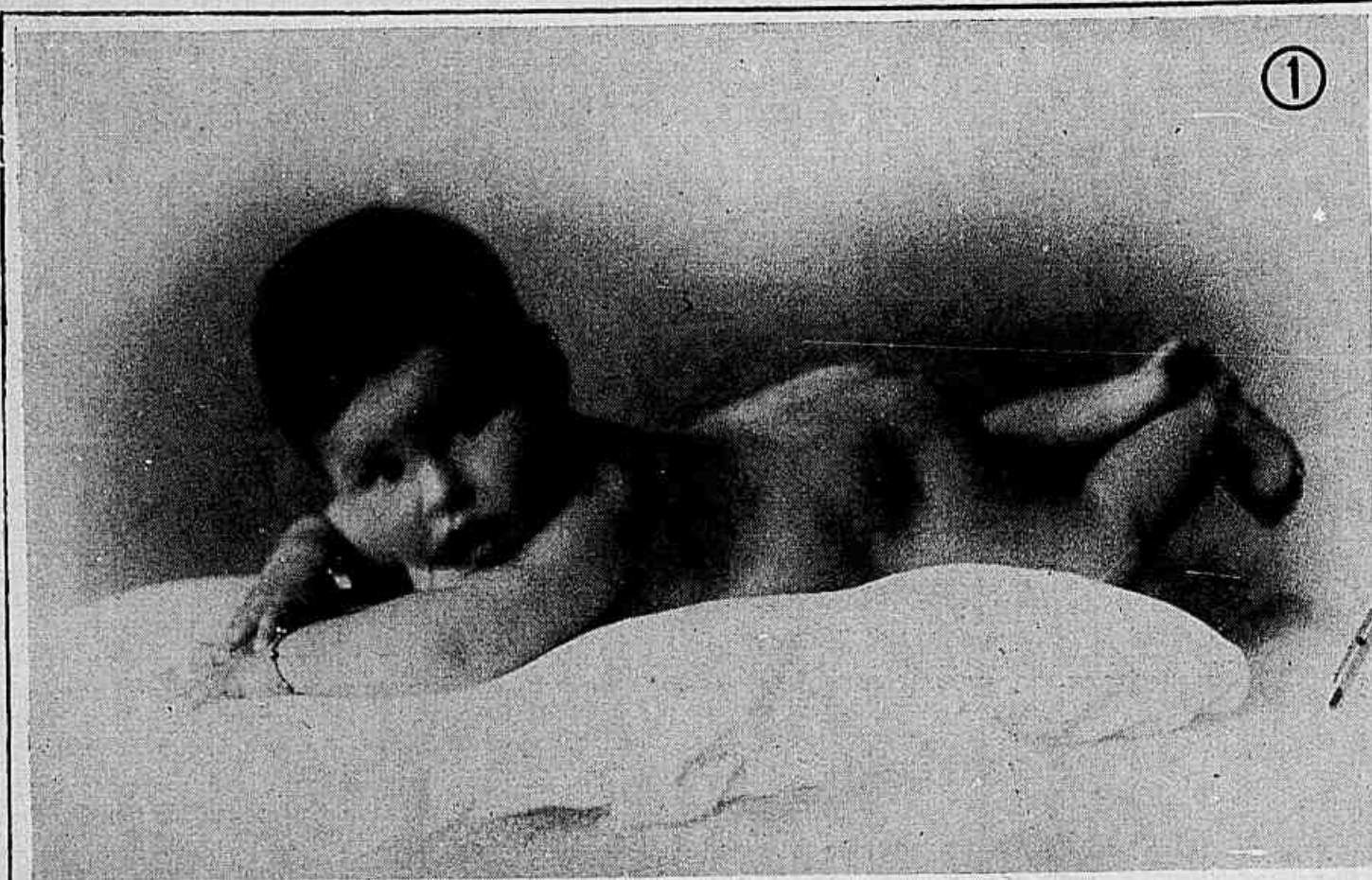
EL PRESIDENTE DE LA REPÚBLICA DE BOLIVIA

GRAN MAESTRE DE LA ORDEN NACIONAL DEL CONDOR DE LOS ANDES

Recompensando servicios especiales y eminentes prestados a Bolivia,
Confiere al Señor Aureliano Machado
la Condecoración de Oficial de la Orden Nacional
del CONDOR DE LOS ANDES, consistente en la Medalla de la Orden
Dado en el Palacio de Gobierno de la ciudad de La Paz a los
11 días del mes de noviembre de 1927 años

Refrendado
El Canciller.

O diploma de official da Ordem do Condor de Los Andes, conferido a Aureliano Machado pelo governo boliviano, assignado pelos srs. Presidente da Republica e ministro do Exterior da Bolivia.

Na redacção da « Revista da Semana », por occasião da entrega do diploma e commenda. Sentados, o illustre portador, dr. Luiz Soares, consul geral da Bolivia, e o nosso director interino, dr. Randolpho Chagas, que tem em mãos, para a devida entrega, o diploma e a commenda conferidos a Aureliano Machado. De pé: o secretario da « Revista da Semana », dr. Octavio Tavares, e o gerente, sr. Antonio Joaquim Machado da Cunha.

CREANÇAS

1 — Maria Thereza Victoria, filha do sr. coronel Pompilio Dias e d. Cila Almeida Dias. 2 — Lourdes, Ila e Regina, filhas do industrial sr. Dante Fieschi Lavagnino e d. Ondina Raposo Lavagnino. 3 — Aureliano, filho do sr. Eurico Machado da Cunha e d. Guilhermina Cunha. 4 — Eduardo, Ilma e Gilda, filhos do sr. Sylvio Figueiredo e d. Zelita Santos Figueiredo e, atrás, o menino Renato, filho do sr. Sylvio P. Santos e d. Petrina Brêtas P. Santos. 5 — José Flavio, filho do sr. Luiz Pinheiro (Ponte Nova — Minas). 6 — Alda, filha do sr. João Maffei e d. Eugenia Maffei.

OS NOVOS LIVROS

NA PLANICIE AMAZONICA, *de Raymundo Moraes* (Manáos).

Temo-nos referido já, de passagem, a esse livro encantador. E'-nos dado agora dizer, nas breves palavras deste registro de livros novos, um pouco mais sobre a segunda obra do autor de «Notas de um Jornalista».

Na Planicie Amazonica é, sem favor, a mais perfeita de quantas obras se tem escripto sobre a Amazonia. Vale-se o sr. Raymundo Moraes da circumstancia de haver, durante cinco lustros, tido trato diario com as «estradas» fluviaes do Amazonas e Pará, na qualidade de commandante dos navios cujo typo tem, na região, o nome de «gaiola». Observando durante um quarto de seculo, poude o sr. Raymundo Moraes apresentar uma obra de immenso relevo, capaz, pela sua fidelidade, de destruir os pontos falsos de que são accusados escriptores, geographos e naturalistas que anteriormente haviam, com o conhecimento superficial de um ou dois annos, ou de um ou dois mezes, tentado descrever a maravilhosa e mysteriosa região do Norte.

Na Planicie Amazonica é um livro empolgante e fascinador, tão impressionantes as côres com que o autor descreve a terra, o homem, os costumes, as lendas, a flora, a fauna, os phenomenos todos que tornam essa grande parcella do Brasil absolutamente differente das demais.

As qualidades de escriptor que possue, emprega-as o sr. Raymundo Moraes admiravelmente, bordando capitulos de intenso poder descriptivo, que absorvem o leitor mais rebelde, tal o seu encanto, taes as bellezas que conteem.

Dizem-nos que o feliz autor de *Na Planicie Amazonica* dará em breve o seu terceiro livro — «Cartas das Florestas». Aguardamol-o ansiosos, porque é de presumir venha augmentar ainda mais o fulgor da obra regional, de incomparavel valia, do sr. Raymundo Moraes.

LOURENÇA ALBANI, *de Paul Bourget (Ed. Livraria do Globo — Porto Alegre).*

O sr. Eduardo Guimaraens fez uma linda traducção de «Lourença Albani», de Paul Bourget. E' só o que podemos dizer, porque o prestigio do livro do grande escriptor de «Le Disciple» tem desafiado já, victoriosamente, todas as criticas. Editando-a, a livraria do Globo andou acertadamente.

CONTOS DO NORTE, *por Alberto Rabello* (Livraria Jacintho Ribeiro dos Santos — Rio).

«Contos do Norte» é um livro de nome improprio, por isso que, em verdade, o autor fica adstricto á terra bahiana, descrevendo-a nas suas partes distinctas: lavras, sertão, reconcavo e littoral. Isso, de resto, carece de importancia, uma vez que o livro do sr. Alberto Rabello tem excellentes qualidades para triumphar e para permittir que o seu autor receba do critica os mais justos elogios.

«Contos do Norte» é um livro de feição simples e agradabilissima. Vivem nas suas paginas typos observados com felicidade, costumes e paizagens traçados com côres fieis e vivas.

Ha no nosso paiz, infelizmente, em cada uma das suas parcellas, uma quasi completa ignorancia do que ha e do que vae pelas outras; os livros como «Contos do Norte» têm o valor de fazer-nos conhecedores da nossa propria terra.

ASSOMBRAÇÕES, *contos — Dionysio Garcia* (*Rio de Janeiro*)

Ha qualquer cousa de macabro no livro do sr. Dionysio Garcia, desde a capa, que aliás, pelo seu feitio extravagante, dá má impressão. O livro, porém, é bem interessante e prende a attenção, precisamente pelo ar de bruxedo, milagre, tragedia ou o quer que seja que inspirou ao autor o titulo «Assombrações».

O genero de litteratura que o sr. Dionysio Garcia abordou não é muito commum entre nós. Ao autor essa circumstancia é, de um certo modo, util por isso que, sem ter feito obra positivamente original, póde affectar algo de novidade.

MANUAL DE DACTYLOGRAPHIA, *de Ernani Macedo de Carvalho (Ed. da Livraria do Globo — P. Alegre).*

O Manual editado pela operosa livraria portoalegrense tem a resaltar em cada uma das suas paginas a sua utilidade para os que se applicam á dactylographia.

As lições são dadas mediante regras intelligentes, acompanhadas de graphicos que, com o teclado de machinas e posições dos dedos, dão a impressão de que se póde colher, sem apparelho, toda a theoria da dactylographia.

ESTE É O CANTO DA MINHA TERRA..., *por Antonio Constantino (Editorial Helios Limitada — São Paulo).*

O livro do Sr. Antonio Constantino é — não se póde negar — uma cousa nova.

O autor demonstra nos seus «versos» uma exuberante imaginação e canta a nossa terra nos seus costumes, nas suas paizagens, nas suas lendas.

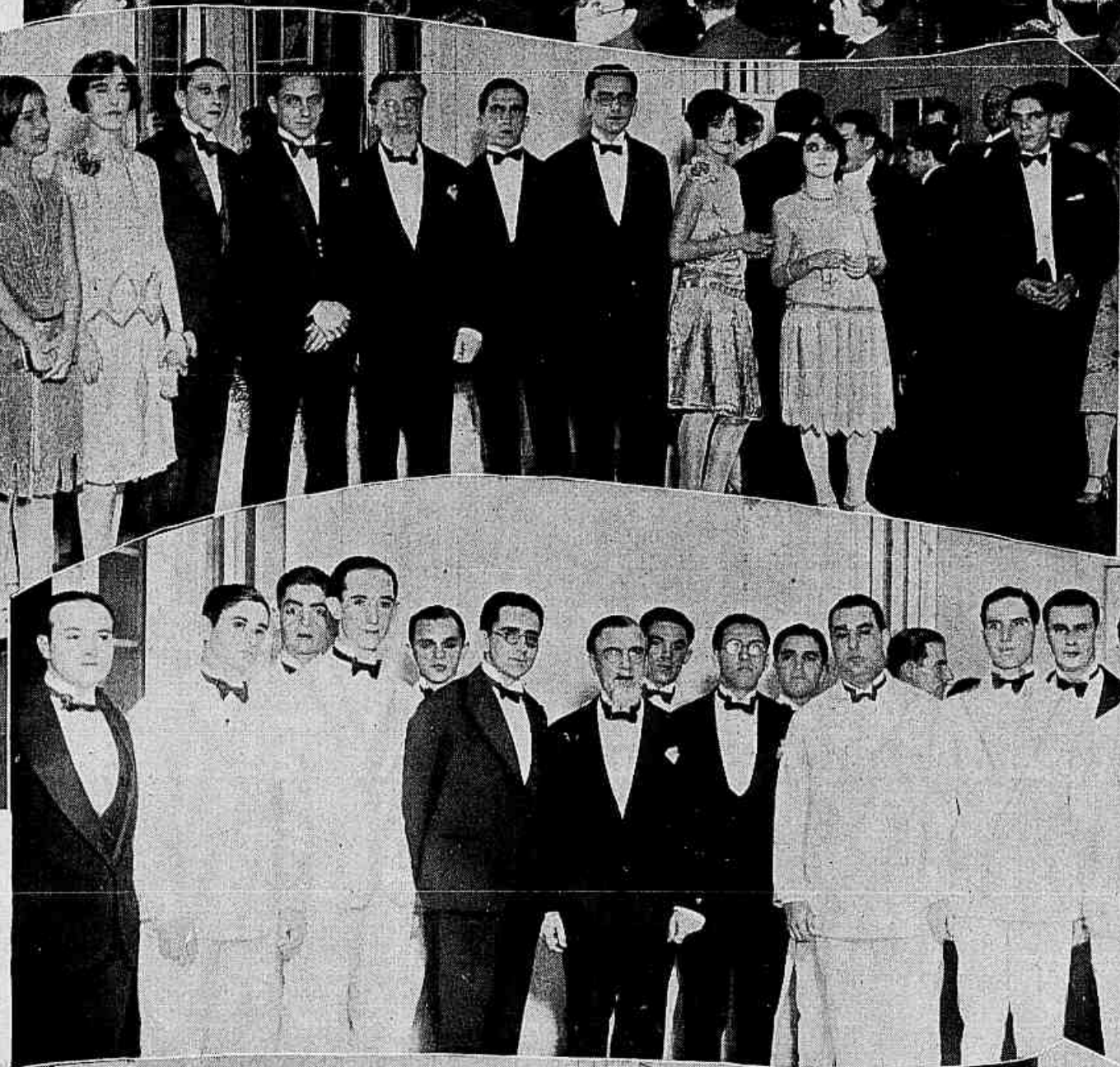
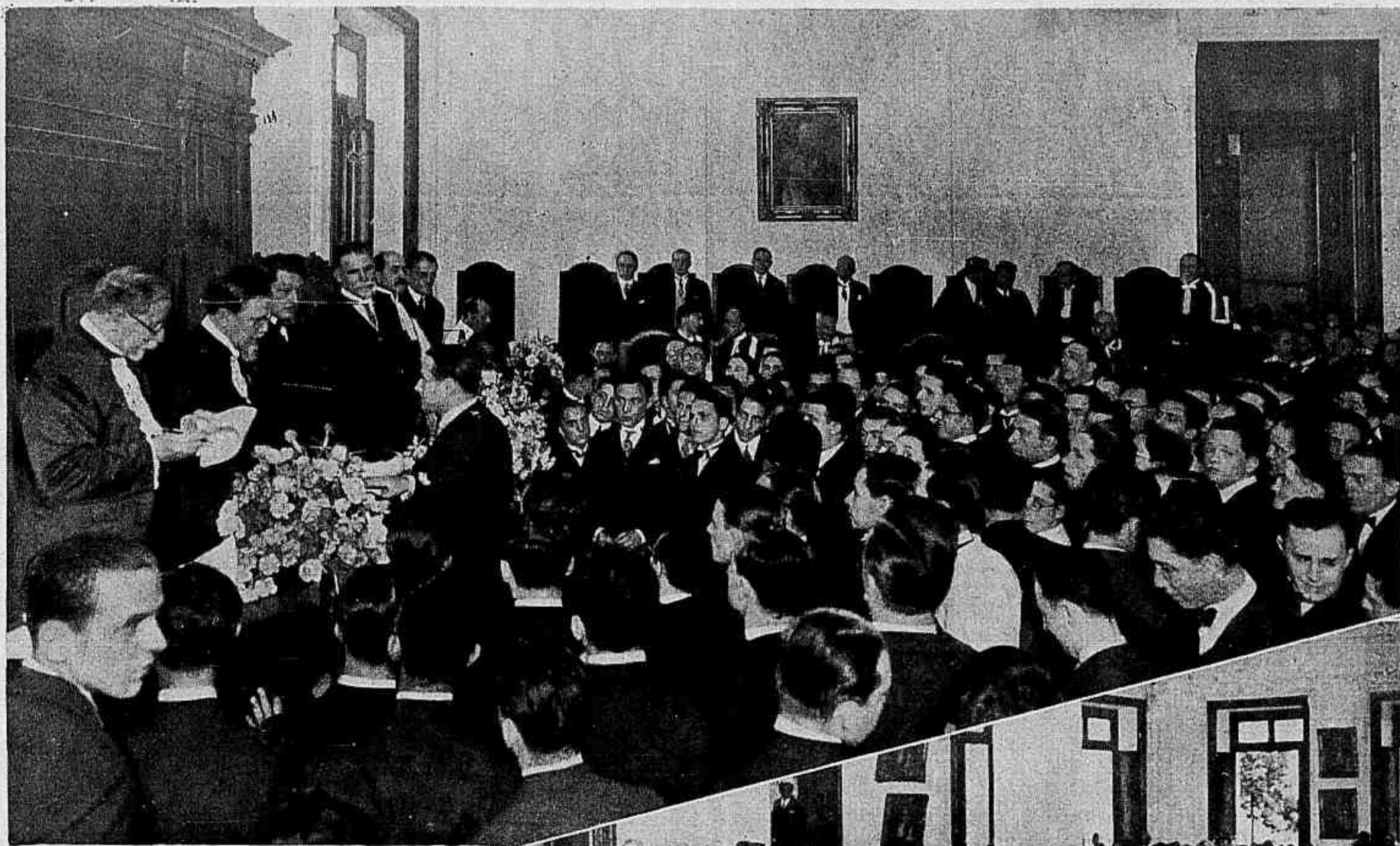
Parece-nos, entretanto, que a tentativa dos apregoados «rhythmos novos» tem colhido bem poucos applausos, e é possivel que os seus admiradores não cresçam em numero. Versos assim são verdadeiras extravagancias.

E' pena! Porque «Este é o canto da minha terra...» denuncia um autor capaz de fazer poesia séria e bem bonita.

O ROMANCE DE LAURA, *de Francis Jammes, trad. de Eduardo Guimarens (Ed. da Livraria do Globo — Porto Alegre).*

O sr. Eduardo Guimarens, feliz traductor de poemas de Rabindranath Tagore e de «Lourença Albani» de Bourget, offerece-nos agora «Pomme d'Anis» de F. Jammes, traduzido com o titulo de «O romance de Laura».

O pequenino romance, que é uma verdadeira obra de arte, engrinaldando gloriosamente o grande poeta da simplicidade, bem merecia a divulgação que ora vae ter na nossa lingua; e a nossa critica só poderá tecer louvores á linda obra do modesto autor, que tão ardentes e justos conceitos mereceu dos grandes esthetas da França.

A COLLAÇÃO DE GRAU DOS MEDICOS DE 1927

Aspectos tirados por occasião da collação de grau dos medicos de 1927, á qual se seguiu a dos pharmaceuticos e dentistas. 1 — A collação de grau. O sr. Presidente da Republica preside á mesa, tendo á direita os srs. ministro da Justiça e prof. Abreu Fialho, director da Faculdade de Medicina, e á esquerda os srs. professores Aloysio de Castro, director do Departamento Nacional de Ensino, e Cícero Peregrino, reitor da Universidade do Rio de Janeiro. 2 — Aspecto tirado no momento em que discursava o doutorando Bulhões Pedreira, orador da turma. 3, 4 e 5 — Tres aspectos tirados no Fluminense F. C. durante o baile com que os diplomados de 1927 da Faculdade de Medicina commemoraram a sua formatura.

NOTICIAS E COMMENTARIOS

No Hospital Evangelico. Um aspecto da grande homenagem prestada ao director, dr. Castro Araujo, illustre operador brasileiro.

PRESCILIANO SILVA

O Rio hospeda neste momento um grande artista — Presciliano Silva, vindo de sua terra natal, a Bahia, cujos templos e aspéctos coloniaes encontraram no seu pincel a maior expressão de arte. O eximio pintor de interiores, cujos quadros encerram todas as doçuras da fé e todos os thesouros e encantos dos velhos templos catholicos que fazem de São Salvador a cidade tradicional das igrejas, representa um valor definido e definitivo na pintura brasileira.

Recentemente, a sua exposição naquella capital foi um acontecimento artistico.

Presciliano Silva, depois de 15 annos de ausencia, veio admirar a belleza e o progresso do Rio, devendo, em meiados do anno proximo vindouro, fazer uma exposição de seus quadros esplendidos e evocativos aqui e em S. Paulo.

Mestre dos tons coloniaes, como lhe chamou Carlos Chiacchio, cujo temperamento de critico e estheta soube exaltar o merito do admiravel artista bahiano, nos dará assim, dentro de alguns mezes, o ineffavel prazer de contemplar os seus trabalhos, onde o nosso passado e a nossa alma ganham a glorificação da luz e da côr.

Tendo-se encerrado o Congresso Nacional, o eminente engenheiro senador Paulo de Frontin reassumiu o seu cargo de director da Escola Polytechnica. A nossa photographia mostra o dr. Frontin — ao centro, no primeiro plano — na escadaria da Escola, após a ceremonia, rodeado de professores e academicos.

Aspecto da chegada ao cemiterio de S. Francisco Xavier do corpo do general Abilio de Noronha. Vêem-se acompanhando o esquife o major Brasilio Carneiro, representante do sr. Presidente da Republica, e os generaes Nestor Passos, Mariante, Carlos Arlindo, Nicolau, Estanislau Pamplona e Azevedo Costa.

PELA ETHNOGRAPHIA

Encontra-se entre nós o antigo diplomata allemão dr. A. W. Ado Baessler, que abandonou a carreira para dedicar-se aos estudos ethnographicos. As conhecidas obras scientificas de seu parente dr. Arthur Baessler incutiram-lhe no espirito a ideia das viagens de estudo, e o ex-diplomata percorreu a Asia (India, Japão, China, ilhas Bali); Africa do Norte e do Sul; America do Norte e Central, e chegou á parte meridional do nosso continente, indo á Colombia, Equador, Perú e Chile. No Perú, atravessou a região inhospita chamada "Puna", nos Andes, onde estudou os "Cholos". Avançando até Iquitos, observou os costumes e religiões dos indios das cercanias dos rios Napo, Maranhão e Javary.

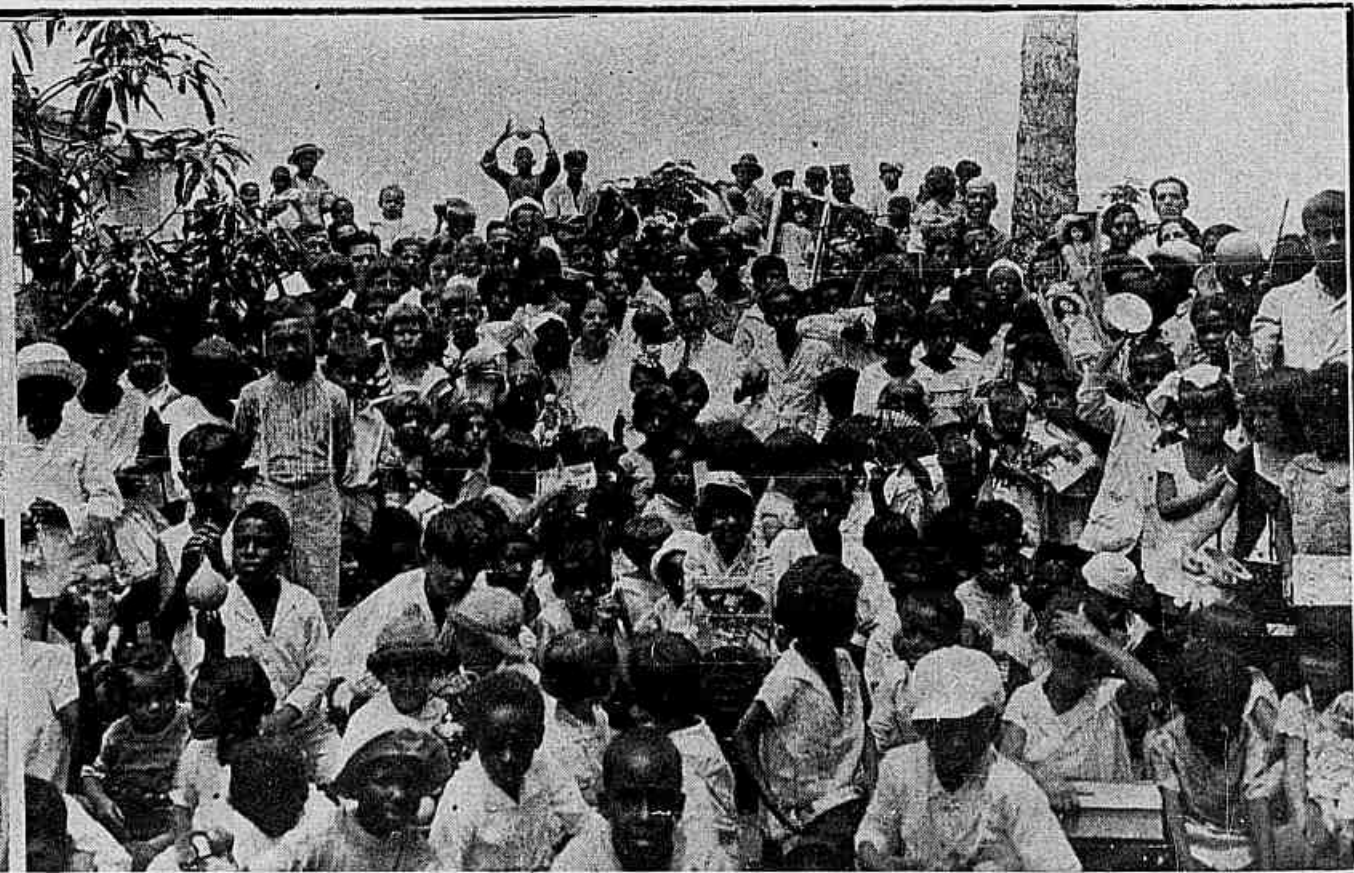
Da sua segunda viagem, attingiu a Terra de Fogo, onde estudou os indios "Ona", e no Gran Chaco os "Matacos" e "Tobas", tribus ao sul do rio Bermejo.

Presentemente o dr. Baessler faz a sua terceira viagem, tendo a intenção de visitar, em abril, o Amazonas e o Tapajoz, pretendendo ver os "Mundurucus".

De passagem pelo Rio, o illustre ethnographo teve a gentileza de visitar a REVISTA DA SEMANA.

BOAS FESTAS

Recebemos — e agradecemos — votos de Boas-Festas de:

A. Placido Marques & Cia. (Papelaria Mendes); American Paper Exports, Inc.; R. A. Alhadas; Leuenroth & Cosi, Ltd. (A Eclectica — São

A' esquerda: a festa de Anno Bom das creanças da Escola Dominical na Igreja Presbyteriana. A' direita: distribuição de brinquedos ás creanças pobres pelo casal Julio Motta, na praia da Guarda, na ilha de Paquetá.

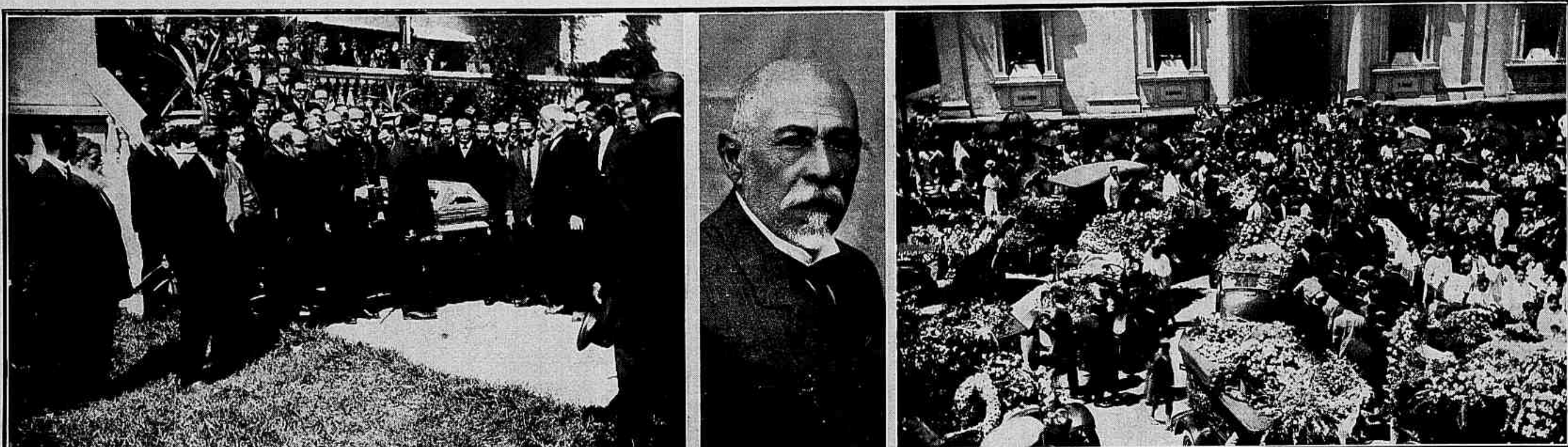
A senhora Iveta Ribeiro, festejada escriptora e poetiza, que acaba de publicar o seu novo livro «Meus Versos».

Paulo); Viuva Pereira Leite & Filhos (A Estrella do Cattete); Banco Commercio e Industria de Minas Geraes; Vicente Santos Caneco & Cia. (Estaleiros e Officinas de Construcções Navaes); Mirko Taussig; Zoroastro de Araujo (Ayuruóca — Sul de Minas); Banco Brasileiro Allemão; S. A. Chapéo Mangueira; José Pedrosa & Cia. (Serraria Atlas); International News Service, Inc. (New York); União Beneficente dos Chauffeurs do Rio de Janeiro; Nordskog & Cia.; Empreza de Aguas Gazozas, S. A. (Rio de Janeiro) e Companhia Antarctica Paulista; All America Cables; Associação Feminista Annita Peçanha; Papelaria União; J. G. Pereira & Cia. (Papelaria Brasil); Turma de alumnos do anno de 1927 do curso de artifices de aviação; escriptora e poetiza Beatriz Delgado; C. Fuerts & Cia. Ltd.; Crédit Foncier du Brésil et de l'Amérique du Sud; A. Broxado (Bahia); A. R. da Motta; dr. Carloman da Silva Oliveira e auxiliares do Formicida Paschoal; Carvalho Azevedo (Agencia Americana); Banco de Credito Mercantil; Gonçalves Fonseca & Cia.; C. Biekarck & Cia.; Seligmann & Cia.; Alfredo de Paula Freitas e Mario de Paula Freitas Filho (Collegio Paula Freitas); Otto Leiser (Hemburgo); Holmberg, Bech

OS REIS MAGOS. Composição de Del Pino, especial para a REVISTA DA SEMANA.

A brilhante violinista franceza mlle. Renée de Saussine, cunhada do sr. conde de Robien, encarregado dos Negocios da França, que após haver dado um lindo recital no Rio encantou a fina platéa paulista.

& Cia. Ltd.; Francesca Nozieres; Leon Abran (Diamond-Programma — S. Paulo); Arlindo Guimarães & C.; Casa Ratto; Navigazione Generale Italiana; Barros Garcia & Cia. (A Internacional); Sociedade Anonyma de Viagens Internacionaes; actriz Margarida Max; Bruno Marcer (Agencia Theatral « Kosmopol »); Madeira, Nascimento & Cia; C. W. Bayne, director-gerente da Leopoldina Railway Co.; Pimenta de Mello & C.; «Chargeurs Réunis» e «Sud-Atlantique»; Casa dos Artistas; Silva, Marques & Cia.; Dorfmann & Irmão; The Rio de Janeiro Flour Mills and Granaries, Ltd. (Moinho Inglez); Machado Carvalho & Cia.; Lloyd Sabaudo; guarnição da Aviação Naval; Banco Metropolitano Brasileiro; Silva, Almeida & Cia.

Enviaram-nos presentes de Natal: Empreza de Aguas Gazozas S. A. e Companhia Antarctica Paulista (nove folhinhas); S. A. Amerital (tres pastas); Miranda, Puertas & Cia. (varias folhinhas); Cappuccini (tres folhinhas a côres); Bonheur & Cia. (uma folhinha); Fabrica «Polar» (calçadeiras e folhinhas); Fabrica Sudan (folhinhas e ventarolas); Coelho Barbosa & Cia. (folhinhas); Byington & Cia. (uma folhinha); Papelaria Mendes (tres folhinhas); Bayer (dois canivetes); Papelaria União (duas folhinhas); J. G. Pereira, Papelaria Brasil (duas folhinhas); Holmberg, Bech & Cia. Ltd. (uma pasta); S. Brum & Cia. (uma folhinha); Moinho Inglez (uma folhinha); «Chargeurs Réunis» e «Sud-Atlantique» (uma folhinha); General Motors Of Brasil S. A. de S. Paulo (uma folhinha); H. Gorge & Cia. de Vienna (uma folhinha).

Ao centro, o commendador Antonio Rodrigues Alves, prestigioso politico e chefe do P. R. P. local, cujo passamento enluctou a prospera cidade de Guaratinguetá que elle, com o seu prestigio, elevara á categoria de uma das mais importantes cidades do norte de São Paulo. A' esquerda, o sahimento do feretro do palacete á avenida Washington Luis, em Guaratinguetá. Pegam nas alças do caixão os filhos do extincto, representantes do governo do Estado e altas autoridades. A' direita, aspecto da praça da igreja Matriz, depois da missa de corpo presente.

POKER POLITICO

O Rio foi, no mez de Dezembro, um verdadeiro ponto de "rendez-vous" de presidentes dos Estados, incluidos entre elles não só os effectivos, como os futuros, já eleitos para os supremos postos em diversas unidades da Federação.

No momento em que escrevemos estas linhas, já não se encontram todos elles fruindo as *delicias* do verão carioca. Aqui se reuniram os srs.: Estacio Coimbra, presidente de Pernambuco, Adolpho Konder, presidente de Santa Catharina; Juvenal Lamartine, presidente eleito do Rio Grande do Norte; Manoel Duarte, presidente do Estado do Rio de Janeiro; Getulio Vargas, presidente eleito do Rio Grande do Sul; e Affonso Camargo, presidente eleito do Paraná.

Ao que nos contam, num banquete estiveram cinco delles reunidos — o que não é nenhuma cousa do outro mundo, porque no ultimo numero da "Revista" démos um grupo em que estão todos seis. Um impenitente jogador de *poker*, vendo-os assim juntos, teve esta phrase: — Um *five* de presidentes...

E alguem retrucou:

— Então, algum delles deve ser o *coringa*...

— Ah isso é que não! O "coringa" sempre foi o Presidente da Republica...

NOTA DA REDACÇÃO — O autor da pilheria não é o senador Azeredo.

DR. FRANCISCO DE CARVALHO AZEVEDO

Após brilhante curso collou grau o joven medico dr. Francisco de Carvalho Azevedo, filho do Sr. Job de Carvalho Azeredo, nosso confrade da Agencia Americana, e sobrinho do illustre professor Carvalho Azevedo. Interno dos serviços de clinica obstetrica e gynecologica do prof. Fernando Magalhães, na Pró Matre e do serviço de gynecologia do professor Carvalho Azevedo, na Santa Casa, o novel medico assume a responsabilidade do seu grau rodeado pela grande sympathia que provocam a sua modestia e a sua illustração.

A revolta das Ilhas Salomão

Foram tragicos os successos que se desenrolaram ha pouco tempo no longinquo archipelago melanesio, cujo dominio é partilhado desde 1921 pela Inglaterra e Australia, e que antes da guerra o era pela Grã-Bretanha e Allemanha.

O archipelago de Salomão, descoberto em 1567 pelo navegador hespanhol Mendana, cuja narração de viagens foi publicada pela *Hakluyt-Society* em 1910, é constituido por sete grandes ilhas e outras muitas pequenas, tendo algumas dellas nomes hespanhoes, como as de Isabel, Guadalcanar, Florida, Candelaria e S. Christovam. Habitadas todas por melanesios em numero approximado de 200.000, não foi sem grande trabalho que a civilização européa, representada principalmente por missionarios e algumas pequenas feitorias commerciaes, conquistou varias etapas.

Canôa de guerra dos naturaes das Ilhas Salomão.

Indigenas das Ilhas Salomão que atacaram as feitorias inglezas de Malaita.

Os naturaes dessas ilhas tiveram desde o seculo XVI fama de crueis e inhospitaleiros, triste celebridade que foi confirmada pelos relatos das viagens de Carteret, Bougainville e Surville, na segunda metade do seculo XVIII. Em perpetua guerra as tribus, guerra sem quartel que converte cada ilha ou ilhota em vastos matadouros humanos, principalmente nas épocas de escassez e penuria, que reavivam na bestial condição dos ilhéos os seus instinctos canibalescos, só poude refrear um pouco a selvageria natural dessa gente a mão dura com que primeiro a Inglaterra, desde 1861, e a Allemanha, desde 1888, fizeram sentir ali a sua autoridade de occupantes.

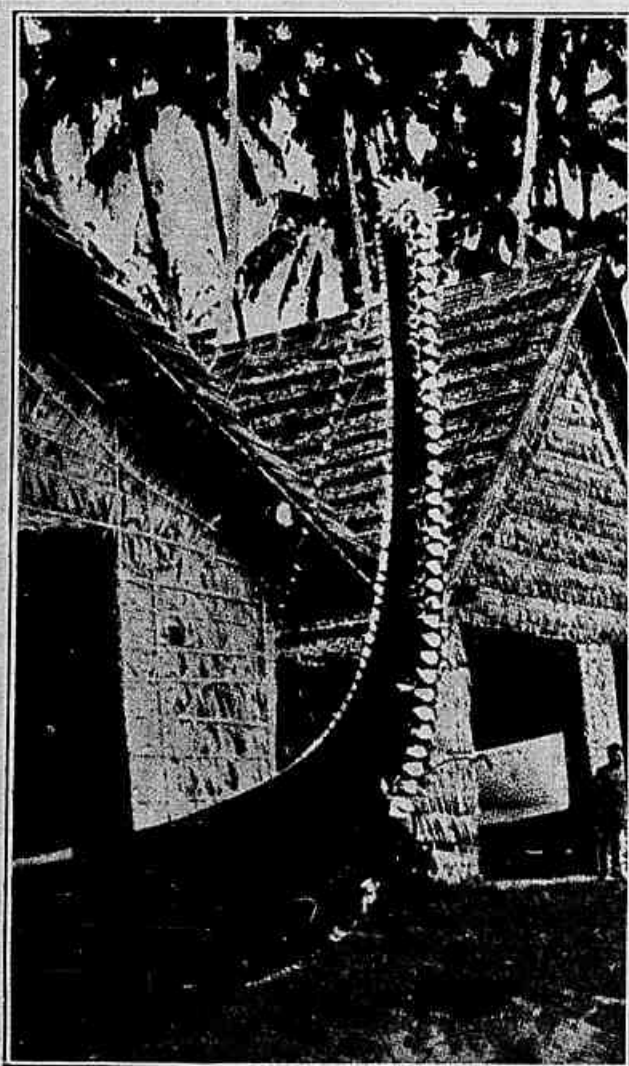
O saudavel temor que o europeu lograra infundir aos habitantes das ilhas Salomão deu como resultado até agora, se não o desapparecimento total no archipelago dos barbaros costumes indigenas, ao menos o respeito aos estabelecimentos commerciaes germanicos e britannicos, inclusive no interior das ilhas, onde as raras forças de policia européas ao serviço dos respectivos interesses só de quando em quando davam signal de vida.

Mas essa situação favoravel da occupação branca no archipelago melanesio foi dramaticamente interrompida nos primeiros dias de Outubro, annunciando um cabogramma, expedido no dia 7 das ilhas, que sublevados em massa os indigenas, contra os europeus, haviam iniciado a revolta assassinando em Sinarago, feitoria da ilha Malaita, o commissario superior inglez, um empregado britannico, quinze policiaes e a tripulação do vapor *Anks*, fundeado no porto de Sinarago ao estalar a revolução. Adquiriu esta tal incremento que no dia 10 teve de zarpar de Sidney o cruzador *Adelaide*, levando aos subditos britannicos, que, no dizer dos alarmantes cabogrammas recebidos em Sidney, cada vez corriam maior risco de ser exterminados, abundante provisão de armas, munições e antidotos contra as feridas de fléchas e lanças envenenadas.

Dois typos de belleza de Naravo (Ilhas Salomão) no dominio inglez do archipelago.

Um chefe de tribu das Ilhas Salomão, com seus extranhos enfeites de guerra.

As nossas gravuras offerecem ao leitor algumas notas interessantes que se prendem ao assumpto.

D. R.

Os cafés do Rio

por Hermeto Lima

ANTES de fazermos o historico dos Cafés do Rio de Janeiro passemos em rapida revista a origem dos Cafés.

A opinião geral é que o primeiro Café nasceu em Méca, passando depois para Londres, em seguida para Marselha e depois para Paris, onde um armenio, de nome Pascall, abriu o primeiro, na feira de Saint Germain. Em seguida outro armenio, chamado Gregoire, e depois um siciliano, chamado Procopio, abriram outros, que se tornaram mais ou menos celebres pelas notabilidades artisticas e litterarias que os frequentavam para a palestra de todos os dias. De Paris passou o Café á Italia e da Italia ao Rio de Janeiro.

Parece que o primeiro Café que se abriu na cidade foi o «Café Cercle du Commerce», á rua Direita 19, segundo se vê do seguinte annuncio publicado no «Jornal do Commercio» de 30 de Dezembro de 1835.

«N. Denis, proprietario deste estabelecimento, tem a honra de participar ao publico, e particularmente aos seus freguezes, que associou no seu negocio de gelo somente ao sr. Luiz Bassini, que foi o primeiro que fez sorvetes nesta Côrte e que do 1°. do anno em diante se achará na sobredita casa, das 10 horas da manhã ás 10 da noite, tijollos ou matonetti, café gelado á italiana etc. etc. iguaes em qualidade aos que se achão nas melhores sorveterias de Napoles. Tambem aprompta rá encommendas para fóra e afiança a promptidão, aceio e qualidade, tanto destas como dos refrescos que se servirem nas suas salas, entre as quaes ha uma exclusivamente destinada ás senhoras».

Mas vendia o «Cercle du Commerce» o café como hoje se toma?

E' muito possivel que não. O tal café gelado a que o annuncio se refere é provavelmente um preparado qualquer tendo por base o café. Por conseguinte o «Cercle du Commerce» não pode ser considerado o 1.° café aberto no Rio de Janeiro.

O Almanach Laemmert, que sahiu em 1840 pela primeira vez, não menciona a existencia de nenhum Café na cidade nesse anno, o mesmo se dando nos annos de 1841 a 1845. Ora, não é provavel que só 10 annos depois da abertura do Cercle du Commerce apparecessem os outros.

Isto posto, é quasi certo que os primeiros Cafés appareceram no Rio em 1845, segundo se verifica no Almanach Laemmert de 1846.

O preparo do café naquelle tempo não era dos trabalhos mais faceis. Escolhidos os grãos, era preciso torral-os e isso era feito em um grande alguidar de barro, que ficava sobre um fogaréo. O operario, quasi sempre uma escrava, durante algum tempo mexia com uma colher de páo os grãos do café, afim de que se não queimassem e ficassem torrados por igual. Uma vez concluida essa primeira parte, tinha logar a segunda, que não era menos penosa: pulverisar esses grãos. A negra collocava um punhado delles dentro de um pilão e com o braço do pilão, á força de muito bater, tornava-os em pó. Pulverisado o café, outra trabalheira para o fazer, afim de ser saboreado. Era preciso ferver uma certa quantidade de agua, collocar o café em um sacco e espremel-o até sahir liquefeito. Por causa dessa trabalheira, que durava longas horas, os negociantes talvez desistissem de abrir Cafés no Rio de Janeiro.

Eram em numero de 7 os Cafés do Rio de Janeiro em 1845: — O Café das Columnas, á rua da Constituição 20; o do Commercio, á rua da Alfandega 4; o Gradil, á mesma rua 10; o do Pharoux, á rua Fresca 5; o Universal, á rua da Prainha 2; o Cercle du Commerce á rua Direita 11, e o Café do Braguinha á rua da Constituição, esquina da rua do Sacramento. De todos esses, o que se tornou mais conhecido na cidade foi o ultimo, por causa dos pomposos annuncios que fazia nos jornaes do tempo. O dono era um portuguez chamado Silva Braga, muito amigo de João Caetano e por intermedio de quem muitas peças theatraes foram levadas á scena. Frequentavam o Café do Braguinha escriptores como Laurindo Rabello, Machado de Assis, Paula Brito, José de Alencar e Manoel de Macedo, e a todos o Braga pedia que redigissem os annuncios de sua casa que elle fazia questão que começasse sempre pela frase «A fama do Café com leite». De 1847 em diante, os Cafés foram se espalhando pela cidade e de tal fórma que 20 annos depois já elles eram perto de 50, sendo que apenas dois se achavam localizados á rua do Ouvidor: o Café de Italia, de madame Judith Dagl'oni, que ficava na esquina da rua Uruguayana, e o Café Imperial, na esquina opposta. Nesta rua existiam outros, como o Café de Belle Helene, o Café de la Boule d'Or, o Café de la Renaissance e o do Universo, que ficavam no numero dos 65 daquelle tempo. O motivo desses Cafés estarem agrupados nessa rua era o Theatro Alcazar, que funccionava naquelle ponto e que, aberto em 1859 por um francez de nome João Arnaud, introduziu aqui as novidades dos theatros mais ou menos livres de Paris, obtendo um successo formidavel. Dizem que no tempo do Alcazar muitas fortunas se escoaram para as mãos das artistas mais ou menos graciosas que lá trabalhavam. Sobre esse theatro não podemos deixar de trasladar para aqui de passagem os seguintes conceitos proferidos por Joaquim Manoel de Macedo, no seu livro «Memorias da Rua do Ouvidor».

«Maligna foi, sob todos os pontos de vista, a influencia do Alcazar, venenosa planta franceza, que veio medrar e propagar-se tanto na cidade do Rio de Janeiro.

O Alcazar, o theatro dos trocadilhos obscenos, dos kan-kans, das exhibições de mulheres seminúas, corrompeu os costumes e atiçou a immoralidade.

O Alcazar determinou a decadencia da arte dramatica e a depravação do gosto».

Mas voltemos aos Cafés, que — com os machinismos, que pouco a pouco iam apparecendo para o seu fabrico, dispensando o braço do negro, e tambem pelo habito já então espalhado, do carioca, que sahindo de casa para ella não entrava sem ter tomado 2 ou 3 chavenas de café na cidade — foram aos poucos se espalhando.

Em 1875 contava a cidade 139 cafés e em 1887 cerca do dobro. Nesse anno tornam-se notaveis os que se acham á rua do Ouvidor: o Café Cascata, o Café de Londres e o Café Java, que passava por um dos melhores da cidade e era frequentado pela melhor gente. O Café de Londres, que era situado onde hoje está a leiteria Palmyra, tornou se celebre pelos conflictos que constantemente lá se davam, ora por motivos politicos, ora por motivos particulares. Quartel general dos estudantes da Escola de Medicina e da Polytechnica, o Café de Londres era tambem frequentado por jornalistas e homens de lettras do tempo. Não menos digno de nota era o Café Brito, á esquina da rua Uruguayana, tendo nos altos o Hotel Provenceaux, onde a mocidade do tempo ia buscar as fontes de suas alegrias.

No becco das Cancellas, havia tambem o Café Amorim, muito procurado por ter fama de vender á freguezia um café mais saboroso do que os outros.

Tratámos do Café casa, onde é vendido: vamos agora tratar do café bebida, para fecharmos estas notas.

Segundo a opinião do sr. Rebello Braga, nosso consul em Montreal, só no Brasil e na Colombia é que se toma o café puro, podendo portanto ser melhor apreciado o seu gosto. Na França, na Inglaterra, nos Estados Unidos e no Canadá, não se toma o café senão com leite, tendo sido sempre infructiferas as tentativas que os brasileiros fazem nas festas nacionaes para conseguir que os seus convivas tomem uma chicara de café sem leite, diz ainda o referido Consul.

Quanto ás machinas de preparar o café, ellas variam ao infinito e só na America do Norte ha uma quantidade incalculavel dellas, mas nenhuma ha que preencha os fins. Nellas o café ferve e referve tirando-se-lhe, a peso de tanta fervura, o aroma e o gosto.

Terminando, diz ainda o referido consul, as nossas machinas são ainda as melhores. E basta sobre Cafés do Rio.

RAUL

— Vae outro cafézinho?

— Então, Conegundes, você não nos conta nada de novo?
— Nada. Tudo semsaboria... Imaginem que esta semana só houve quatro conflictos no café de Londres.

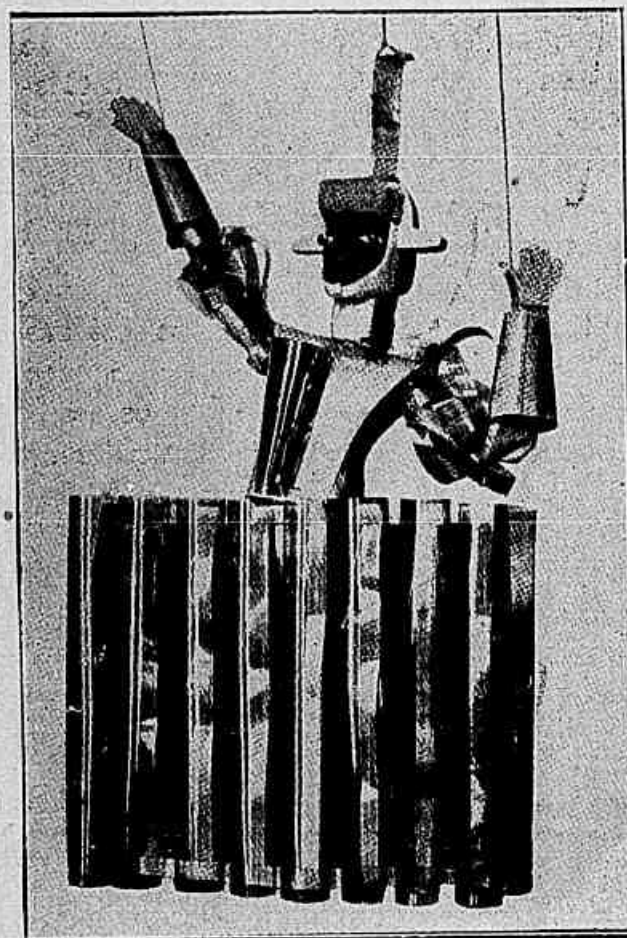
O PRECURSOR DOS AUTOMOVEIS AMERICANOS

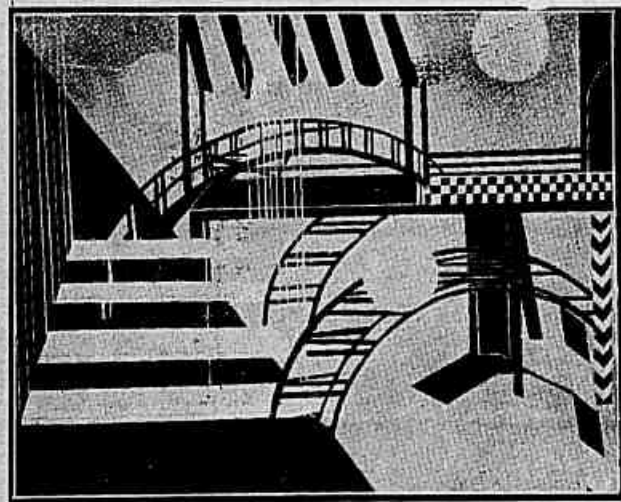
Em razão da Exposição Internacional do Automovel que se realizou ultimamente no *Olympia*, de Londres, e

na qual, de um modo completo como nunca, se poude apreciar o enorme progesso realizado pela carruagem mecanica nestes ultimos dois lustros, publicou uma revista profissional norte-americana a curiosa gravura que aqui se vê.

Representa a dita illustração o primeiro carro apparecido em 1901, que com o seu cylindro unico e o seu grotesco aspecto causaram a admiração dos ricaços da época.

AS MARAVILHAS DA ARTE...

As photographias que acompanham esta nota apresentam á consideração

do leitor duas significativas amostras do indubitavel estado psychopathico de certo sector da arte moderna, que tem uma das sua manifestações mais convincentes na exposição que, todos os annos por esta época, se celebra em Berlim com o audacioso titulo de *Der Sturm*, isto é *O Furacão*, e outras denominações expressivas, e que, como se poderá observar, não perdôa um só dos moldes velhos.

Na exposição deste outomno e na secção de scenographia appareceram os dois specimens a que nos referimos, os quaes, segundo os seus respectivos autores, são um modelo de *marionette*

e uma decoração para *o Mercador de Veneza*, concebidos de accordo com o chamado principio *constructivo*...

A *marionette* representa uma dama veneziana com a sua mascara e mais nada, e a decoração — o Grande Canal á noite, com balanços e luas á vontade...

EM PARIS

NOTAS DE UM CADERNO DE VIAGEM

AS PROEZAS TRANSATLANTICAS

Estando em moda as proezas transatlanticas, um joven constructor allemão, de nome Yorg, decidiu partilhar das glorias de Lindbergh, embora afastando-se da

via aérea, já assás praticada, para seguir a aquatica, numa embarcação especial, automotora, por elle ideada.

E' essa, como mostra a photographia, uma navezinha de reduzido tamanho e aspecto de submarino, semelhante, pelas suas linhas, ás lanchas a gazolina de luxo que são communs nos grandes rios, canaes e lagos allemães. Propõe-se Yorg a realizar a travessia do Atlantico sahindo do lago de Constança, procurando uma das boccas do Rheno no mar do Norte, e dahi para o porto de New-York.

O bote automotor que vae tentar a façanha é todo de aço e de construcção insubmergivel.

O extraordinario da tentativa não reside na modesta categoria da embarcação empregada, mas na escassa potencia do motor do *Orkan*, que tem dois cylindros e oito cavallos, sufficientes para um passeio no lindo lago de Constança, mas evidentemente inapto para cobrir indemne tão larga distancia luctando com as ondas. Assegura, entretanto, *herr* Yorg que a força excepcional do motor e o systema originalissimo de direcção que o *Orkan* possue garantem o exito.

A MORTE ENTRE OS IGORROTES

Contrastando com o extremo modernismo de Manilha, em algumas provincias da ilha de Luçon perduram ainda usos e costumes da mais refinada barbarie.

Assim occorre, por exemplo, com a tribu selvagem dos igorrotes, que não sepultam nem incineram os seus mortos,

mas procedem de accordo com o preceito parsi prégado por Zoroastro na Persia, onde as lugubres Torres do Silencio offereciam permanente banquete de carne humana aos bandos de corvos.

Os igorrotes levam, effectivamente, os cadaveres para o cume de um monte, e ahi os abandonam em grupos e na extranha attitude que apresenta a curiosa photographia junta.

DOÇURAS DOS REGIMENS DEMOCRATICOS

Se á Russia sovietica não estivesse encarregada de demonstrar permanentemente ao mundo que as democracias governantes quanto mais extremas peior tratam o povo que as implantou po[illegible]

apresentar como exemplo instructivo desta affirmação o instantaneo que acompanha estas linhas.

Foi elle colhido durante uma manifestação patriotica na cidade allemã de Breslau, podendo-se apreciar perfeitamente a suavidade de processos empregado pela força publica na republicanizada Germania para conter os enthusiasmos democraticos.

MODAS • COSTURAS E BORDADOS ▣ A VIDA NO LAR ▣ RECEITAS E CONSELHOS PRATICOS ▣ ECONOMIA DOMESTICA E ALIMENTAÇÃO

A MODA

Ideias? Nascem todos os dias, mais encantadoras umas que as outras, e guarnecem a moda com sua graça leve.

Os nossos vestidos parecem ter vida, tantos são os sorrisos que estão escondidos dentro das pregas, nos arabescos dos detalhes, no acabado dos recortes, na delicadeza dos pontos abertos, no capricho dos cintos, no jogo dos *boleros*, dos bluzados, dos *revers*, e na harmonia interessante dos coloridos admiravelmente combinados e misturados.

Os nossos chapéus rivalisam de seducção com os vestidos e formam conjunctos que são verdadeiras obras de arte.

A novidade que mais successo está fazendo actualmente é a joia, de desenho original, artistico e sempre pessoal, que se encontra sobre o vestido, sobre o chapéu, espetado na *écharpe* que enrola os hombros e o pescoço, ou na faixa que deixa cahir as suas pontas graciosas sobre a saia.

Para revelar-nos a graça desses objectos encantadores, os artistas na moda, taes como Auguste Benaz, esforçaram-se para crear modelos mais lindos uns do que os outros.

São fivelas em que os brilhantes põem um brilho alegre no fundo de negro vidrilho. São ellas collocadas no meio de um laço de velludo, na prega de um feltro, no centro de uma *cocarde* de faille. São os broches, quadrados, redondos, sobre o comprido, de todos os tons e feitios, que veem dar um acabado *chic* ao vestido da bôa costureira. Mas para que tenha todo o *chic* é preciso que a joia usada faça lembrar a da golla ou do cinto do vestido.

Ideias novas! O casaco direito — chamado *troika*, porque veio com certeza de uma lembrança oriental — encontra-se muito sobre os vestidos, acompanhando-os com graça; muitas vezes não tem mangas, de feitio vago e sem abotoadura; é este o seu caracter distinctivo. O velludo flexivel e o setim são seus elementos preferidos. Dá á silhueta das mulheres altas e finas muita graça. Outras vezes tem mangas compridas, quando acompanha vestidos sem mangas e abertos, que pódem assim ser usados na rua.

O *dégradé* está cada vez mais em moda: nuns vesti-

ULTIMOS MODELOS

1 — Vestido de crêpe-setim cinzento claro, fivella e collar de coral. 2 — Vestido de crêpe setim azul marinha guarnecido com crêpe *georgette* branco, broche e placa da cintura de esmeralda, e brilhantes. 3 — Vestido de crêpe de Chine rosa muito claro, uma grande penca de glycinias azul arroxeado guarnece um dos hombros.

1 — *Quand même* é o nome que a casa Duvil poz neste seu vestido de estylo de tafetá preto, bordado a ouro; pencas de *monnaie-du-Pape* bordadas com strass dão a sua nota brilhante. 2 — *Milady*, creação Jenny; interessante vestido para a noite de setim preto e setim côr de rosa.

1 — *Diamant-rose* foi o nome dado por Permet a este seu vestido de baile completamente bordado de strass e contas côr de rosa sobre fundo preto. 2 — *Emeraude*, creação Cheruit, vestido de tafetá verde-esmeralda, guarnições de setim preto bordadas com contas de crystal esmeralda, saia formada por dois babados de tulle ciré preto.

A inauguração das placas da rua Allan Kardec, nesta capital, com a assistencia do representante do prefeito sr. Antonio Prado Junior e grande numero de adeptos do Espiritismo.

MODA INFANTIL

1 — Capa para creança de lã branca bordada com seda frouxa branca. 2 — Touca de seda branca, com o mesmo bordado da capa. 3 — Manteau de lã vieux-rose, debruado com fita do mesmo tom, pelle branca. 4 — Vestidinho de voile côr de rosa, bordado com ponto turco. 5 — Vestidinho de crêpe de Chine azul pastel, bordado com seda frouxa de tons vivos.

dos é só na barra e nas guarnições que são empregados. Mas noutros o effeito do *dégradé* é dado pelo proprio tecido, que vae do tom mais claro ao mais escuro, e ainda em outros a transição das cores é feita por incrustações. São estes muito mais apreciados, não só porque exigem muito mais arte da parte da costureira, mas porque pódem tambem ter muito mais originalidade

CONSELHOS SOCIAES

As aguas de um rio começam por cavar seu leito; depois é o leito que contém e dirige as aguas.

O homem cria habitos; depois são esses habitos que dirigem e fazem julgar o homem.

Isto parece uma coisa muito simples. Mas pergunta-se: p r que razão as aguas do rio cavaram o leito excatamente naquelle logar e não a uns cincoenta metros mais á direita ou á esquerda? A resposta não póde deixar de ser esta: as aguas seguiram a linha de menor resistencia, procuraram todo o longo do seu curso os portos mais baixos.

Se perguntam porque um homem tomou taes ou taes habitos, a resposta é muito parecida. Se quizerem reflectir bem a respeito dos bons habitos que se orgulham de possuir, constatarão que a maior parte são devidos ás condições em que decorreram os primeiros an-

COMO CONSEGUIR UMA CUTIS QUE OS HOMENS ADMIREM

(Da Revista "Happy Hours")

"Um homem poderá admittir, com certas reservas, que os pós, cremes e demais preparados constituam uma ajuda necessaria para a conservação da belleza", escreve uma mulher profundamente observadora, "porém no amago do coração continuará sonhando com uma formosura que não necessite destes recursos, para o realce dos seus dotes naturaes".

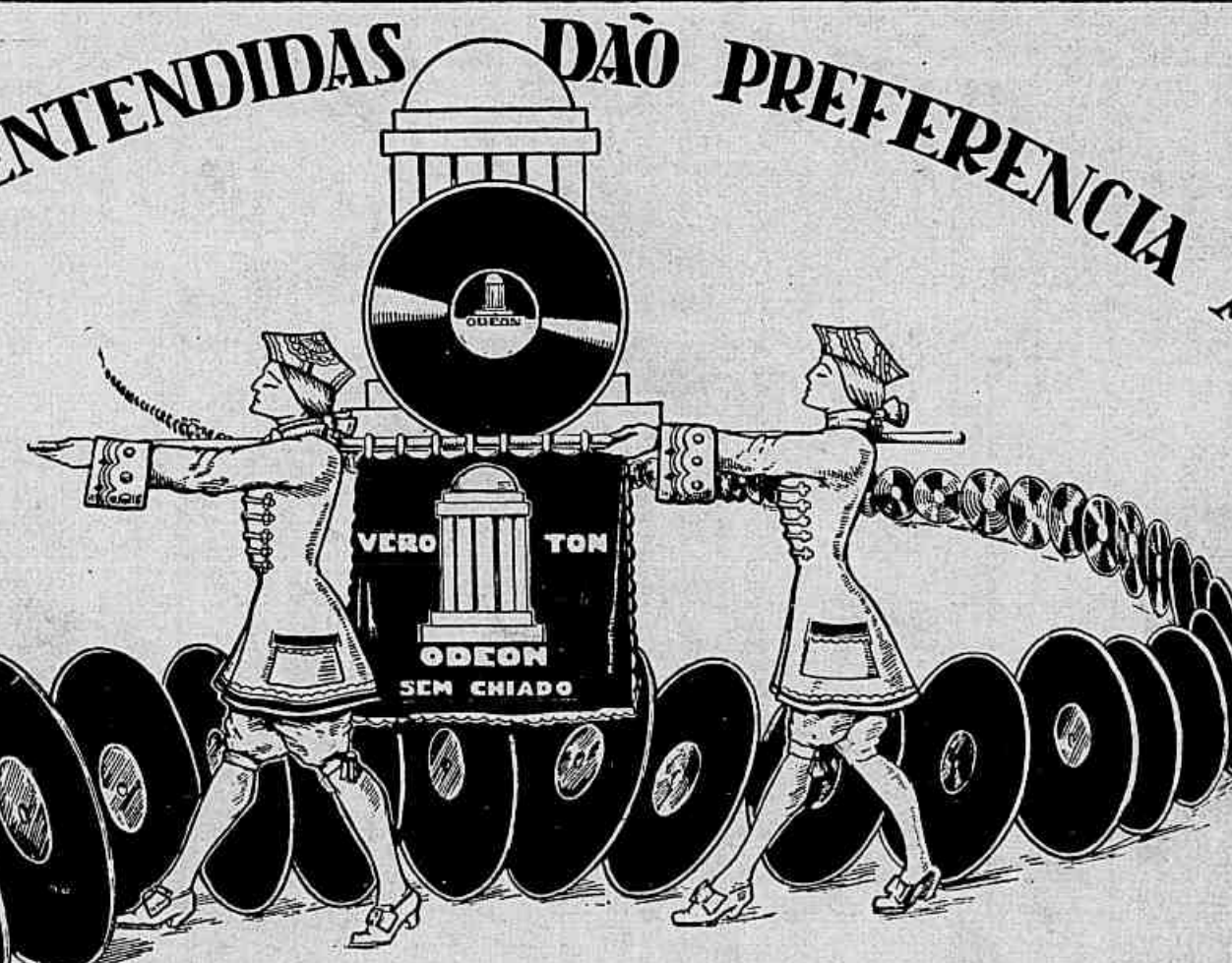
As mulheres que sabem levar em conta isto, e que dão importancia á opinião dos homens, evitam o uso de qualquer substancia que denuncie que sua belleza não é completamente natural. E' por isto que taes mulheres em numero sempre maior estão adquirindo o costume do emprego da cêra mercolized (em inglez: "pure mercolized wax") que se pode encontrar em qualquer pharmacia. Applicando a cêra mercolized á noite e retirando-a pela manhã, ellas obtêm e conservam uma cutis completamente natural, pois a cêra nada accrescenta á cutis velha, ao contrario procede á extirpação desta ultima, absorvendo gradualmente de modo imperceptivel as cellulas mortas fazendo apparecer a fresca, clara e avelludada tez, que se acha immediatamente por baixo, cuja apparencia sã e juvenil nunca poderá se confundir com a de uma pelle rigida e artificial.

Senhorinha Selene da Silva Piragibe, filha do desembargadar Vicente Piragibe, e sr. Eudoro Magalhães, funccionario do Thesouro Nacional, no dia do seu enlace.

nos da sua existencia, ao facto de haverem tido a bôa sorte de ter bons paes.

Todo ente que reflecte, se olhar para trás e contemplar o conjuncto da sua vida, póde ver sem grande trabalho os pontos em que seu caracter mesmo se teria modificado se os acontecimentos que não estavam sujeitos á sua vontade tivessem sido differentes.

O facto de não estarmos presos é certamente devido aos nossos proprios esforços, a partir de uma certa idade. Mas, precedentemente, não dependia de nós.

Naturalmente não escrevemos isto para desculpar fraquezas e más tendencias, mas simplesmente para chamar a attenção daquelles que se attribuem todo o valor dos seus bons habitos. O facto de seguirem um caminho melhor traçado que tal ou qual de seus companheiros não prova absolutamente que valem mais do que elles. O verdadeiro criterio do valor de um homem não está na comparação de seu merecimento com o dos que o rodeiam. Para fazer um julgamento justo, é preciso ver a que ponto conseguio desenvolver os elementos que tinha em si. Se tinha partido com grandes vantagens, é evidente que se deve exigir delle muito mais que de um outro que desde o berço teve mil estorvos.

Turma de reservistas de Friburgo, de 1927, vendo-se os alumnos approvados, suas madrinhas, a commissão examinadora, e ao centro o 1.º sargento instructor, Carlos Vieira de Carvalho.

Não se póde por esta razão fazer um julgamento justo baseando-se sómente sobre o comportamento actual do individuo. Foi Emerson quem disse:

«Nada póde explicar melhor um homem do que a sua historia toda inteira».

O caracter do homem é um composto dos seus habitos, mas sómente conhecendo toda a sua vida se póde saber se esses habitos representam um progresso, um avanço sobre o ponto onde poderiam estar ou, antes pelo contrario, um recuo, uma descida.

Tem menos importancia o ponto a que chegaram do que o facto de saber se subiram tanto como poderiam ter feito.

NOSSA ALIMENTAÇÃO

FEIRA GASTRONOMICA

No mez de Novembro realizou-se em Dijon (França) a celebre Feira Gastronomica, que foi creada em 1921. Foi escolhido aquelle mez para essa manifestação annual, de interesse sempre crescente, porque é o mez que melhor permitte apreciar os bons pratos regionaes (concursos culinarios teem logar todos os dias entre os principaes hoteis e restaurantes, sendo nesta época que os seus deliciosos vinhos estão com todas as suas vantagens). E tambem porque é o periodo no qual todos os trabalhos de campo estão terminados, os camponezes não tendo assim impecilhos para virem assistir a taes manifestações.

Entre as industrias de Dijon estão classificadas em primeiro logar aquellas que trabalham para a alimentação: sete fabricas de *pain d'épices* (pão feito com farinha de trigo, mel e mais temperos), treze fabricas de mostarda, muitas fabricas de biscoitos, sendo uma dellas de grande importancia, além de muitas usinas de distilação, licores e outras bebidas alcoolicas.

MENU DE ALMOÇO

CAMARÃO DE FRICASSÉ
PIRÃO DE FARINHA
DE MANDIOCA

A senhorinha Esther Pinto de Sousa e o capitão Alceu da Silva Amaral, adjuncto do Serviço de Engenharia da 1a. Região Militar, no dia do seu enlace, rodeados pelos seus *garçons* e *demoiselles d'honneur*.

MACARRÃO A' ITALIANA

ARROZ DE CABRITO

OVOS EM CANEQUINHAS

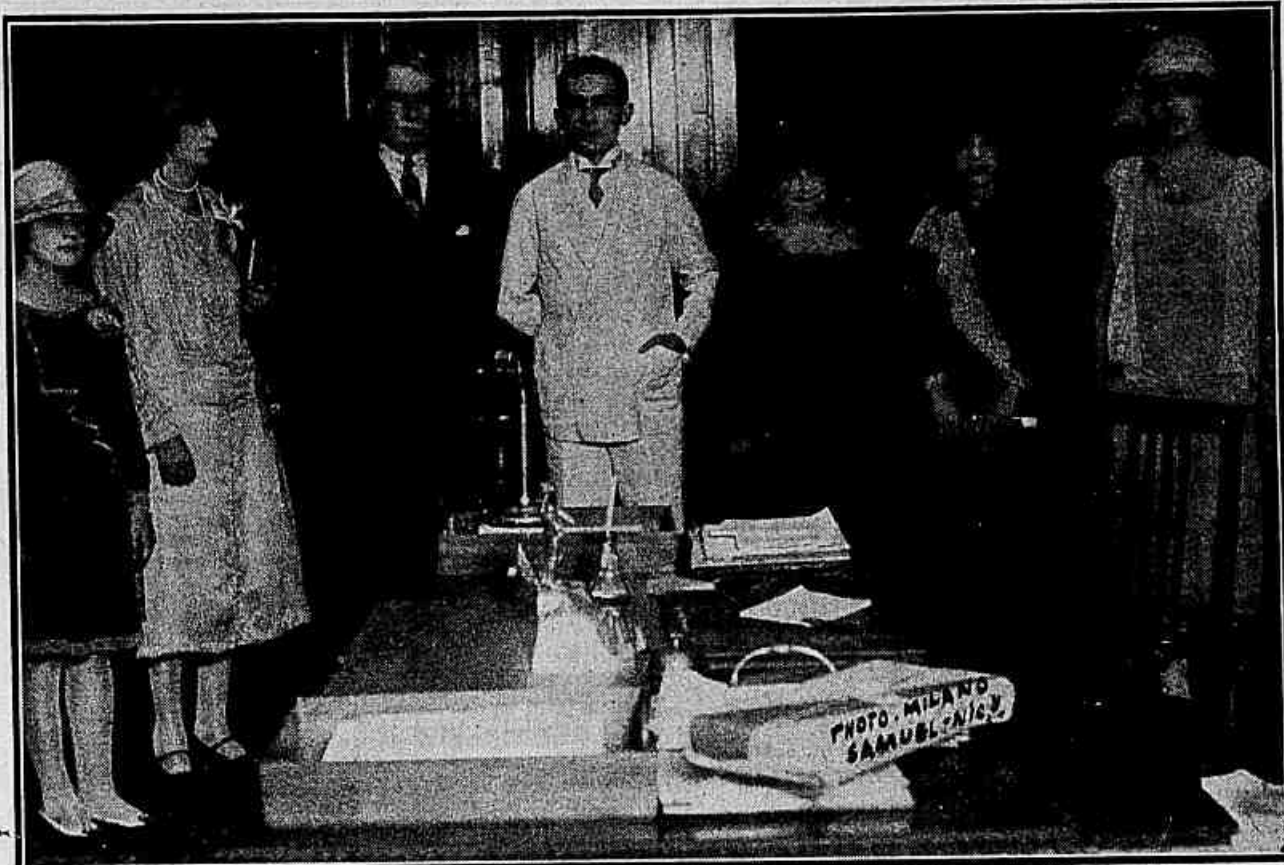
BOLO DE CHOCOLATE

BOLACHINHAS DE AMMONIACO

CAMARÃO DE FRICASSE'

Depois de bem lavados os camarões, põem-se numa panella con agua que os cubra bem e temperada com sal. Depois dos camarões cozidos, são descascados e as cabeças, depois de tirados os olhos, são bem socadas num gral e depois passadas por uma peneira fina. Essa massa que se obtem das cabeças é posta de parte numa tigela. Põe-se 100 grs. de manteiga numa panella e, logo que esta esteja derretida, põe-se dentro os camarões descascados e mexe-se muito bem com uma colher de páu, uns cinco minutos; depois junta-se-lhes umas duas colheres pequenas de farinha de trigo peneirada e mexe-se muito bem, juntando depois quatro colheres, das de sopa, da agua em que foram cozidos os camarões, de maneira a obter um môlho bastante espesso. Depois, numa tigela, mexe-se bem tres gemmas com meia colher de manteiga e um pouco de salsa picada; despeja-se isso dentro da panella dos camarões, mexendo com uma colher de páu muito depressa, e no caso do môlho ficar espesso de mais junta-se-lhe um pouco mais da agua onde foram cozidos os camarões, e por ultimo junta-se então a massa das cabeças, mexendo-se tudo muito bem. Arruma-se numa travessa.

MACARRÃO A' ITALIANA

Põe-se numa panella um litro d'agua e um pouco de sal; logo que aquella ferva, despeja-se dentro 250 grs. de macarrão italiano, inteiro; quando estiver meio cozido, escorre-se a agua por um coador e corta-se o macarrão em pedaços; depois mette-se outra vez na panella, e deita-se-lhe por cima uma concha de môlho de carne; põe-se a panella em fogo brando, para acabar de cozinhar o macarrão. Junta-se-lhe alguns cogumellos picados, umas

Membros da commissão de professores fluminenses que, em companhia do inspector escolar sr. Rubens Falcão, promoveram uma homenagem de apreço ao dr. Arnaldo Tavares, secretario do Interior e Justiça do vizinho Estado, dias antes de s. ex. deixar a pasta que vinha occupando.

Inauguração, na Bahia, da Exposição de caricaturas de costumes brasileiros, de Raymundo Chaves Aguiar.

tres ou quatro salchichas cozidas e cortadas em pedaços, um pedaço de presunto, tambem picado. O macarrão estando cozido (mas não demais: os canudos devem ficar direitos), tira-se para fóra do fogo, deita-se-lhe 100 grs. de manteiga, uma bôa quantidade de queijo parmezão ralado, e mexe-se tudo muito bem para derreter a manteiga e ficar tudo bem ligado. Põe-se o macarrão dentro de uma frigideira ou prato que vá ao forno, por cima uma camada de queijo ralado, e depois manteiga derretida, outra vez queijo ralado, e vae ao forno para tostar.

——

ARROZ DE CABRITO

Corta-se um cabrito bem novo em pedaços. Mettem-se todos estes pedaços numa frigideira grande, e tempera-se com sal fino, 2 dentes de alhos pisados, 1 folha de louro, 1 decilitro de vinagre, salsa picada, uma pitada de pimenta, 2 decilitros de vinho branco, sumo de um limão e 250 grs. de manteiga; deixa-se ficar o cabrito nessa *marinade* por espaço de duas a tres horas, tendo o cuidado de que todos os pedaços fiquem bem mergulhados; passado este tempo, põe-se a frigideira no forno, para que fiquem corados estes pedaços.

Cozinha-se o arroz como de costume, mas pondo um pouco menos de agua; quando estiver quasi prompto junta-se-lhe todo o môlho do cabrito. E' preciso que o arroz fique bem cozido, mas não secco. Arruma-se na travessa o arroz, e por cima os pedaços de cabrito.

Banquete offerecido ao sr. Akl Jorr, ex-presidente do Phenicio Club, pelos membros dessa aggremiação e admiradores da coloria syhio-libaneza.

OVOS EM CANEQUINHAS

Faz-se um pouco de môlho branco com uma chicara de leite, uma colher das de chá bem cheia de manteiga e a maizena necessaria para que o môlho fique com bôa es-

pessura. Arrumam-se dentro de um taboleiro com um pouco d'agua as canequinhas que se precisar; põe-se dentro de cada qual um pouco de manteiga e leva-se o taboleiro ao forno o tempo necessario para que a manteiga derreta. Depois quebra-se dentro de cada uma um ovo, cobre-se com o môlho branco, que deve estar frio. Vae ao forno para tostar levemente.

BOLO DE CHOCOLATE

Batem-se bem 3 gemmas com 2 chicaras de assucar; em seguida bate-se em separado uma chicara de manteiga até que ella fique completamente branca; junta-se a massa das gemmas, mistura-se muito bem, juntando depois uma chicara de leite e 3 colheres de chocolate em pó e depois tres chicaras de farinha de trigo que se peneira com uma colherinha de fermento inglez, e por ultimo as tres claras muito bem batidas. Mistura-se tudo muito bem e despeja-se dentro de uma fôrma untada com manteiga e polvilhada com farinha de trigo.

Põe-se para assar em forno regular.

BOLACHINHAS DE AMMONIACO

Mistura-se bem um prato de sobremeza de farinha de trigo, outro de polvilho e outro de assucar; junta-se depois 4 claras e 5 gemmas e uma colher de manteiga, e por ultimo uma colher das de chá de ammoniaco em pó. A massa depois de bem amassada é aberta com rolo e as bolachas são cortadas com forminhas ou, na falta destas, com chicaras de café; depois são pintadas com gemmas de ovos e polvilhadas com assucar crystalisado. O forno deve estar muito quente.

Preceitos de hygiene

LAVAGEM DO ROSTO

Saber pintar-se bem é uma coisa muito importante para as faceiras, mas

saber tirar muito bem essa pintura é talvez mais importante ainda. Porque dessa maneira de tirar, de limpar o rosto depende a conservação da belleza.

Fôr liquidos adherentes, pó de arroz, carmim nas faces e nos labios, preto, azul ou cinzento nos olhos não será muito nocivo em si se a faceira escolher os bons productos, mas é preciso que a pelle descanse, que a pelle respire.

Esse repouso ella o pode ter á noite.

E' portanto necessario, todas as noites, proceder á toilette do rosto. As mulheres que se deitarem sem ter lavado convenientemente o rosto envelhecerão muito mais depressa que as outras, porque de noite ficam com os poros fechados, d'ahi congestões das glandulas, má circulação, anemia dos tecidos.

Os actores e actrizes tiram com o maximo cuidado, logo que acabam de representar, a grande camada de pintura que são obrigados a pôr para o effeito do palco.

Todo rosto pintado precisa forçosamente ser limpo á noite. Para essa limpeza é empregada a vaselina. Um corpo gorduroso, com effeito, tira completamente a pintura, mas essa operação só não é sufficiente: os poros continuariam tapados com a gordura.

A lavagem do rosto com agua morna, e com um bom sabão, dá explendido resultado.

Mas, como ha muita gente que não se dá bem com o sabão, devem então lavar o rosto em agua morna onde se fez derreter uma colherada de bicarbonato de soda por litro d'agua.

Outras pessoas dão-se melhor com uma loção feita com agua de Colonia e agua distillada.

Os rostos de pelle gordurosa tirarão resultado em ser limpos dessa maneira.

Tambem se pode de tempos em tempos passar sobre o rosto, á noite, um pedaço de algodão imbebido no ether. Fazer essa operação muito rapidamente e longe de qualquer chamma: o ether é extremamente volatil e inflamma-se com extrema facilidade.

Para as pelles muito seccas a vaselina misturada com lôa agua de Colonia dá muito bom resultado para a sua limpeza.

teressante as dansas antigas figuradas.

CONSELHOS PRATICOS

BOA RECEITA PARA TIRAR MANCHAS DE TINTA

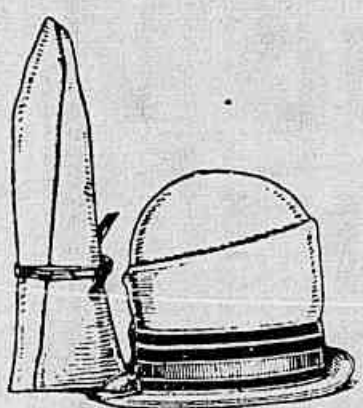
Faz-se aquecer sumo de limão (o limão deve ser descascado antes de espremido).

Imbebe-se a mancha com esse sumo quente. Esfrega-se, depois enxagua-se com agua morna quando a mancha desappareceu. Sobre um tapete, mesmo claro, esta receita dá bons resultados.

MANCHAS DE TRANSPIRAÇÃO

E' possivel tirar-se as manchas de transpiração, mas quanto mais depressa se fizer melhor será. As manchas recentes são tiradas facilmente com ammoniaco misturado com agua. As manchas antigas difficilmente pódem ser tiradas, mas póde-se tentar tiral-as com acido oxalico misturado com agua; enxaguar muito bem depois com agua.

RECEITA PARA DAR O BONITO TOM AZUL AO AÇO

Quando os objectos de

DANSAS MODERNAS

A ultima invenção nos Estados-Unidos, no que diz respeito a dansa, é aquella a que puzeram o nome de *kinkajou*. O *kinkajou* é um gato selvagem, nocturno, vegetariano e munido de uma grande cauda (assim nos informa o Larousse). Com certeza quem inventou esta dansa inspirou-se nos movimentos desse animal.

Já foi ella dansada em Paris, na grande sala dos professores de dansa Stib e Pradere. Não teve no entanto o successo que esperavam do *kinkajou*; teem muito mais probabilidade de exito outras dansas, taes como o *rithmic step*, que faz reviver nas suas figuras alguns dos passos saltitantes da antiga polka, mas sobretudo o *yale*, que estava fazendo verdadeiro furor na Inglaterra; reune ella os passos do *fox*, do *boston* e de outros *steps* modernos, fazendo lembrar de uma maneira in-

aço, taes como tesouras, pinças e outras pequenas ferramentas, perderam o seu polimento devido á transpiração das mãos, e que estão com tendencia a enferrujarem-se, deve-se-lhes dar um bonito tom azul, que as preservará ao mesmo tempo da ferrugem.

Começa-se por polir os objectos que se quer azular, ou com pó de pedra pomes ou com pó de esmeril. Depois toma-se uma vasilha, que se enche mais de metade com agua; e uma barra de ferro chata deve ser collocada sobre o orificio d'essa vasilha. Faz-se então aquecer, até ficar branca, a barra de ferro; n'este estado pousa-se sobre a vasilha e colloca-se em cima d'ella os objectos a azular. Logo que o objecto tome a côr desejada, faz-se cahir rapidamente dentro da agua fria; não se terá mais do que enxugar com um panno bem secco.

COLLA PARA O MARMORE E O ALABASTRO

Obtem-se um cimento excellente com doze partes de cimento de Portland, seis partes de cal queimada, seis de alvaiade e uma de giz, tudo bem pulverisado; mistura-se com silicato de soda até formar uma pasta espessa.

PENSAMENTO

A verdadeira felicidade que podemos ter neste mundo, é a de fazer felizes.

CALDERON.

Mme. Selda Potocka, antiga assistente da clinica do dr. Buchener, de Londres, responderá a todas as consultas sobre o tratamento da pelle e do cabello e hygiene da mulher. Dirigir correspondencia para a rua Paysandú 111. Rio de Janeiro.

Dinorah (Jaboticabal) —Queira enviar-me o seu endereço afim de poder responder melhor a todas as suas consultas e dar-lhe as informações que me pede.

Landy — O tratamento que lhe aconselho, para combater a dilatação dos poros, consiste em compressas quentes, juntando á agua uma colher da *Loção dos Cravos*. Como fixativo do Pó de arroz deve usar a *Loção Adstringente*.

Antes da applicação da compressa pode fazer uma ligeira massagem manual com *Crême de Massagem*. Não vejo vantagem em que recorra a quaesquer apparelhos para a massagem do seu rosto. E' uma operação facil, para a qual basta utilizar as pontas dos dedos.

J. G. — O meu preparado *Brilho das Unhas* suprime rapidamente as manchas brancas que apparecem nas unhas.

Edison (Ribeirão Preto) — O melhor especifico para reduzir a gordura é um regimen alimentar de que sejam eliminadas o maximo possivel de gorduras.

Consuelo (S. Paulo) — Humedeça diversas vezes ao dia os pontos brancos com a *Loção dos Cravos*. Se elles resistirem depois de um mez de tratamento, será então preciso recorrer á electrolyse.

Corina Azevedo — Quando vier ao Rio, terei muito prazer em conversar comsigo sobre o assumpto principal da sua consulta.

Quanto ao grão de *beauté* seria uma simples tatuagem que qualquer medico poderia fazer.

Augusta (Juiz de Fóra) — Envie-me o seu endereço afim de eu poder enviar-lhe um prospecto com as indicações necessarias ao tratamento que deseja.

Dora — Deve usar-se rouge, porém um rouge delicado como *Rosita*, cujo colorido parece tão natural. Como usal-o? Sendo seu rosto cheio e redondo, deve applical-o nas faces. Tendo o rosto magro, o seu objectivo deve ser imprimir com o rouge uma expressão delicada e fascinante, applicando o rouge sobre as maçãs do rosto. O mesmo rouge serve para os labios e para colorir as unhas. Encontra á venda o rouge *Rosita* como o sabonete *Sylkale* em Petropolis na Casa Moderna.

Mme. Pereira — Não é conveniente usar-se o Pó d'arroz sem um fixativo. A delicada estructura da pelle por debaixo do Pó de arroz expande-se e d'ahi o resultado dos poros dilatados. Recommendo-lhe misturar a *Loção de Embellezar* e agua oxygenada em partes eguaes. Usando-a como fixativo do Pó de arroz ella imprime á pelle um admiravel tom de marfim.

Cecilia — Como combater as primeiras rugas que lhe apparecem ao canto dos olhos? Com a massagem. Unte bem os dedos com o *Crême de Massagem* e execute a massagem decalcando a pelle com as pontas dos dedos em successivas pressões, sem a distender. Toda a mulher devia aprender a habituar-se desde muito nova a fazer a massagem do rosto, para defender a sua belleza contra os estragos do tempo e as fadigas da vida.

Mlle. Tavares — Deve-se usar sabonete na lavagem do rosto? Por que não? Nós lavamos o rosto para o limpar.

Considero o uso do meu sabonete *Sylkale* conveniente á sua pelle. Os sabonetes, de glycerina além de promover o crescimento de pellos no rosto, escurecem a pelle.

Margarida — O *Tonico* nº. 9 lhe fará cessar rapidamente a queda do cabello. Antes de principiar o tratamento lave a cabeça com *Shampoo Pó*.

Mme. Barros — A deterioração precoce da sua pelle foi causada pelo alcool aromatizado. Para conseguir de novo a saude da sua cutis faça com perseverança o tratamento hygienico da pelle, que encontra indicado a pags. 7 e 8 do meu prospecto.

Cecilia — O bom gosto é mais instincto do que sciencia. Elle é um producto da sensibilidade.

SELDA POTOCKA

Consultorio Odontologico

M. C. (S. Paulo) — A formula é a seguinte: Brometo de ethyla 5,0; Chloreto de ethyla, 60.0; chloreto de methyla, 35.0;

Saul de Lemos (Pernambuco) — Sabão de magnesia 10,0; Carbonato de calcio precipitado 9.0; Essencia de rosas X gottas; Essencia de hortelã, X gottas; Essencia de alfazema, X gottas; Carmim, Q.S.

Decio Soares (S. Paulo) — Antes das refeições de preferencia.

Carlos (Rio Grande do Sul) — O Neurodont, por exemplo.

V. C. D. (S. Paulo) — Pela manhã e á noite antes de deitar-se.

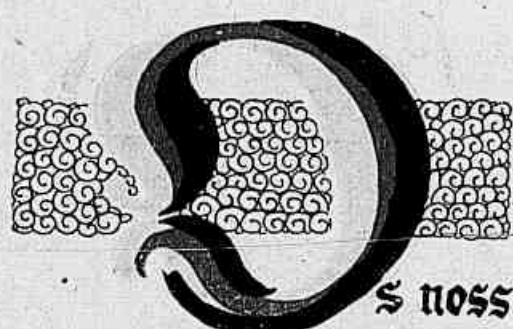
Barbosa (Amazonas) — Permanganato de potassio, 3 centigrammas; Agua distillada 30 grammas. 10 gottas num copo com agua para bochechos.

Assumpção de Brito (Minas Geraes) — Use: Acido phenico crystalizado 5,0; Tintura de iodo 10,0; Essencia de Limão 3,0; Essencia de hortelã 5,0; Alcool a 90 gráus 1.000,0.

Remoal (S. Paulo) — Nem sempre.

ALEXANDRINO AGRA

Toda a correspondencia para esta secção deverá ser enviada para o consultorio do cirurgião dentista Alexandrino Agra, á rua Rodrigo Silva, 28 — 1º andar. telephone central 1838.

Ha faltas que se expiam, mas que não se póde reparar.

Os nossos filhos são toda a nossa alegria, toda a felicidade do lar.

Para que estas nunca possam ser ameaçadas por golpes da adversidade, contra os quaes não estão protegidas, segure sua vida!

Não espere até que seja demasiado tarde!

Encha agora mesmo e envie-nos o coupon abaixo, e nós lhe mostraremos como, com sacrificios minimos, póde obter a segurança de seus entes queridos.

Fazendo isto satisfará a voz de sua consciencia e fará tambem o melhor negocio da sua vida.

COUPON
Á Sul-America-C.P. 971, Rio

Peço informarem-me como proteger a felicidade da minha familia.

Nome ______________________

Endereço ______________________

______________________ R.S.

SULAMERICA

CIA. NACIONAL DE SEGUROS DE VIDA

Ouvidor esq. Rua Quitanda - Rio de Janeiro

PUBLICIDADE INTERNACIONAL